

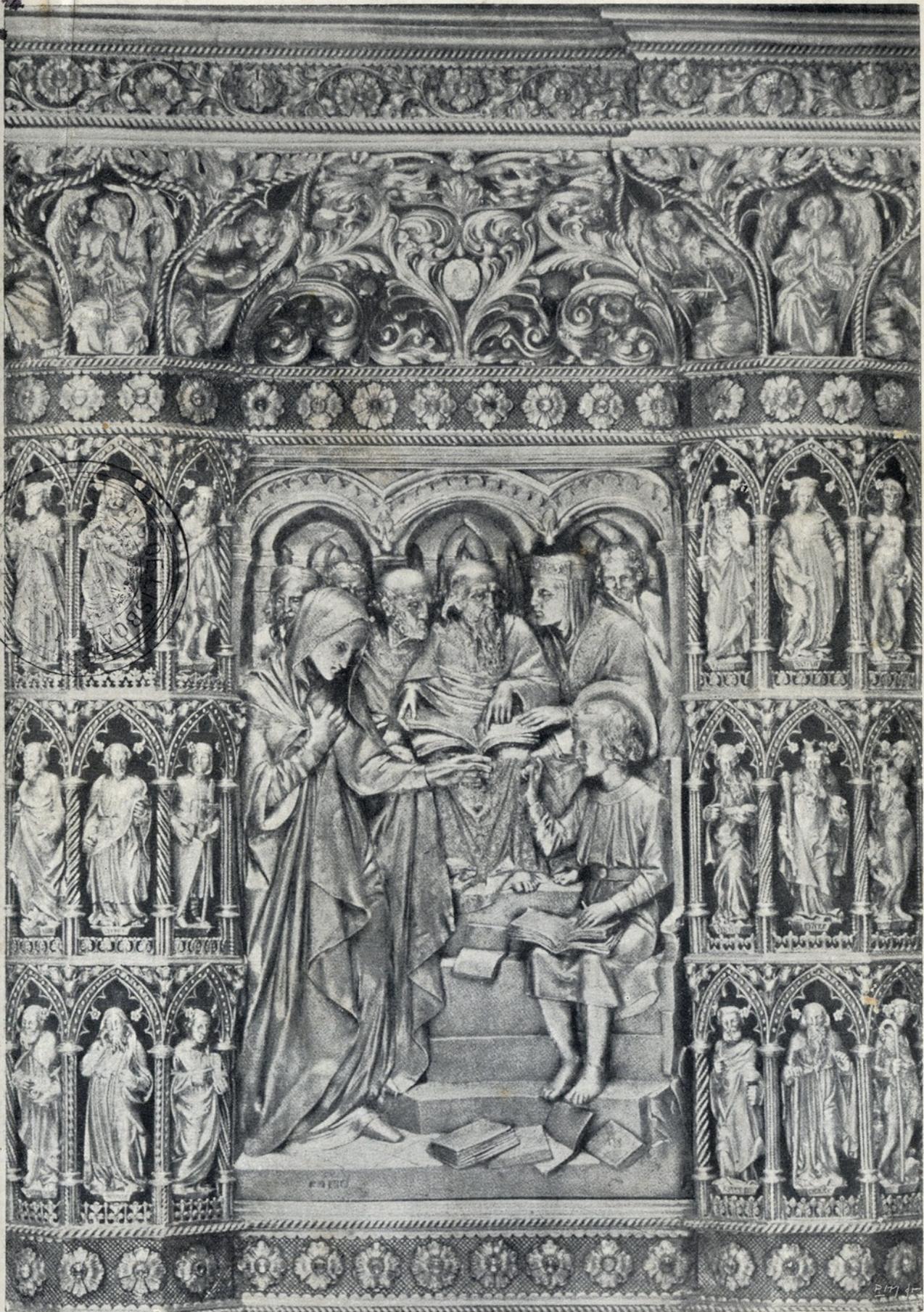
Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 66 — Dezembro 1910

Assignatura } Semestre.. 1\$200
 } Anno 2\$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Anuario Commercial





**A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA**

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

**CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE**

CONSTRUÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAS

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.º 256—BELEM

Deposito d'Exposição Permanente

Telegrammas

AVENIDA DE D. CARLOS
E

Santamaro
LISBOA

RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

A ILUSTRADORA L. DO Carmo 17, LISBOA

Summario

MAGAZINE

PAG.

ELIESER EM CASA DE LABAN Reproducção de um quadro da escola italiana (<i>Frontispicio</i>)	402
NOITE DE NATAL (<i>Versos</i>) por URBANO DE CASTRO (<i>1 illustração</i>)	403
OS SOBERANOS DA EUROPA (<i>5 illustrações</i>) por PORTUGAL DA SILVA	404
FÉ (<i>Versos</i>) por J. FIGUEIREDO	413
O CASO DO MERGULHADOR (<i>2 illustrações</i>) versão do inglês por MANUEL DE MACEDO	414
AUTHENTICOS HEROES (<i>Versos</i>) por ALEXANDRE FONTES	419
OS JARDINS DA HISTORIA Traducção de A. TEIXEIRA DOS SANTOS	420
FIGUEIRA DA FOZ (<i>1 illustração</i>)	425
MARIA JOSÉ (<i>3 illustrações</i>) por CLARO DAS NEVES	426
MINHA MÃE (<i>Versos</i>) de RICARDO DE SOUZA	433
O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA (<i>2 vinhetas</i>) por CARNEIRO DE MOURA	434
ARTISTAS ITALIANOS (<i>5 illustrações</i>) compilado por EDUARDO DE NORONHA	438
A ESCOLA MATERNAL FRANCESA (<i>2 illustrações e 1 vinheta</i>) por F. ADOLPHO COELHO	444
O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO (<i>14 illustrações e 1 vinheta</i>) por CARLOS ABREU	451
CHORAR (<i>Versos</i>) por CARLOS CILIA	460
IMPRESSÕES D'ARTE (<i>7 illustrações e 1 vinheta</i>) por ALFREDO PINTO (SACAVEM)	461
CRÓMO (<i>Versos</i>) por D. MARIA DA CUNHA	466
VIDA UNIVERSAL (<i>Versos</i>) por ODILON NESTOR	467
ECCOS E REFLEXOS (<i>10 illustrações e 1 vinheta</i>)	468

A MUSICA DOS SERÕES

HYMNO DO MINHO	3 pag.
--------------------------	--------

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — <i>Notas sobre Anthero de Quental</i> , 1 vol. br.	700
Conan Doyle — <i>Aventuras do Brigadeiro Gérard</i> , 2 vol. ilustrados, cada	200
José de Figueiredo — <i>O pintor Nuno Gonçalves</i> , 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1\$500
Antonio Sergio — <i>Rimas</i> , 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — <i>Peregrinação</i> , edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — <i>Obras</i> , 2 vol. br.	1\$200
André Brun — <i>Dez contos em papel</i> , 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — <i>Diccionario Pratico Illustrado</i> , 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3\$000

CASTELLO DE MOURA



Afamadas aguas minero-medicinaes e indiscutivelmente as melhores de meza.

Refrigera os saos e cura os doentes

Grand Prix, Rio de Janeiro 1908 — Medalhas de Ouro, Madrid 1907, Porto 1904 — Medalha de Prata, S. Luiz 1904.

TELEPHONE 880

Deposito geral: Rua Arco do Bandeira, 24

As nossas capas de luxo

Com o n.º 66, completa este bello magazine portuguez — **Serões** — o **ii.º volume** da **2.ª serie**.

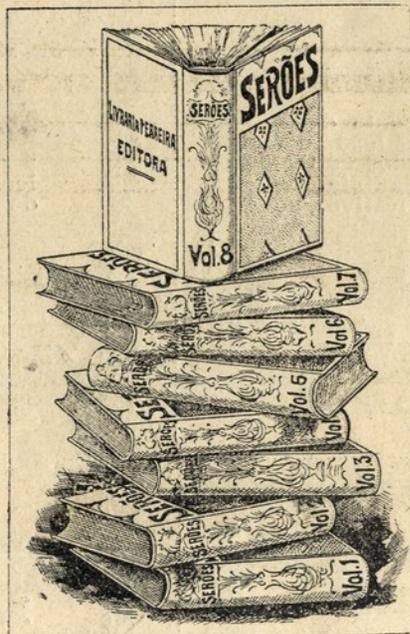
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

I.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

ONZE VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigida á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^A

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer logar nos espectaculos realizados ás terças feiras, ou dia seguinte pasado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de dezembro 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

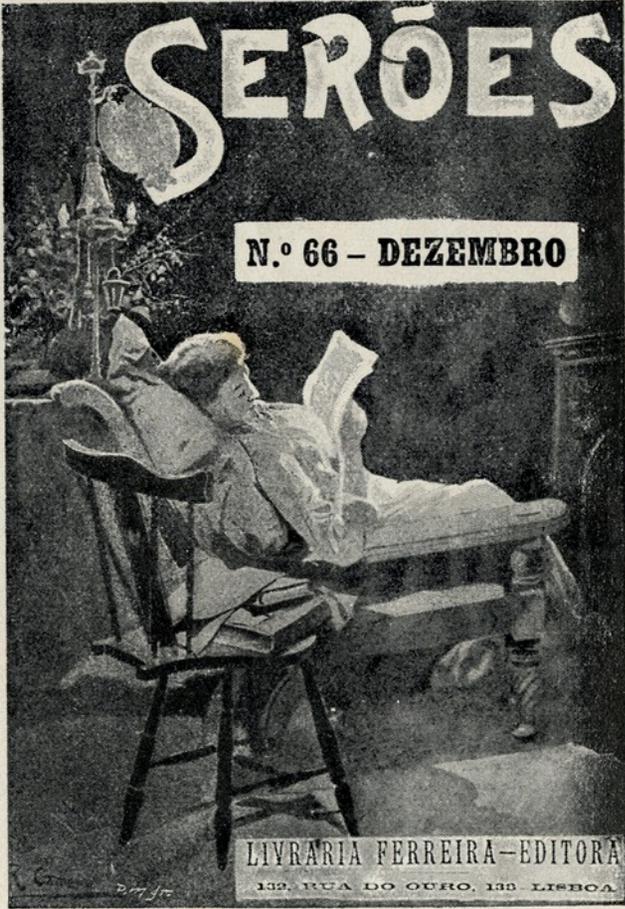
CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de dezembro 1910.

SERÕES

N.º 66 - DEZEMBRO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORIA

132, RUA DO OURO, 132 LISBOA



ELIESER EM CASA DE LABAN

Reprodução de um quadro da escola italiana



*Noite, noite de Natal,
Noite sobre todas santa,
Isenta de todo o mal,
Feita de puro crystal,
Noite augusta, sacrosanta!*

*Noite, noite em que Maria,
Cheia de graça e de luz,
Entregou à luz do dia
O cachopinho Jesus,
Nossa luz, nossa alegria!*

*Quantas luzes nos altares
Das ermidas mais modestas!
Que sons alegres nos ares!
Que festa em todos os lares!
Boas festas, boas fesias!*

Urbano de Castro.



Os Soberanos da Europa

II

O REI DE HESPANHA

D. Affonso XIII

O dia do santo d'El-Rei — As recepções officiaes — A côrte e os convidados — Vocação artistica e vocação militar — A actual Rainha d'Hespanha — A Rainha Christina — Uma gentileza a um anarchista — O «Esperanto» — A alegria da mocidade — Anecdotas.

É uma mocidade a que se assenta no throno d'Hespanha, e que muito cedo, creança ainda, foi chamada a presidir aos destinos do paiz, sob a regencia de sua Augusta Mãe, a Rainha D. Maria Christina, cujos dotes de coração e extraordinaria habilidade d'estadista se revelaram n'essa difficilima phase que atravessou com as luctas de partido e uma espinhosa situação internacional.

O successor do mallogrado D. Affonso XII, em seguida á sua coroação — 17 de maio de 1902, quando completava 16 annos, — teve como primeira preocupação a de consolidar as finanças e desenvolver uma proveitosa politica commercial. E com esse intuito foram enviadas delegações aos paizes que mais vantagens offereciam, incumbidas de fazer uma propaganda que servisse de base a novos tratados favoraveis ao intercambio com a Hespanha, augmentando as rendas do Estado.

A instrucção d'El-Rei é variadissima, tendo tido como professores os homens mais afamados, que lhe ensinaram, além dos idiomas, sciencias e artes, os exercicios athle-

uticos e diferentes desportos, tornando-se um adestrado esgrimista.

Ao subir ao throno resumiu o seu programma n'estes termos:

— Nunca deixarei de ser bom hespanhol e bom catholico como todos os meus predecessores, e como homem do meu seculo, verdadeiro liberal.

Aproveitando as manifestações de sympathia e apreço que lhe foram tributadas por essa occasião, buscou estreitar as relações diplomaticas do seu paiz com as nações que visitou e onde foi longamente aclamado.

A vida do Rei

Costumava levantar-se das 7 para as 7 $\frac{1}{2}$ da manhã, e após as abluções necessarias, o que levava uma hora, tomava o primeiro almoço em companhia de sua mãe e de sua irmã a Infanta D. Maria Theresza.

Depois d'alguns momentos de conversação familiar, entrava nos seus aposentos e durante uma hora conferenciava com os

seus ex-professores, recebendo assim o ensino, embora sem o character de lição.

Mas a quem dava especial attenção era ao Conde de San Bernardo que se occupava de questões agricolas, agradando-lhe tambem os assumptos militares, conversando com as pessoas que mais ao par estavam dos progressos do exercito.

Das 10^{1/2} ás 11 recebia o pessoal superior do palacio, depois os ministros que iam alli todos os dias, menos aos sabbados, em que concedia audiencia a que assistiam, além das pessoas que a solici-tavam, politicos, gentis-homens, generaes, cavalleiros do Tosão d'Ouro, etc.

Almoça ainda hoje á uma com a familia, sendo convidados alguns officiaes de serviço.

A não ser para visitar o acampamento, o hospital militar

ou os quartéis, de manhã sahia raras vezes, mas depois do almoço entregava-se durante duas horas a passear de carruagem na Casa de Campo ou no Pardo.

Como a equitação e a caça eram — e ainda são — os seus recreios favoritos, sahe sempre preparado de maneira que se possa entregar ao seu divertimento predilecto.

Se o tempo está mau, joga uma partida de bilhar depois do almoço, vulgarmente com o ajudante ou o chefe da sua casa militar.

E' então que se occupa dos negocios urgentes no caso de haver algum que não possa esperar o despacho ordinario do dia seguinte, entregando-se depois ao exercicio da esgrima.

Até á hora de jantar lê os jornaes e as revistas illustradas, nacionaes e estrangeiras.

Embora um empregado official colleccione diariamente tudo quanto interessa o soberano, gosta de ler as folhas politicas e litterarias, adquirindo d'essa fórma um exacto conhecimento da marcha dos negocios publicos, das necessidades e aspirações do paiz e das exigencias da opinião, podendo formar um juizo seguro que o seu bom cri-



S. M. EL-REI D. AFFONSO XII

(*Photographia tirada quando El-Rei contava 13 annos, e estava no Collegio Theresiano, em Vienna d'Austria. E' hoje rarissima*)

terio lhe permite, fazendo indicações ao governo no sentido que mais justo lhe parece, adoptando as resoluções que a rectidão e firmeza do seu character lhe suggerem nos casos que a sua regia iniciativa consegue resolver.

Das 7 ás 8 janta com as Rainhas, o Principe das Asturias, a Infanta Isabel, o

chefe da sua casa militar, o commandante dos alabardeiros, grandes de Hespanha, pessoal de serviço e algum empregado superior do palacio.

Segue-se uma partida de bilhar ou xadrez, retirando-se o Rei para os seus aposentos pouco depois das 10, se é que não vae ao theatro.

O dia do seu santo

E' a 23 de janeiro, e enquanto os particulares festejam o seu dia em intima expansão, a elle, Chefe do Estado, impõem-lhe obrigações e cerimoniaes officiaes.

Os parentes offerecem-lhe armas e objectos para cavallos e caruagens, e n'esse dia almoça mais cedo com a familia.

Vae depois vestir-se de grande gala para a recepção, que se effectua ás duas da tarde, e a que assistem as camaras legislativas, o corpo diplomatico e os grandes de Hespanha que hão-de formar a comitiva que acompanha Sua Majestade á sala do Throno.

Quando o rei se senta, os grandes collocam-se á direita e as damas á esquerda, atraz os chefes superiores do palacio, na frente o corpo diplomatico, e aos lados d'este os camaristas de serviço e os officiaes da escolta real e dos alabardeiros.

Junto á poltrona régia estão as destinadas

às augustas Rainhas, e os mais membros da Familia Real situam-se ao lado do throno pela ordem de successão á corôa.

A musica dos alabardeiros toca n'uma sala contigua e na grande praça da Armeria as bandas militares.

Estando tudo na fórma exposta, abrem-se as portas do salão, e as pessoas que esperam lá fora desfilam ante o soberano.

Prestando culto a uma antiga usança, concede-se a primazia ao conselho d'Estado e ao Supremo Tribunal, depois, indistinctamente, e em grupos, passam as ordens

militares, os ministerios, academias, corporações, municipio, deputação provincial, officiaes, etc.

Outr'ora esta cerimonia denominava-se *besamanos*, porque cada convidado, ao passar diante do Throno, beijava a mão do Rei. Mas D. Affonso XII acabou com esse habito, e assim agora denomina-se *recepção official*, limitando-se cada qual a fazer um cumprimento.

Pelas 7 da tarde effectua-se o banquete na enorme sala

de jantar cujas paredes são revestidas de formosas tapeçarias, e os tectos formados por uma artistica combinação de marmore e de bronze.

A mesa central, para 80 ou 90 pessoas, está enfeitada com flôres, em pittorescos macissos nos cantos, enlaçados entre si por meio de grinaldas.



S. M. EL-REI D. AFFONSO XIII

A luz esplendida dos candelabros coadunando-se com as velas dos lustres, arrancam deslumbrantes reflexos ao crystal de Baccarat, á porcelana da Bohemia e de Sèvres, e ao serviço em prata que avulta por toda a parte.

Os convidados, que são os ministros e esposas, cavalleiros do Tosão d'Ouro, presidentes dos tribunaes, da deputação e do municipio, capitães-generaes, auctoridades de Madrid, grandes de Hespanha e damas de serviço e funcionarios superiores do palacio, esperam na sala proxima.

A Familia Real, atravessando o salão do Throno, entra na sala de jantar precedida dos mordomos e officiaes da guarda, seguida da sua esplendida comitiva aos accordes da *Marcha Real*.

Quando ha uma pessoa de Familia Real estrangeira, se é uma dama, o chefe do Estado offerece-lhe o braço, se é varão, é este que conduz a Rainha.

O menu compõe-se de 10 a 12 pratos, e seis a sete vinhos generosos, e durante o jantar a banda do Real Corpo d'Alabardeiros executa um brilhante concerto. Tomado o café, espalham-se os presentes pelas salas de Carlos III e Gasparini. Conversa-se um pedaço e cada qual retira-se pouco depois.

E é assim que o Rei d'Hespanha passa o dia do seu santo.

Caracteristicas

Os traços de character que, accentuando-se cada vez mais, vincaram a personalidade de D. Affonso XIII, foram a vivacidade d'imaginação e a energia.

Devido á primeira d'estas duas condições tão apreciaveis, consegue assenhorear-se dos

assumptos mais complicados mediante uma breve exposição ou uma simples leitura, formando um juizo claro, inclinando-se sempre para o lado da razão e da justiça. Mercê da segunda, a firmeza do seu character, é difficil dissuadí-lo do seu proposito desde que se convence que segue o bom caminho

E é a essa faculdade de rapidissima concepção que a clareza da sua intelligencia encontra sempre soluções razoaveis.

Nas suas inclinações artisticas o lugar de preferencia é a litteratura, sem

que isso o obrigue a desdenhar a musica, a pintura... Conhece os classicos e lê com attenção as obras modernas, sendo a sua memoria prodigiosa.

Embora nas caçadas que organisa figurem os melhores atiradores, o maior numero de peças de caça são abatidas por elle.

A equitação não o satisfaria se se traduzisse apenas em passear pelas estradas, e é assim que salta os obstaculos que offere-



SUAS ALTEZAS REAES O PRINCIPE DAS ASTURIAS D. AFFONSO, HERDEIRO DA COROA, E O INFANTE D. JAYME
(A contar da direita para a esquerda)

cem as mais agrestes alamedas da Casa de Campo.

Dando provas da constante atenção que presta ao progresso da agricultura, que sempre considerou como base da riqueza e da prosperidade do paiz, estabeleceu um campo d'experiencias em terrenos que possui no Pardo.

Dividiu-os em tres parcelas, ensaiando a preparação da terra para sementeira e os effeitos dos adubos naturaes e chimicos, assim como dos systemas antigos e modernos da lavoura, adquirindo um enorme conhecimento da agricultura.

A opala hespanhola

Muitos hespanhoes acreditam que a longa serie de calamidades que tem cahido sobre o seu paiz se deve a um anel amaldiçoado, e de que se conta a seguinte historia.

E' uma opala enorme, de coloração muito brilhante, engastada em filigrana d'ouro.

Pertencia a uma famosa aventureira, a Condessa de Castiglione, que junto de Napoleão III attingiu o auge do poder. Entre os seus mais ardentes admiradores notava-se D. Affonso XII, então exilado.

Quando foi eleito Rei e casou com uma sua parenta de sangue real, esse enlace provocou os ciumes da condessa, e assim, mezes depois, a Majestade recebia um pequeno embrulho contendo o anel, offerecido como lembrança da amizade que elle lhe testemunhara.

Mostrando-o á Rainha Mercedes, como ficou encantada com elle, pediu-lh'o, sendo satisfeito o desejo immediatamente.

E desde então não teve mais saude, fallecendo d'ahi a pouco.

Offertou-o a sua avó que morreu decorrido um anno; vae para a Infanta Maria del Pilar que só o usou alguns dias, succumbindo a uma doença mysteriosa; a filha mais nova dos Duques de Montpensier recebeu como herança, e apenas o possui oitenta e tantos dias.

Depois d'esta serie de fatalidades o Rei resolveu andar sempre com elle... mas a sua vida tambem não foi longa.

E os que são estranhamente allucinados pelo pesar, mais uma vez ficarão pensando no mysterio das cousas...

Uma lenda

Acredita-se em Hespanha, que pouco antes da sua viagem a Inglaterra, D. Affonso XIII encontrou uma velha, cujo aspecto o interessou muito. Quiz-lhe dar dinheiro, mas ella recusou desdenhosamente.

— Rei, disse, guarda o teu dinheiro. A minha raça é mais antiga que a tua. Sou a ultima dos moravides, que reinaram em Marrocos e no sul da Hespanha, nos seculos XI e XII. Eu é que te vou presentear com uma moeda d'ouro.

E deslisou-lhe na mão um *zequi* com a effigie d'Ishag, filho de Tachefin, o ultimo dos Reis dos almoravides, executado em 1147 pelos almohades.

— Conserva cuidadosamente esse talisman. Preservar-te-ha de todo o perigo. Ha só uma moeda igual a esta: dei-a a uma joven formosissima e caritativa que um dia passava a cavallo, no momento em que cahiu n'um fosso. Ficando gravemente ferida na cabeça apeou-se, tratou-me e ligou-me com o seu fino lenço. A pessoa que a acompanhava chamava-lhe Alteza. Casa com ella, só ella te fará feliz.

E' a lenda que se ouve com toda a facilidade em Madrid, e sobre tudo o forasteiro.

Diz-se que D. Affonso XIII, quando em Paris se deu a explosão na rua Rivoli, e de que ia sendo victima, mostrava n'esse momento ao presidente da republica, o sr. Emilio Loubet, a celebre moeda d'ouro e contava-lhe a historia, accrescentando que fôra assim que se inteirou que a possuidora do outro *zequi* era a

Princeza Ena de Battenberg

E' assim que á ex-Princeza Victoria Eugenia de Battenberg, hoje Rainha de Hespanha, chamavam familiarmente. E' a filha unica de Sua Alteza Real a Princeza Beatriz, filha da Rainha Victoria e do Principe Henrique de Battenberg, que, ao casar, adoptou a nacionalidade ingleza, e morreu d'uma febre pernicioso a bordo do vapor *La Blonde*, perto das costas d'Africa.

A actual Rainha tem 24 annos, foi educada esmeradamente, e é muito loura, parecendo os seus cabellos fios d'ouro, sendo a pelle alvissima e rosada, e é, talvez, entre

as que teem assento n'um throno, actualmente, a mais formosa. Nasceu no castello de Windsor, o palacio favorito da Rainha Victoria, e esta circumstancia e a affeição que a Soberana tinha a sua filha Beatriz e a seu genro, fizeram d'Ena a sua predilecta, educando-a a seu lado até á sua morte.

Depois passou para a pequena ilha de Wight, onde sua mãe era governadora.

Na Inglaterra estimavam-a muito e a ex-Imperatriz Eugenia, sua madrinha, consagrou-lhe tambem grande carinho.

Sua Majestade a Rainha adora os *sports* e os exercicios physicos.

A Rainha Mãe

A Hespanha é um dos paizes que se pôde orgulhar de ter na sua galeria o maior numero de Rainhas esclarecidas e virtuosas, como D. Maria de Molina, D. Berenguela, D. Isabel I e a Rainha D. Maria Christina, um typo que deve ser invejado.

A influencia d'esta em Hespanha era mais antiga do que se suppunha. Affeioadissima a D. Affonso XII, quando o principe desthronado era um simples estudante no Collegio dos Nobres, de Vienna d'Austria, eil-a sua companheira, jogando ambos o bilhar, apren-

dendo a bicycletta, entregando-se ao prazer do *lawn-tennis* e do *croquet*.

A joven Archi-Duqueza interessava-se por aquelle rapaz sem familia, que lhe contava os seus projectos de pretendente, fazendo-lhe confidencias, que ella com um criterio superior ao seu sexo e com um apurado espirito de mulher, conseguia que influisse no seu animo e formação de character.

Em seguida á viuvez, quando a razão do Estado lhe indicou um novo casamento, Affonso XII pensou desde logo na sua encantadora companheira.

Loura, delicada, de costumes simples e de excelente instincto, D. Maria Christina, á bondade de coração, alliava a força d'uma grande energia.

A primeira entrevista dos dois noivos foi em Arcachon — 23 d'agosto de 1879 — e demonstrou o extraordinario senso da Archi-Duqueza.

O que attrahiu logo os olhos do Rei foi o retrato da Rainha D. Mercedes, posto bem em evidencia. Maria Christina estendeu-lhe a mão e commovida disse:

— O meu maior desejo será recordá-la sempre; succedo-lhe, mas não me atrevo a suppôr que a substituirei.

El-Rei não pôde responder, e lagrimas



SUA MAJESTADE A RAINHA D'ESPAÑHA

em abundancia lhe deslisaram pelas faces.

A Archi-Duqueza Isabel e sua filha chegaram a Madrid a 23 de novembro hospedando-se no palacio do Pardo, d'onde sahiu D. Christina que pôz no Ministerio da Marinha o rico véo nupcial de rendas d'Alençon, onde se misturavam as aguias d'Austria com a flôr de lys dos Bourbons.

A sua elegancia e distincção alcançaram-lhe desde logo as sympathias do povo.

A ventura da Rainha foi breve; a morte de D. Affonso emergiu-a na amargura e no desespero, e só na tempera do seu caracter, no seu sentimento do dever, encontrou forças para resistir á dôr. E foi terrivel, porque o adorava. Inclinação sobre o leito funerario, Maria Christina recolheu aquelle supremo grito d'angustia que, na agonia, soltou o Monarcha, reconhecendo a situação critica em que a sua morte deixava o paiz e a dynastia. A physionomia da Rainha adquiriu desde esse dia a expressão de tristeza que nunca mais abandonou. Póde dizer-se que a Regente se divorciou do mundo que se distrahe,

consagrando-se ao filho e aos pesados deveres do seu cargo.

No primeiro conselho a que presidiu, causou o assombro dos ministros a serenidade das suas opiniões.

— Maria Christina é o primeiro dos nossos homens d'Estado! exclamou um d'elles ao sahir.

As suas qualidades como Rainha e Regente foram sempre admiradas, e não menos os seus famosos traços de mulher e de mãe.

Citada como modelo pela educação dos filhos, religiosa sem fanatismo, instruida como poucas mulheres, o seu coração está sempre prompto para commungar em todas

as obras caritativas com uma simplicidade captivante, e é uma das figuras que mais se insinua na côrte d'Hespanha.

Mas ha um factio da vida de Maria Christina, quasi desconhecido, e que me foi contado em Madrid por pessoa digna de todo o conceito, quando alli estive quatro mezes como correspondente d'um jornal de Lisboa durante a guerra de Cuba, e que dá bem a nota d'essa heroica filha de soldado.

Pouco depois do triste dia de Cavite, chegou o ainda mais cruel de Santiago de Cuba, e um dos ministros teve que falar á Soberana. O lendario valor hespanhol desaparecera á entrada d'um porto e tivera que subscrever uma capitulação.

E — contou elle — os olhos de D. Christina diziam bem quanto chorara, e no momento em que tantos desanimavam ella mostrou os seus formosos sentimentos, nobilissimos, varonis, n'um traço de real cavalheirismo.

— Não ha, disse n'um gesto nervoso, lenitivos para o nosso infortunio, é claro; e o que se está passando é terrivel, atterrador, mas na minha alma ainda revive um raio de luz consoladora. Como bom hes-

panhol que o considero, não resisto ao desejo de lhe communicar o unico consolo d'estes momentos de tortura, d'indizível angustia. Perderemos tudo, tudo, e confio ainda em que salvaremos muito, muitissimo. Se o senhor tiver a infelicidade de ser offendido publicamente, embora por um homem robusto, primeiro que a dôr physica sentirá o desejo que o não separem antes de pôr a mão no rosto do offensor. Pois bem, é d'isso, d'isso é que se trata. O general Camara falou commigo. A bordo do *Carlos V*, que póde levar carvão para uma longa travessia, e só com aquelle barco fundeará de frente de Nova-York e arremessará para alli um bom numero de projecteis. Não im-



SUA MAJESTADE A RAINHA D. MARIA CHRISTINA

porta que cause muito ou pouco damno, mas é a mão posta na face do auctor do ultraje que abusa da sua força, e materialmente perderemos muito, porém será um acto d'arrojo proprio da Hespanha, e salvaremos grande parte do que, sem ser territorios, nem barcos, nem riquezas, importa á historia e ao futuro d'um povo. Rézo a cada instante pedindo a Deus que pelo mundo se espalhe esta noticia: *Um navio hespanhol bombardeou Nova-York.*

O ministro a quem a Rainha falava era o jornalista Raphael Gasset.

Anecdotas

O Rei embora muito novo, já venerava sua mãe.

Um dia, não quiz tomar banho, e todos os esforços empregados foram inuteis. Tornou-se necessario chamar a Rainha.

Mas a teima de D. Affonso continuava.

— Muito bem, disse ella, vou para os meus aposentos chorar, visto que não passa d'uma creança rebelde.

E para evitar que as lagrimas d'aquella santa corressem, elle tratou immediatamente d'obedecer.

El-Rei tem a resposta facil e espirituosa. N'um conselho de ministros o marechal López Dominguez apresentou á assignatura regia uma serie de decretos demonstrando a vantagem de cada um.

— Este, disse por fim, refere-se a um amigo meu, ex-governador civil, e que ficaria contentissimo se fosse nomeado senador. E liga tanta importancia ao facto que, se Vossa Majestade não acceder, com certeza morre de desgosto...

D. Affonso olhou para o ministro, sorriu, e pondo o documento ante si assignou depois de ter escripto estas linhas:

— *Indultado da pena de morte e condemnado a prisão perpetua no Senado.*

Um official de serviço ao Paço, recebeu um telegramma participando-lhe que a mãe estava em perigo de vida. Dirigindo-se ao seu superior hierarchico pediu licença para

se ausentar. Mas elle respondeu que não o podia fazer sem auctorisação do Rei. E encarregou-se de lhe participar o que occorria. D. Affonso mandou ir á sua presença o official e disse-lhe:

— Parta já, e como é grande a distancia d'aqui a Avila, vá no meu automovel.

— Mas, Senhor, sou eu que estou de guarda esta noite.

— Ficarei em seu logar. E Deus queira que encontre melhor sua mãe.

E estendeu a mão ao official que lh'a beijou com os olhos razos d'agua.

No caminho que vae de Villaviciosa a Odon, um carreiro espicaçava despidadamente o animal que puxava a carroça. Até que este animal, fatigado e moido, recusou-se a andar, e por fim estatelou-se por terra. N'essa occasião appareceu um automovel guiado por um elegante rapaz, que ia acompanhado d'uma senhora e mais duas ou tres pessoas. O automovel parou, e o mancebo apeando-se censurou o carroceiro e ajudou-o a levantar o cavallo.

— Tenha mais caridade, homem de Deus! maltratar os animaes é indicio de mau character.

Atrapalhado, regougou umas desculpas, e quando o automovel se dispunha a continuar a sua marcha, acercando se d'um dos individuos que acompanhavam aquelle que o auxiliara, perguntou:

— Quem é este senhor?

— E' Sua Majestade El-Rei D. Affonso XIII.

E a machina partiu com um prolongado silvo de sereia, emquanto que por pouco o carreiro não cahia na estrada desmaiado.

O Rei adora o incognito. Um dia passeava a pé por uma aldeia cerca de S. Sebastián, burguezmente, de braço dado com a Rainha, emquanto o *chauffeur* tratava de reparar um desarranjo no automovel.

Entrou n'uma loja de tabaco a comprar cigarros, e pediu lume a um freguez que alli estava. Mas este fez-se branco: reconheceu o Soberano que, encarando-o, conheceu n'elle por sua vez um dos chefes anarchis-

tas preso em Madrid em seguida a um attentado, embora nada tivesse com o crime.

Como o homem buscava escapulir-se, de- teve-o, e pediu-lhe desculpa da policia lan- çar de vez em quando a mão a anarchistas innocentes visto que, concluiu, deixa tantas vezes escapar os verdadeiros culpados.

Depois, tirando uma rosa do peito da Rainha offereceu-lh'a agradecendo o ter-lhe dado lume.

Gostando muito d'assistir ás lições de di- reito, o professor e deputado Azcárate fez uma prelecção quando elle alli estava, so- bre as vantagens d'um governo republicano. Quando terminou, D. Affonso XIII dirigiu- se-lhe e apertando-lhe a mão, sorrindo:

— Receba as minhas felicitações. Mas... cada qual no seu officio, sr. professor.

Uma vez guiando um *breack* nos arre- dores da capital, atropellou uma creança. Apeou-se logo, e pegando n'ella, levou-a para uma taberna á beira da estrada.

O rapazito não soffrera mais que o susto.

Vendo os cuidados que esse sujeito em- pregava, o taberneiro não o conhecendo, bateu-lhe familiarmente no hombro com as palavras:

— Você parece uma excellente pessoa.

Affonso XIII ficou radiante. Deu a bolsa ao pequenito e disse para o dono da lo- canda:

— Olhe! d'aqui por diante póde pôr este letreiro na taboleta: *Taberna do Rei*.

Quando anda d'automovel o seu arrojado é enorme, tendo uma vez feito uma corrida em competencia com o *Sud-Express*, onde ia seu primo o Principe das Asturias, em di- recção a Irun.

O presidente Loubet ao voltar a Pa- ris, depois da sua visita a Madrid, não ia ainda bem refeito das commoções que sof- frera nos passeios que fizera com o Monar- cha.

— Se soubessem os sitios por onde elle me levou! E' espantoso como ainda tenho vida! Emquanto percorriamos as ruas da

cidade, lembrou-se dos avisos cautelosos de sua mãe e foi tudo bem. Mas apenas se pi- lhou fóra, esqueceu-se de todas as promes- sas. Tudo aquillo ia com o sangue na guelra! Eu não gósto muito do automo- vel, mas quando elle corre como um co- meta...

E Loubet sacudia a cabeça encanecida, embora chegasse ao palacio são e salvo.

N'uma rua de Londres...

A multidão agglomera-se no passeio diante d'uma loja de modas.

Lá dentro, estão a rainha d'Hespanha e a Princeza Patricia de Connaught.

Os curiosos estendem as cabeças, querem ver...

E, de repente, todos desatam a rir...

E' que o Rei d'Hespanha e o Principe Mauricio de Battenberg, que acompanham a Rainha e a Princeza, pozeram na cabeça os chapéos de mulher mais extravagantes e dentro da loja fazem mil travessuras.

Um traço encantador impregnado d'inge- nuidade!

Notas

Eis o nome do actual Rei:

Leão Fernando Maria Santiago Izidoro Paschoal Marianno Antonio.

Na certidão d'idade estão indicados os seguintes titulos: Rei d'Hespanha, Castella, Leão, Aragão. Duas Sicilias, Jerusalem, Na- varra, Granada, Toledo, Valença, Galliza, Maiorca, Minorca, Corsega, Murcia, Jaén, Algarve, Algeciras, Gibraltar, ilhas Cana- rias, India e do continente oceanico; Archi- Duque d'Austria, Duque de Borgonha, Bra- bante e de Milão; Conde de Habsburgo. Flandres, Tirol e de Barcelona; senhor de Biscaia e d'Holiva; gran-mestre do Tosão d'Ouro; das quatro ordens militares: Ca- latrava, Alcantara, Montesa e Santiago; das cinco mestranças: Ronda, Sevilha, Granada, Valença e Saragoça, etc.

Assim como sua mulher, ambos são muito dados ao estudo da lingua internacional au- xiliar, o Esperanto.

O Rei come muito pouco, mas gosta bas- tante de doces com vinho do Porto e a man- teiga que prefere é a franceza.

D. Affonso, ao lado da Rainha, fica-lhe á altura da frente.

De fumo prefere o cigarro, servindo-se d'uma boquilha muito comprida, de puro ambar com adaptação d'ouro. Por vezes, saboreia tambem charutos havanos.

A's 8 horas, o Rei toma chá, chocolate ou café com leite, acompanhado de bolos e carnes frias; á 1, sopa, assado, legumes e doces; ás 4, chá, bolos e *sandwiches*; ás 7, sopa, *hors d'œuvre* variados, varios pratos escolhidos, assado, legumes, gelados, oito sobremesas, queijo e fructas; ás 9, chá, vinhos, carnes frias e pasteis.

D. Affonso fala admiravelmente varios idiomas.

Além da lingua materna, conhece o francez, o italiano, o inglez e o allemão, sendo este ensinado por D. Maria Christina. Os tres poetas que mais admira são Schiller

e Goëth e o austriaco Grillparzer. Prefere Horacio, sabendo muitas das suas odes de cór, tendo traduzido algumas para hespanhol.

As pessoas mais chegadas ao Rei, até á epocha do seu casamento foram:

Duque de Sotomayor, mordomo-mór; condessa de Sástago, camareira-mór; general Polavieja, chefe da casa militar; marquez de Borja, intendente do Palacio; conde de Andino, secretario particular; condes del Grove e de Aybar, ajudantes; marquez de Nienlant, chefe da escolta real, e Antonio de Pineda y Ceballos, director geral das cavallariças.

E professores:

De francez, George Legros; historia, Fernando Brieva y Salvatierra; sciencias exactas, Francisco de Paula Arrilaga e Santa Maria de Paredes.

PORTUGAL DA SILVA.



FÉ

Fé! sem o teu precioso e forte alento,
Que seria de mim no horror da vida?!...
— Um cego, um louco, uma alma envilecida,
Bramindo a raiva do meu crú tormento...

Sem ti, talvez até que o desalento
Tivesse já prostrado, ensandecida,
Minh'alma n'esse abysmo, onde o suicida
Procura termo á dôr, ao soffrimento...

Mas o clarão divino, que projectas
— Estrella sempre fixa dos ascetas! —
Tem-me sido na vida apoio seguro...

E, graças a ti, bussola do crente,
Ainda não cahi cego, demente,
Na cerração do meu viver tão duro!...

J. Figueiredo.

Max Pemberton

O caso do mergulhador

(Conclusão)

A poucos individuos será dado, — a nenhum, até, salvo aquelles que exerçam a minha profissão, o penetrar na camara de um navio jazendo no fundo do mar. E ainda bem que assim é, pois representa um espectáculo que olhos humanos não contemplarão de bom grado; espectáculo por vezes tão hediondo e horripilante, que a mente como que se retráe a evocá-lo.

Uma vez na minha vida percorri o convés de um navio de emigrantes que se tinha afundado, para além das *Needles*, e por muitos annos que eu viva, jámais se me varrerão da memoria aquelles fantasmas, boquiabertos, pasmados para mim através das aguas, serenas, esverdeadas.

Apenas me deterei em semelhante assunto, o sufficiente para lembrar aos inconscientes o que pode significar a vida de um mergulhador, sempre que um accidente marítimo reclama os seus serviços.

Na camara do *Ironsides* não me aguardava nenhum de taes horrores — a principio, sequer ao menos. Topei com um recinto singelo, forrado de téca, e banhado, agora, por aguas mais tranquillias; o candieiro de suspensão, descaído d'encontro ao tecto, a abanar preguiçoso na agua; a mēsa fixa, ao centro, varrido o pēso que supportára, alijára para um canto copos e uma garrafa, onde os estilhaços de vidro lucilavam como cristaes ao bater-lhes em cheio a luz da minha lanterna. Aqui, porém, não havia rastro, sequer, de um só passageiro; o navio não tinha segredos; e gradualmente, direi, até, com um certo receio, caminhei para a porta no extremo opposto da camara, e tentei abri-la. Encravara-se na

hombreira, e tive que labutar bons cinco minutos com o machado para a arrombar.

Fez-me bem o trabalho. Deixara, até certo ponto, de ser um homem, procurando, a tentas, numa casa ás escuras qualquer tremendo segredo encerrado ali. — e quanto eu bem soubesse que, se o iáte se fósse enterrando no lodo, as probabilidades de me escapar eram minimas, arredei do meu espirito semelhante preocupação, e, resolutamente, investi para a porta renitente. No fim de contas, não me era difficil acreditar que aquillo que eu ouvira eram contos feminis e nada mais, na essencia, do que um producto da propria anciedade. Se acaso o senhor Haynes se tivesse achado no navio com o seu procurador, quando se deu o accidente, a razão dizia-me que se encontraria na camara do capitão, e nunca lá em baixo, na camara do convés. Eu tinha a certeza de que, entre o abalroamento e a submersão do navio, permeara um intervalo, e opinei que o senhor Haynes, moço robusto conforme me constáva que o era, nunca poderia ser colhido como um rato na ratoeira. Apostaria uma fortuna em como não havia novidade; dei um puxão á linha do salva-vidas a ver se estaria desembarçada, enchi-me de animo e entrei no camarote.

Era um cubiculo com dois beliches, e um lavatorio, luxuoso, a estibordo. Eis o que me patenteou claramente a lanterna a fulgir através da camada de agua e a imprimir uns toques de luz brilhante nos accessorios de prata do lavabo. Os proprios beliches pouco ou nada haviam soffrido com a agua, supposto algumas das coberturas, revoltas,

boiassem tal qual a lona estendida de uma barraca de campanha; jazia no chão uma escrevaninha, espalhados em redor pedacinhos de papel, meio-desfeito, e notei que a portinhola estava escancarada, tal qual se acharia no acto da colisão.

Tudo isto lhe poderá parecer um catalogo de mobiliario, e comtudo, ancioso por descobrir mais alguma coisa, esquadrinhei o camarote uma e outra vez, sem descuidar de topar com qualquer miudeza, que pudesse prestar serviço ou representar interesse para miss Mac Naghten. Restabelecerei a felicidade áquella mulher, dizia eu comigo, assim que puser pé em terra. Jactancia insensata, na verdade, pois ainda não formulara mentalmente o meu conceito, eis que, ao voltar-me para sair do camarote, dou de cara com o vulto de um homem, e percebi a que ponto me mentira a fantasia.

O senhor Haynes — pois tudo me dizia ser o proprio — jazia estatelado no pavimento, a um canto do camarote. Té-lo-ia visto desde a entrada se a porta não se tem virado de chofre, atrás de mim, encobrin-do-o entre mim e o beliche. A principio occorreu-me que estaria dormindo quando se dera o accidente, e que seria colhido pelas aguas quando o iáte mergulhou e foi

para o fundo, e comtudo, Deus sabe como eu fiquei aterrado, a ponto de nem me atrever a verificar, e, pela vez primeira, em toda a minha vida, por pouco que não desanimo de todo. O pavor de me encontrar a sós, ali, naquelle camarote do iáte, com um episodio tão horripilante, congelara-me, por assim dizer, o sangue nas veias. Que

seria de mim se a linha do salvavidas me falhasse? dizia eu comigo; se o iáte derivasse com a maré e o lódo viesse entulhar-lhe a camara? Eis o pensamento desvairado que me acommetia, e com elle outro ainda mais pavoroso, pois se me figurara que o vulto do homem morto se tinha mexido e conservava ainda vida.

Fazendo justiça a mim proprio, direi que semelhante tresloucamento se esvaíu ao recobrar-me do primeiro embate da descoberta e ao reflectir a respeito do lance com mais serenidade. Tinha

presenceado mais de uma scena semelhante em varios navios importantes, conforme deve de suppôr, e para mim não passava de ser um caso vulgar o haver succumbido alguém no naufragio do *Ironsides*.

Apezar de tudo que eu pudesse aduzir em contrario, a morte daquelle individuo fôra mero accidente, tinha encontrado a morte tal qual a encontra no mar mais de



DOU DE CARA COM O VULTO DE UM HOMEM . . .

um individuo, quando dois navios colidem, e um delles vae ao fundo. As divergencias entre elle e o senhor Luxhill, seu procurador, nada tinham que vêr com o caso; e outro, quaesquer que fôsem as suas discordancias, haviam estado juntos no iáte, tinham compartilhado os mesmos perigos e soffrido cada qual o seu destino. Por mais que me compungisse a situação de miss Mac Naghten (e a sua imagem não se me tírava da ideia) opinava eu que as suas desconfianças se não podiam justificar e por si proprias representavam um maleficio. Sentia o espirito mais aliviado por esse facto.

Tão facil se torna esperar o melhor. E quanta vez, desde aquelle dia, ao virem-me tentações de pensar isto ou aquillo a respeito de boa ou ruim fortuna, me recordei daquelle lance lá no camarote do *Ironsides*, quando, acreditando n'um accidente, um movimento filho do acaso veiu revelar-me a terrivel verdade: O moço Haynes fôra assassinado, traiçoeiramente assassinado. A minha lanterna, fulgindo através da agua, lançou subita luz sobre qualquer coisa, que me fez palpitar o coração e calou de vez a todos os meus argumentos, como se alguém me tapara a bôca com um murro. E essa coisa jazia ali, a meus pés; tornei a olhar para o vulto que se me defrontava e irrompi, espavorido, pela porta do camarote, aterrado, como nunca me sentira em toda a minha vida, portador de uma noticia que, no dia seguinte, iria alvoroçar o país inteiro.

IV

Eu ia na expectativa de encontrar miss Mac Naghten á minha espera, no caes, mas fiquei contentissimo ao vêr que ali se não achava. O dever, rigorosamente, impunham-me o prevenir a policia, dirigi-me, pois, á estação, sem perda de tempo, e participei o que vira.

Não me competia avançar qualquer hypothese, relativamente ao individuo autôr daquelle acto nefando. Aos olhos da policia o caso era simplissimo. A bôrdo de um iáte estavam dois individuos, quando o barco collidiu com uma barçaça do Tamisa, um delles escapou, o outro foi encontrado, assassinado na camara do navio submergido. O restante incumbia ás autoridades competen-

tes. Sentia-me satisfeito por ter cumprido o meu dever, e quando o inspector se prontificou a ir ver-se com miss Mac Naghten, deixei-o ir, sósinho, da melhor vontade. A minha tarefa era além, no West-Knock. Tíhamos que guindar o *Ironsides* custasse o que custasse, rezavam as instrucções; e isto sem perda de tempo.

Voltar á minha tarefa, disse eu, mas pôde ter a certeza de que permaneci num estado de excitação e que levei todo aquelle longo dia de junho a pensar no caso. O crime, se é que o havia, andaria na bôca de toda a gente, em Inglaterra, no dia immediato.

E eu a ouvir já os clamores e as invectivas de que iria ser alvo o senhor Luxhill; percebia, agora, o motivo porque se não havia apresentado no hotel, limitando-se a escrever a miss Mac Naghten. E' possivel, até, futurava eu, que a estas horas já tenha fugido; quem nos diz que não haja alcançado a Liverpool, e ali, embarcado para a America; ou se não estará escondido em Londres, essa immensa cidade, em que a memoria de um homem e dos seus actos se perde tão depressa. O grande misterio era o da perda do iáte; e eu a espremer os miolos, toda a tarde, á espera de uma resposta á pergunta que explicasse a submersão, e ella sem me accudir. Se porventura o senhor Haynes tinha sido morto a tiro, de animo frio, por que era, então, que o *Ironsides* tinha vindo com a força toda, como era evidente o ter vindo, afundar-se nos baixios de West-Knock? Como se explicava que o assassino não tivesse arremessado o cadaver para as aguas do rio, afim de ser levado pela maré para o alto mar, como não podia deixar de acontecer? Quanto á atribulada senhora, que me arvorara em seu agente, tentei arredá-la do pensamento; de sorte, haveria, actualmente, por toda a Inglaterra, dôr igual á sua, dôr excruciante, incomensuravel, e que a um estranho não era dado compartilhar.

Trabalhámos no navio toda a tarde, e era já lusco-fusco quando desembarcámos no caes, e fômos á cidade para indagar se acaso haveria noticias frescas. Na estação policial disseram-nos que a noticia corria já por todo o país, mas que não havia o minimo indicio do paradeiro do senhor Luxhill. Não apparecera no escritorio, havia semanas; não tinha sido visto, quer em casa quer nos clubs; e

o detective, expedido de Londres, era de opinião que já tinha fugido do país. A excitação da palestra ácerca do trabalho daquelle dia tirou-me o somno e, quando me deitei, era tardissimo.

Não lhe posso dizer o motivo, mas, quando toda a gente se achava já recolhida, e que as musicas dos jardins se tinham calado, e o silencio da noite pairava ainda sobre Southend, encontrei-me novamente no caes, com os olhos fitos no luzeiro distante que marcava a scena daquelle lance terrivel.

Donde virão noticias do tal senhor Luxhill? dizia eu comigo. Onde se esconderia? Ter-se-á escapado ou já estará preso? Calcule qual seria o meu espanto quando, ao dobrar o angulo do extremo do caes, topo frente a frente com o proprio individuo e adquirir a certeza de que seria capturado naquella mesma noite, e que, pela segunda vez, me cabia em sorte ser o instrumento da sua captura.

Eu estava parado, sósinho, no desembarcadero, quando senti passos por detrás de mim, e, voltando-me, dei com os olhos no vulto alcachinado de um individuo barbado, a atravessar a ponte de madeira, á luz do luar. Comquanto eu soubesse que era Luxhill, não me assustei. A Natureza prendou-me com força sufficiente, e poucos se poderão gabar de ter levado a melhor do Harry Robb, sempre que da palavra se passava á acção. Não o temia, e sem lhe tirar os olhos de cima, com a firme resolução, succedesse o que succedesse, de que a policia lançar-lhe-ia a mão, dentro de breves minutos. Elle, entretanto, deslisou para mim, como que receoso do éco dos proprios passos, e olhando inquieto para a esquerda e para a direita, para se certificar de que estavamos a sós, dirigiu-me, abruptamente, a seguinte pergunta:

— E' o mergulhador que inspeccionou o *Ironsides* esta manhan, não é verdade?

Disse-lhe que sim, e esperei que proseguisse.

— Sou o dono do iáte, Mr. Luxhill, acrescentou; ter-me-á ouvido nomear?

Respondi que tinha, e tornei a esperar que proseguisse.

— Andam a espalhar mentiras a meu respeito e do meu hospede;—proseguiu com crescente excitação. O senhor não deixará

de ter já descoberto a verdade, pois não é assim?

Fitei-lhe os olhos e respondi:

— A verdade sabe-se na estação-policial. E' um revólver de seis tiros, com dois cartuchos a menos. E dir-lhe-ei mais. O senhor Haynes, seu hospede, foi morto de um tiro nas costas.

Recuou dois passos, como se eu lhe tivesse batido.

— Pagaram-lhe para espalhar semelhante mentira, exclamou.

Respondi-lhe com desprezo.

— Que resposta merecia semelhante accusação?

— Ficaré sabendo a paga que me deram, quando o caso fór julgado, repliquei, accrescentando:

— E não tenho que o julgar, graças a Deus.

Estas palavras chans assustaram-n'o. Chegou-se muito ao meu ouvido e segredou-me uma historia lastimoza, uma lamuria que nem tive paciencia para escutar.

— Dar-lhe-ei o dobro do que lhe deram, declarou; dar-lhe-ei mil libras, dinheiro na mão, para se calar; que tem o senhor que vêr com o caso? E' pobre. Não ficará precisando de trabalhar. Por que não responde? Conte com a quantia amanha. Procurá-lo-ei em Londres. Então, resolva-se, diga que sim!

— Senhor Luxhill, retorqui, sem me alterar, podia até offerecer-me dez mil, e de nada lhe aproveitava. Sou pobre, mas Deus me defenda de lhe estar na pelle. Nem por quanto oiro existe em Inglaterra. Affirma estar innocente. Compareça no tribunal, e prove-o. O homem innocente nada tem que temer dos seus semelhantes. Encare os factos de frente e far-se-á justiça. Não preciso do seu dinheiro, e o insistir é estar a desperdiçar tempo. O seu logar é no banco dos reus. Avaliarão devidamente as suas declarações.

— Não me acreditarão, lamuriou o meliante. Os factos tendem a comprometer-me. Não o nego. O senhor podia muito bem ajudar-me—o senhor e mais ninguem. Guarde comsigo o que sabe...

— Era escusado. A minha gente sabe tanto como eu.

— Calar-se-ão. Posso comprá-los, tambem. Em nome de Deus! Não quererá consentir que enforcem um homem de bem!

— Quanto á sua innocencia, a lei que decida. — Heide dizer a verdade — nem demais nem de menos.

— Não dirá coisa nenhuma, exclamou, num subito assômo de raiva e desatino.

Lançou-se a mim, furibundo, e lá fômos rebolando, despenhando-nos, de cabeça, no mar.

Ora eu, confesso-lhe que nunca esperei qualquer acto de violencia da parte de semelhante homem, e que estava absolutamente desprevinido para aquillo que se seguiu ás suas palavras. Suppus que estaria meio desorientado pelo medo, e que uma criança seria capaz de o prender. Avallie, pois, o meu espanto quando me encontrei nas garras de um louco, lutando pela vida, debaixo de agua, por entre as estacas da ponte, á mercê dos borbotões da corrente, e onde nenhum ente vivo, ao que parecia, podia acudir em meu auxilio.

Sou bom nadador, mas os braços do malvado cingiam-me como um cinto. Lembro-me da queda, da chiada da agua nos ouvidos, da escuridão quando me soergui; e depois, os olhos daquelle louco, arregalados, a fitarem-se nos meus; as suas ameaças rouquejadas e a

agua a esfervilhar-nos de roda e a abafá-las. Não sei se gritei, se não. Do que tenho a certeza, é de ter feito um esforço sobrehumano para abarcar com um braço um dos postes, ao passo que, com o outro, empurrava para trás o louco. O desvencilharme delle ia além das minhas forças. Aferrava-se a mim com o desespero, não de terror, mas de uma furia, que era pavoroso presenciar. Debalde o esmurracei. Engalfinhava-se no meu fato, filava-me os braços, as pernas, cingindo-m'os como que num cinto de ferro; houve momentos em que me empelliu a bôca para debaixo da agua e em que senti ser chegado o meu fim. E durou isto horas de tremenda expectativa, ao que me parecia, sendo provavel, comtudo, que apenas decorressem minutos, magnificados pelo meu terror. Aquelle homem desejava a morte e com a firme tenção de que

eu a compartilhasse juntamente com elle. Não encontro palavras que possam expressar quanto eu soffri e vivi ao revelar-se-me semelhante verdade; mas fez-me criar novo alento, espanquei-o e tornei a espancá-lo, com ancia, até me cançar o braço, e



LA' FÔMOS REBOLANDO, DESPENHANDO-NOS, DE CABEÇA, NO MAR

eu a compartilhasse juntamente com elle. Não encontro palavras que possam expressar quanto eu soffri e vivi ao revelar-se-me semelhante verdade; mas fez-me criar novo alento, espanquei-o e tornei a espancá-lo, com ancia, até me cançar o braço, e

parei, de cansado, estabelecendo-se assim uma tregua de parte a parte.

Reinava um silencio de morte, agora, apenas se ouvia o embate soturno das ondas por entre os postes, á proporção que ia subindo a maré. Luxhill, filado ao meu hombro, com o rosto furibundo muito chegado ao meu, mas sem de novo tentar puxar-me para baixo. E eu quasi tentado a acreditar que ia perdendo os sentidos, mas de subito, dir-se-ia ter espartado outra vez do seu estupôr, e, soltando um berro medonho, largou-me e sumiu-se no remoinho da agua.

V

Na lancha de um iáte que ia buscar o dono, que recolhia do theatro, ouviram o berro do afogado e pararam o barco para salvar o vivo prestes a afundar-se. Levaram-me para terra e ouviram com pasmo a

minha historia. A policia, a seu turno, estava apta a declarar, de sciencia certa, que Luxhill permanecera na cidade durante todo aquelle lapso de tempo. Deixei-os dirimir o assunto e caí de cama para me não levantar durante um bom par de dias.

Que o desditoso Robert Haynes fôra morto de um tiro por Luxhill, depois de uma contenda por negocios de dinheiro, era caso fôra de duvida.

Quanto depois se deu, ficou sendo misterio. A minha opinião é que o patife se fez ao largo com o iáte, tomado de um panico desatinado, receoso de chamar a atenção da gente que tripulava os navios amarrados; e sem saber onde se achava nem trazendo faroes acêsos, abalroou com uma barca, além, no West Knock. E' possivel que assim fosse — e desinteresse-me do assunto, a não ser pela recordação das angustias daquella infeliz senhora e daquella dôr excruciante que tanto me custou presencear.

Versão livre do inglês por MANUEL DE MACEDO.

Authenticos heroes

Formoso e juvenil, o marinho é cego;
Só crê no impossivel, com impossiveis côres;
E acaso desconhece os fados redemptores,
Que haviam de limpar da Patria o negro pego.

Mas foi um heroe do Bem: — «A ti, ó Deus, entrego
Minh'alma, que não crê co'a fé dos vencedores!»
Mas quem da Morte assim, co'os lividos horrores
Arrosta, é bom e é nobre, e eu palmas te não nego.

De ideias liberaes bem cheia a mente tendo,
Est'outro não accede a um viva que lhe pedem,
Affrontas de permeio em tal convite vendo.

Um Chagas e um Dias são peitos que não cedem;
E authenticos heroes, são gemmas resplendendo,
Mas com esplendor tamanho, que ás mais fulgir impedem!

Alexandre Fontes.



Os jardins da Historia

Um bispo endemoninhado no seculo xiv

(Processo de Guichard, bispo de Troyes, 1308-1313)



A na *Divina Comedia* alguns tercetos bastantes singulares, onde Dante, que antipathisava solememente com Bonifacio VIII, evoca a visão da «flôr de liz» entrando no Anagni e

de Christo, captivo pela segunda vez na pessoa do seu vigario. Aqui o velho pontifice é realmente ultrajado sobre os degraus do altar pelos emissarios de Philippe o Bello, do qual o poeta tomou a defesa em obediencia á fé christã. E, ao mesmo tempo apresenta-nos o rei avarento invadindo o Templo para se enriquecer com o seu espolio. Descobre o elo que ligava os dois grandes attentados, comprehende que violentado Bonifacio, esbulhados e supprimidos os Templarios, era a Igreja que se attingia, a comunidade christã que se destruia em proveito d'uma monarchia particular. Um processo ha muito conhecido, o de Bernard Saisset, bispo de Pamiers, manifestava sem o menor incidente a applicação da mesma politica que no processo dos Templarios, nos autos do processo de Bonifacio VIII, feito com todo o seu intelligente ardil, com toda a sua desapiadada dureza: a politica do escandalo empregada para reunir os homens que o escandalo fere intensamente. Para concluir a

demonstração eis um conto, um processo criminal cujos autos extraordinarios encerram todas as miserias moraes, todos os terrores supersticiosos da idade media: o processo de Guichard, bispo de Troyes, publicado pela Escola de Chartes. O auctor, Mr. Abel Rigault, dá-nos a conhecer com factos e documentos intelligentemente reunidos, n'um conjuncto tragico, a sensação d'um romance, ou antes, uma visão da historia terrivel. Este processo, apparecendo quasi ao mesmo tempo que a these de Mrs. Funck Brentano e Paul Lehujers, fará convencer os credulos de que não era muito invejavel viver em França no seculo xiv, mesmo com uma mitra bordada a ouro.

Guichard nasceu perto de Troyes, pelos meados do seculo XIII. Seu pae — ou antes o homem que parecia ser seu pae — chamava-se João. Diziam que a sua casa paterna era frequentada pelo diabo e que o bispo Nicolau devia ir benzê-la. Era um mau principio para as crenças christãs. Da sua belleza nada sabemos. Foi construida por projecto do estado monacal. Desde 1273 que elle era prior de Saint Ayoul de Provins. Dizia-se que tinha envenenado o seu antecessor afim de ser provido no logar. Dez annos depois era abbade de Montier-la-Celle, um dos melhores mosteiros de Champagne. Estava nas melhores relações de ami-

sade com a joven herdeira de Champagne e de Navarra, Joanna, que em 1285 esposou Philippe o Bello, e que devia ser rainha de França. Em 1296 era membro do conselho do rei. Finalmente, em 1298, os conegos de Troyes proclamaram-no bispo. Estava, pois, com 50 annos, principe da Igreja, n'um logar rendoso, grande do reino e amigo da rainha. A situação era magnifica para um homem de origem desconhecida. Pouco tardou, porém, que não a enodoasse.

Como bispo methodico, primeiro que tudo desaveio-se com o clero. Usou para com os seus ecclesiasticos processos de pirata, entrou á força em casa de um cura fóra da sua jurisdicção, dormiu na sua residencia, e, apesar de hospede, mandou-o espancar pelos seus criados e confiscou-lhe os bens; destruiu a mesma residencia por mero capricho; apoderou-se a torto e a direito dos moinhos dos seus conegos; inutilisou as mattas uteis para a reparação dos alludidos moinhos; sobre as rendas das igrejas vagas, vende aos indignos os cargos de thesoureiro das mesmas igrejas, esbulha a pouco e pouco o capitulo dos seus direitos, privilegios, jurisdicções e pequenos rendimentos canonicos em propriedades valiosas; o seu clero queixava-se a medo; accusa-o de todas as simonias; os seus maus costumes mostram-se claramente; porém é um poderoso senhor, que parece inviolavel e superior á justiça do rei, pois que faz parte do parlamento real. Foi necessario, para abater o seu atrevimento e abalar a sua fortuna, um escandalo mais estrepitoso que todos os pequenos factos de ordem ecclesiastica.

A deploravel lucta de João de Calais faz entrever aos conegos troyens a esperança de que o bispo em breve cairá.

Este João de Calais, conego, era receptor das rendas de Branca, rainha herdeira de Navarra, em Champagne. Arrecadava descaradamente os referidos rendimentos nos seus cofres. Foi preso e confiado á guarda do seu bispo. Evadiu-se e dirigiu-se a Roma onde estava muito satisfeito. Mas Guichard foi accusado com calor pelo arcebispo de Vendôme, Simon Festu, e por um Florentino, Noffo Dei, agente de uma companhia de banqueiros e de negociantes lombardos, de ter aberto por dinheiro ao conego pouco escrupuloso, a porta da sua prisão. João de Calais declarou de longe que

tinha dado ao seu arcebispo 400 florins em oiro e algumas joias para obter a sua liberdade. As duas rainhas, mãe e filha, Branca e Joanna, declararam Guichard responsavel pelos roubos do conego fugitivo e expulsaram-no do conselho do rei.

O arcebispo de Sens foi encarregado d'uma syndicancia aos actos do seu subordinado. No decorrer do processo a rainha de Navarra morreu repentinamente. Na mesma occasião era assassinado um abbade da diocese de Troyes e dois homens morriam mysteriosamente na prisão Montier-la-Celle. Imaginou-se que Guichard não seria estranho a estes factos. Diziam que a rainha havia sido envenenada.

Appareceu um bilhete escripto, que M. Rigault julgou obra dos inimigos de Guichard, no qual o bispo de Troyes convidava um pharmaceutico florentino, Cassiano, para um «trabalho secreto» contra a mulher que o anniquilava. Este primeiro caso originou uma demorada intriga: João de Calais, moribundo em Viterbe e Noffo Dei, desdisseram-se das suas accusações; as deligencias afrouxaram e por fim acabaram-se. Guichard adoeceu na sua diocese, suspeito, diffamado, ardendo num odio atroz contra os seus inimigos, contra o paço, contra o clero, contra toda a gente. Allia-se com usurarios, com italianos suspeitos, occupa-se da alchimia e deixa-se seduzir pela bruxaria. A protecção de Clemente V permittiu-lhe viver ainda 4 annos (1304-1308) como objecto de desprezo e de terror no tribunal de Troyes.

Mas a rainha de França morria repentinamente com 32 annos.

A desconfiança de envenenamento correu de novo, pois suspeitava-se de bruxaria.

Descobriu-se então na cathedral o bispo accusado, entre os seus espadachins, os seus judeus, os seus validos e os seus feiticeiros.

No mês de agosto de 1308, foi preso por ordem do arcebispo de Sens, transferido para Paris e encarcerado na Torre do Louvre. Outrotanto succedia a um feiticeiro, a uma parteira e seu filho, a um ecclesiastico servindo de eremita e ao secretario do bispo. Estava-se nesta occasião em pleno escandalo com o processo dos Templarios, e Philippe o Bello exigia do pusillanime Clemente V, que se encetasse o processo criminal contra a memoria de Bonifacio VIII. O papa francez, espantado, não contando se-

não com as delongas ou com a coragem d'um concilio geral para salvar a honra da Igreja, concedeu, sem contar ao rei, tudo o que elle exigia contra o bispo.

O escandaloso processo de Guichard foi instruido como uma repetição geral da tragedia reservada a Bonifacio. A cadeira do papa simoniaco pareceu servir contra o bispo feiticeiro. E, além dos crimes e impiedades de Guichard, este seculo de visionarios e endemoninhados accumulou os sacrilegios e as infamias da religião de Satan. Esta causa inaudita merecia ser com verdadeiro apreciada á luz da historia.

Como origem deste caso, encontramos a denuncia d'um eremita que tinha cedido a sua cella para as operações diabolicas de Guichard. Recebeu o bispo de noite, disfarçado em camponez e acompanhado por uma bruxa. Guichard quiz obrigá-lo a envenenar o conde de Aujou, irmão do rei, o rei de Navarra e todos os filhos de Philippe o Bello. O rei informou o papa de que enviára uma bulla ao arcebispo de Sens, aos bispos d'Auxerre e d'Orleans, ordenando-lhes que comesçassem o inquerito «sem espalhafato nem apparencia de julgamento». A bulla insistia na morte da rainha Joanna e nas tentativas de envenenamento contra as pessoas reaes; não indicava senão vagamente os outros attentados «contra a grandeza de Deus.» Mas desde o começo do processo pela pressão do bispo no Louvre, o mesmo processo dirigido pelos legistas de Philippe tornou-se secular, alheando-se da Igreja. Atraz d'estes legistas descobria-se sempre o homem sem escrupulos, o ministro de Kulturkampf, cuja consciencia nada inquietava, desde que se tratasse dos interesses da corôa do altivo e tranquillo Guilherme de Nogaret.

O juiz ordinario de Sens, Guilherme Hargest, é o promotor, o ministerio publico do processo. Propõe aos delegados ecclesiasticos 28 artigos fundados nas revelações do eremita em que o envenenamento da rainha occupa o primeiro logar. O legista conta o maleficio em todas as suas particularidades: consulta a um frade que tem a arte de invocar o demonio; o bispo presta culto ao diabo; promette a imagem de cera, baptisada com o nome da rainha; baptisa a população na presença do frade e de dois feiticeiros na capella do bom eremita (o numero de feiticeiros augmentava-se com

o tempo); picadas repetidas na rainha de cera.

Finalmente, vendo que a rainha se demorava a morrer, voltou ao eremiterio e, como tinha a figura perto do fogo, dizia-lhe queimando-lhe os membros: «Que diabo! viverá para sempre esta mulher!» porque lhe tinha torcido os pés, lançando-os nas chammas e queimando-os; e a rainha estava morta.

Depois examinaram os factos relativos a varias tentativas de envenenamento contra os irmãos e filhos do rei; a caixa do veneno andando constantemente das mãos do eremita para as do bispo; um cão morto pelo veneno episcopal; um cavalleiro morto por ter comido ameixas preparadas pelo prelado. Os bispos delegados encarregados pelo papa de proseguir no caso, redigiram uma accusação entestando as allegações do juiz ordinario.

«Evocou o demonio; e quando lhe appareceu, o bispo perguntou-lhe como poderia proteger a rainha em vez de fazer que morresse em pouco tempo. O demonio depois do bispo lhe ter prestado homenagem e alistado um dos seus membros, mandou-lhe fazer uma figura de cera, etc.»

Guichard protestou e negou. Não foi, disse elle, ao eremiterio, senão uma occasião de dia, em 1307, em habitos de bispo com a sua comitiva. As testemunhas interrogadas fóra da sua presença, o eremita, a bruxa, a parteira, auctores principaes do crime de envenenamento, depuseram por muito tempo com grande abundancia de particularidades; a feiticeira não na submetteram á tortura preliminar; sómente Lorin, o camarista, foi suspenso por um momento pelos membros de fórma que se desarticulassem um pouco, se não dissesse nada: e disse. O testemunho do eremita era espantoso, porque mostrava o diabo em pessoa obedecendo ás ordens do frade jacobino João de Fay.

Um dia no eremiterio o frade e Guichard ordenaram á feiticeira que se afastasse. Margueronne, assim se chamava a dama, não foi para tão longe que não pudesse vêr e ouvir. O jacobino disse: «E' preciso que eu leia a *grammatica*.» E principiou a ler um livro que tinha na mão. . . Margueronne viu tudo n'um instante d'uma janella alta d'um quarto, a fórma como que d'um frade negro que descia, sem escada volante, perto do

bispo e do jacobino; tinha paus na cabeça e, por isso, a feiticeira suppoz que era o diabo que disse ao jacobino: «Que me queres que tanto me persegues?» E o jacobino respondeu: «Apresento-te o bispo que precisa de ti.»

O diabo exigiu pelo serviço que d'elle pretendiam, um dos membros do bispo, e batendo as azas, retirou-se pela mesma janella.

O baptismo da figura de cera era egualmente uma scena curiosa, que recommendo á attenção de João Paulo Laurens. Estão todos cercados por terra na cozinha do eremita: o bispo em roquete de panno grosso e branco e com um capuz de pello de cabra na cabeça; o irmão João com uma tunica um pouco negra e um roquete egualmente de panno; «com estes roquetes tel-os-hiam apanhado para vaqueiros ou carroceiros;» a feiticeira preparava a cera; o jacobino deu-lhe a fórma de mulher. Depois deu umas passagens no seu livro de magica que préviamente havia sido aspergido com agua benta. No entretranto chegou a parteira que Guiot, o creado do eremita, foi procurar. Esta mulher descreveu na sua deposição os dois sacrilegos. «Um era alto, magro, de rosto comprido e ruivo, apparentando ter 40 annos, e segurava n'uma das mãos a figura de cera e na outra o livro — era o frade; o outro era mais baixo e mais gordo, corado, forte e enebado e parecia ter 60 annos — era o bispo. Ella foi madrinha com pezar. Então o frade poz no pescoço a estola; o eremita, Guichard, a parteira e a feiticeira collocaram as mãos sobre a boneca diabolica, e o baptismo realisou-se em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. O processo toma de repente um novo aspecto. Não é bem do crime de envenenamento que se trata, cujas provas são palpaveis. E' verdade que não tinha nada sob as mãos o frade mysterioso á chamada do qual Satan apparecia. Na accusação era isso uma falta gravissima. Na instrucção do processo trataram-se três pontos que passaram despercebidos a Nogaret, mas que deviam estar concluidos pouco tempo depois. Denunciavam um numero grande de crimes aos quaes os primeiros inquiridores vagamente alludiam. *Multa alia enormia et nefanda*, diziam elles. *Enormia*, effectivamente. Vou resumil-os na sua ligeira simplicidade.

O envenenamento da rainha de Navarra;

alegria escandalosa de Guichard ao receber a noticia que gratificou o mensageiro com cem soldos e um fato. Assassinio d'um padre que se recusou a baptizar uma creança filha do bispo e d'uma religiosa. Manifesta avareza. Grande relaxamento de costumes. Viciação nas escripturas dos notarios. Perjurios frequentes. Incendio do priorado de Saint-Ayoul. Excommunhão dos carcereiros de Troyes que se recusaram a dar a liberdade a um florentino, devedor do rei. Porém, a maior impiedade era a seguinte: Quando dizia missa mettia na bôcca a particula sagrada, e, em vez de a engulir, cuspi-a para o chão. Sobre esta nova denuncia encontra-se o nome do implacavel inimigo de Guichard — Noffo Dei.

Entretanto o accusado tinha constituido a sua defeza. Os seus procuradores oppuzeram ao conjuncto das accusações argumentos juridicos de pouco valor. O tribunal episcopal, reduzido apenas aos bispos de Orleans e d'Auxerre, produziu uma serie de accusações de grande valor. O satanismo absoluto começava a manifestar-se. Depois de mais de 60 annos, o bispo de Troyes julgou-se o filho de João Guichard Illudiasse. Sua mãe, que se chamava Ignez, teve fraquezas com um diabo, um incubo, um *neton*, de nome francês. Esta palavra *neton* vem, segundo M. Gaston Paris, do latim *netunes*, corrupção de Neptuno. Sabe-se que os diabos tinham a preocupação classica e que por isso se disfarçavam em deuses pagãos. Ora este *neton* andava de dia e de noite, especialmente de noite, em volta da timida Ignez «de fórma que ninguem queria nem podia ser seu visinho (reparem que a casa d'ella passou effectivamente por ser frequentada pelo diabo) e criada alguma queria servil-a. A accusação referia-se ao exorcismo do bispo Nicolau. Affirmava-se que João, convencido da desgraça de sua mulher que era «boa, pura?, e de bom trato,» lhe perdoara, mas que se recusou em toda a sua vida a vêr a creança á qual sempre teve horror. Na escola e nos conventos, os condiscipulos chamavam-lhe vulgarmente Guichard, «filho de *neton*.»

Era pois, senão filho, pelo menos sobrinho de Satan. A profanação da hostia, no altar, explicava-se facilmente. O diabo não pôde commungar e demais, o artigo 3.º d'esta ultima parte da accusação, era uma prova ir-

refragavel do satanismo: Quando era prior de Saint-Ayoul, ao encontrar-se só com um joven frade, tirando o capuz e tornando a pôl-o, sahiram do mesmo capuz montões de diabos sob a fórma de cinzas: o que, visto pelo joven frade, espantado e como que parvo, se poz a gritar em altos berros; o prior esforçou-se pelo animar, dizendo-lhe: «Vamos, cala-te, cala-te, não tenhas receio! e não digas a ninguem o que viste!» Mas o frade foi dizel-o immediatamente a um dos seus collegas, n'aquella occasião thesoureiro do prior de Saint-Ayoul. Eis algumas passagens da deposição resumida da testemunha, ácerca d'este homem.

Quando se dirigia para o seu quarto com Jacques de Villemaur, seu secretario, conduzia o seu habito, e Pedro, o joven frade, ia-lhe tomar as mãos; mas, reparando na cabeça do prior, notou-lhe um circulo em toda a circumferencia: era como que um fogo vivo de cinzas vermelhas que ardiam sem labareda. Guichard conheceu então que tinha necessidade de se confessar; mandou procurar o seu capellão pelo seu secretario Jacques; o joven frade, muito transtornado, procurou o capellão e contou-lhe o succedido, dizendo este sem espanto: «Tem o diabo no corpo representado pela sua coelera!» Os outros crimes attribuidos ao bispo, que pareciam augmentar no decorrer do processo pela antipathia e precisão crescente das testemunhas, os assassinios, as simonias, as falsificações nas escripturas, os subornos das testemunhas, as accusações falsas para o engrandecimento da heresia ou feitiçaria, a alchimia criminal, o dinheiro falso, a usura descarada nos campos de Champagne, as dividas, as ligações com os juizes, um padre bigamo ordenado por Guichard, a morte d'um ecclesiastico por não poder pagar cem sous de multa; este enorme auto intelligentemente levantado pelos legistas de Nogaret sobre a deposição de perto de duzentas testemunhas, não parecia aos homens d'aquella época mais que uma enfiada, em comparação com a mancha original e com a perpetua infamia do accusado: o satanismo. Guichard negou, attenuou ou tentou explicar favoravelmente todos os outros pontos da accusação; mas perturbado na sua fé, quando lhe oppuzeram o seu nascimento diabolico, curvou a cabeça.

O processo não se concluiu em 5 annos.

Clemente V, juiz soberano d'esta causa, transferiu Guichard para Avinhão, nas prisões da Igreja. O concilio de Vienna, que deu ao papa uma grande auctoridade, abriu-se depois de outubro de 1311. O Florentino Noffo Dei tinha sido enforcado em Paris, dizendo junto da forca que o bispo estava innocente no caso de João Calais. Repentinamente o arcebispo de Sens convidou Guichard, prisioneiro do papa, para um concilio provincial, excommungando-o por não comparecer. Clemente V achou o facto um pouco rigoroso e ordenou ao metropolitano que revogasse a sentença, parasse com o seguimento dos autos e renunciasse ao processo. O trabalho dos legistas não se aproveitou. O bispo de Troyes foi absolvido e livre, conforme as determinações do pontifice, administrando de longe a sua diocese.

Em 20 de abril de 1314 acompanhou até ao ultimo momento o primeiro papa de Avinhão. Clemente V, nos ultimos dias da sua vida, transferiu Guichard para o bispado de Diakovor, na Bosnia, nos confins da christandade, em plena barbaria. Não é provavel que fosse para lá. Morreu no começo de 1317, parecendo que foi enterrado na sua antiga cathedral de S. Pedro de Troyes, junto do seu successor que não teve tempo de tomar posse da cadeira episcopal. A conclusão d'este importante processo, o reconhecimento da inculpabilidade por sentença do papa é muito extraordinario.

Ou Guichard fosse victima d'uma machinação cruel por parte de Albigeois Nogaret, ou as accusações parecessem singularmente inventadas, as que foram attribuidas a Bonifacio VIII e aos Templarios eram verdadeiras. E' certo tambem que o bispo de Troyes teve em seu favor a opinião do povo e da burguezia, e tambem a d'um ecclesiastico que trinta annos depois proclamou a innocencia do infeliz prelado n'uma traducção do *Renard o contrafeito*. Attribute, é claro, a filiação diabolica, os resultados da feitiçaria e do envenenamento ás superstições medievaes. Em nome da justiça não posso deixar de me referir aos autos. Á medida que adquiria maior vulto n'esta historia, M. Rigault cada vez se inclinava mais para a innocencia de Guichard. Todavia, muitas vezes provou que Guichard, no seu aprisco de Troyes, em vez de um bom pastor foi um lobo devorador. O sabio disci-

pulo da *Escola de Chartes*, guiado pelo methodo rigoroso da erudição, não parece tentado a procurar novamente a explicação do mysterio fóra dos seus documentos positivos. Prometteu usar os privilegios de simples homem de letras com que pela imaginação é licito esclarecer os pontos obscuros da historia.

Creio piamente que este extraordinario desfecho, a absolvição pontifical, a resignação da Igreja e do rei, se explicam pela ausencia da personagem que era ao mesmo tempo a testemunha principal, o cumplice diabolico e o co-réu de Guichard, o jacobino João de Fay. Com certeza que este frade era mais familiar do diabo que propriamente o bispo. Foi elle que poz Guichard em relações directas com o Diabo, que presidiu ao baptismo sacrilego da figura de cera empregada no envenenamento da rai-

nha. As testemunhas affirmavam que elle andava constantemente ao lado do bispo. Era a sua alma damnada com a sua boceta de diabruras onde estavam conjunctamente uma cobra, dois sapos, dois escorpiões e duas aranhas. Segundo dizem, desapareceu, fugiu de França, ou, pelo menos, está perfeitamente escondido. No entanto, é elle a parte principal do processo. Conseguiu fugir porque assim o quizeram. Póde ser que esteja muito á sua vontade n'um *in-pace*, ou mesmo no outro mundo. Jacobinos era o nome que habitualmente davam em França aos pré-gadores, aos dominicanos. Ora o tribunal da Inquisição pertencia á comunidade de S. Domingos. Um dominicano endemoninhado não podia ser; a Inquisição não podia sujeitar-se a tamanho horror, a tão espantoso ultrage. N'estas condições, desaparecendo o frade como fumo subtil, salvou o bispo.

Traducção de A. Teixeira dos Santos.

EMILE GEBHART.

FIGUEIRA DA FOZ



PESCADORES



... JOGANDO AS CARTAS, OU ENTÃO EXPLICAVA-ME SORTES QUE EU SEGUIA ATTENTAMENTE...

Maria José



Á fui hontem acompanhal-a ao cemiterio, onde ficou dormindo o somno eterno da morte, na perpetua tranquillidade do tumulo, na paz infinita do Nada.

Pobre Maria José!

Conheci-a, como tenho conhecido tantas outras; n'uma noite de esturdia, depois d'uma ceia, entre um copo de vinho e um cigarro fumado em *étapes*.

Lembra-me porém, que, logo da primeira vez que lhe falei, percebi ser uma mulher de espirito e de um raciocinio acertado.

Sempre elegantemente vestida, Maria José, apesar da vida dissoluta que levava, não tinha nunca uma palavra ordinaria, como muitas da sua laia que sentem um prazer particular ao soltar phrases de arrieiro.

Ella não.

Procurava rodeios quando queria contar alguma anecdota picante, ou dizia as coisas encapotadamente e de tal maneira, que uma criança as poderia ouvir.

Vivia só com uma creada n'um segundo andar da rua Augusta, e durante dois ou três annos que frequentei a casa, nunca me constou que tivesse amantes. Quando eu ás vezes lhe fazia referencia a isso, respondia-me:

— Amantes!... Para quê? Para me comerem o pouco que ganho e andarem por ahi a pavonearem-se á minha custa?!...

— Mas podias encontrar um homem que gostasse de ti, e te arrancasse a esta vida de depravação!

— Bem sei. E no fim de dois mezes ou três, quando já estivesse aborrecido, lançava-me outra vez á margem, e cá vinha eu continuar o meu fadario... Não, não quero amantes.

E cahia depois em profunda tristeza como se uma recordação do passado a viesse acabar e fazer soffrer.

Ha mezes, quando a fui visitar, encontrei-a muito mudada.

Tinha o parecer cadaverico, os labios secos, uma tosse persistente sem expectoração que incommodava, a ella e os que a ouviam.

Não parecia a mesma rapariga que eu conhecera tempos atraz.

— Não me conheces, não é verdade? perguntou-me com um sorriso forçado. Tambem eu me não conheço. Mas vejo que isto está por pouco.

— Ora adeus!... Deixa-te de asneiras!... Isso é alguma constipaçãozinha que te cahiu no peito, mas com um bocado de tratamento vae-se embora n'um instante.

— Deve ser isso, deve, retorquiu olhando-me e acenando incredula com a cabeça. Julgas então que não sei o estado em que estou? Bem, não falemos mais n'isso.

Conversamos ainda mais um bocado e d'ali a pouco retirei-me com a convicção de que Maria José não andaria muito tempo cá por este mundo.

A pobre rapariga tinha todos os symptomas da tuberculose, e já n'um periodo bastante adiantado.

E tão impressionado sahi n'aquelle dia de casa d'ella, que passados poucos tempos tornei a ir saber da sua saude.

Fui encontral-a no quarto, deitada sobre a cama, envolvida n'uma bata branca, parecendo já um cadaver amortalhado.

— Então como vaes?

— Peor de saude, e melhor para morrer, respondeu-me estendendo a mão que eu apertei levemente e que escaldava com febre.

— E se tu fosses uns tempos para fóra da terra? Talvez te fizesse bem.

— Para fóra, não!... Para dentro é que tu queres dizer!

— Lá estás tu com as tuas coisas!... Vae para fóra, e verás como o ar do campo te faz bem. Isso é uma fraqueza geral e com um pouco de repouso e bom ar, tornas a ser a mulher forte e robusta que d'antes eras.

— Pois sim, verei isso... Mas agora, desejo fazer-te um pedido... Descança, que não é dinheiro!... Um pedido e uma pergunta.

— Dize. Bem sabes que se fôr coisa que eu possa fazer, faço-a de muito boa vontade.

Maria José levantou-se e foi fechar a porta por dentro, indo depois sentar-se na *chaise-longue* que estava collocada proximo da janella, uma janella de peitos, larga e alta, por onde a luz entrava a jorros.

— Vem para aqui, para ao pé de mim, caso não receies que a minha doença te contamine. Tenho que te dizer em particular.

Satisfiz-lhe o pedido, e puxei de um cigarro que accendi.

— Não sei se te faz mal, perguntei, reparando que talvez o fumo lhe provocasse mais a tosse.

— Qual!... Bem sabes que tambem fumo, e... olha, é a unica coisa que ainda não aborreci.

Depois levantou-se e foi abrir as vidraças da janella, todas para traz.

— Que lindo dia hoje está!... Dia de verdadeira primavera, com este bom sol que nos enche a alma d'uma vida nova, e nol-a illumina toda... Ah... deixa-me encher bem os pulmões d'ar! rematou, e aspirando com sofreguidão o ar que entrava agora desfogadamente.

Eu estava admirado.

Nunca a tinha visto tão bem disposta, desde que estava doente, como n'aquelle dia.

Passados momentos, proseguiu:

— Disse-te que te ia fazer uma pergunta e um pedido, mas primeiro quero contar-te a minha vida. Pareces-me pessoa honesta e capaz de cumprires o que prometteres, pelo menos comigo, assim tens feito, e é por isso que estimo bastante teres vindo hoje.

— Já te disse, se fôr coisa que eu possa fazer, faço-o.

— Bem. Já falamos sobre o assumpto. Vamos porém ao que importa.

Maria José foi buscar uma caixa de cigarrilhas havanas que estava sobre o toucador, trazendo-a para o pé de si.

Sentou-se depois novamente a meu lado, tirou pachorrentamente uma cigarrilha que accendeu no meu cigarro, e recostou-se na *chaise-longue* vendo subir para o tecto, o fumo, que se desfazia pelo espaço.

Por momentos, Maria José ficou como que mergulhada em profundo meditar, e eu, não querendo interromper as suas cogitações, apenas a analysava, parecendo-me até vêr, através da pelle do rosto, a fórma exacta da sua caveira, que se me desenhava no pensamento.

— Sabes uma coisa? disse, batendo-me levemente na perna. Estou crente que cada mulher que nasce traz aos pés um abysmo. Se a cabeça não desequilibra, bem vae a coisa. Segue pela estrada da Vida e, melhor ou peor, lá chega ao fim. Mas se escorrega... Pobre d'ella... Está perdida para sempre!... Foi o que me succedeu...

— Isso acontece ahi a cada passo, repliquei, por dizer qualquer coisa, e ancioso por saber o que ella me queria pedir.

— E como não me havia de succeder a mim, sem ter ninguem que me defendesse a não ser uma tia velha, minha amiga é verdade, mas ignorante das armadilhas do mundo? Eu ficára orphã de pae e mãe quando tinha uns doze ou trese annos, mas apesar d'isso continuei a frequentar a escola, onde diziam que fazia progressos. Minha tia, cujo rendimentosito lhe dava apenas para comer, quiz um dia, por conselho das vizinhas, ter alguns hospedes que lhe ajudas-

sem assim um pouco a pagar a renda da casa.

«Tanto pensou, tanto barafustou, que mobilou dois quartos dos melhores, e deitou annuncio no jornal.

«Appareceu um velho e um rapaz, e a ambos minha tia deitou mão, suppondo que talvez não viessem outros de tão bom parecer.

«O velho era empregado n'uma reparti-

ção qualquer, homem de poucas palavras, muito mettido comsigo, e que só parava em casa apenas algumas horas.

«O rapaz estudava para o commercio, mas tambem era musico. A's noites tocava nos theatros afim de ganhar para os cigarros.

«Se accaso não tinha theatro, ficava então no seu quarto estudando no violino.

«Quando se aborrecia da musica ou já tinha apanhado a execução, sentavamos-nos á meza e ali estavamos horas esquecidas, jogando as cartas, ou então explicavame *sortes* que eu seguia attentamente.

«Para não alongar a historia, dir-te-hei que foi o meu primeiro amor. Tinha ao tempo quinze annos, mas o corpo apresentava muito mais. Eu sabia lá o que era amor! Sentia por este rapaz uma attracção louca, não via outra coisa, não pensava em mais nada, só queria estar ao pé d'elle, a vel-o, a ouvil-o, a admiral-o.

«A sua voz tinha para mim um encanto extraordinario, e se pegava no violino fazia gemer as cordas de tal maneira, que me punha a chorar de commovida.

«Outras occasiões sentava-se ao piano e eu acompanhava-o com a minha voz de contralto. A's vezes parava de tocar para me elogiar o canto, e esses elogios enchiam-me a alma de um amor-proprio indefinivel, tor-



SEMPRE ELEGANTEMENTE VESTIDA...

nando-me orgulhosa e julgando-me uma artista de *primo cartel*.

«Assim vivemos durante alguns mezes, sem que minha tia desconfiasse dos nossos amores.

«Um dia, porém, senti que seria mãe e disse-o ao meu amante, cheia de alegria e de tristeza ao mesmo tempo.

«Elle recebeu a noticia quasi friamente, mas, ainda assim, sem o querer dar a conhecer.

«Passados uns três ou quatro mezes, participou-me que tinha de sahir do Porto, onde viviamos, e vir a Santarem a casa do pae, para regular uns negocios da casa, e que talvez se demorasse uma semana.

«Isto era uma coisa tão natural, elle fazia-o tanta vez, sahir do Porto para visitar a familia, que acreditei cegamente nas suas palavras.

«Passou-se uma semana, duas, três, e Manuel sem apparecer. Deves calcular como eu estava, sem receber noticias.

«Procurei um amigo d'elle e pedi-lhe para escrever para Santarem a saber de Manuel.

«Levou perto de oito dias a chegar a resposta.

«O Manuel tinha casado com uma senhora sua prima, brasileira, e partira para o Brazil a tomar conta das suas propriedades.

«Calcula tu, se podes, o estado em que fiquei quando recebi tal noticia!

«Pois seria verdade que um homem tão bom, tão meu amigo, tão apaixonado, o pae da criança que trazia no ventre, faltasse assim á sua palavra, ás suas promessas, aos seus compromissos contrahidos comigo?

«Comigo! que lhe tinha entregado a honra como lhe entregára a alma! Comigo, a quem elle dizia viver por eu viver. Comigo, que compartilhava com elle todas as suas alegrias, todos os seus pezares, todas as suas dôres, todos os seus soffrimentos, todo o seu sentir, emfim!...

«Não! Era impossivel!...

«Fui outra vez ter com o tal amigo, e pedi-lhe para escrever novamente a outros conhecimentos, a certificar-se bem, se era verdade ou não o que a carta dizia.

«Elle assim fez, e passados dias, trouxe-me, junto com a carta em resposta, a parte de um jornal em que vinha a noticia circumstanciada do casamento de Manuel.

«Cahi de cama com uma febre e por pouco não passei d'esta para melhor, mas... estava escripto que ainda não era a hora... e portanto, ao fim de trinta dias, encontrei-me restabelecida.

«E cada vez a pronunciar-se mais o meu estado, e eu sem saber como havia de occultar de minha tia a vergonha do meu acto, que era a minha deshonra!...

«Só tinha uma resolução a tomar.

«Fugir!

«Fugir o mais breve possivel, para longe, muito longe!... onde ninguem me conhecesse.

«Um dia, li no jornal um annuncio, pedindo uma criada para vir para Lisboa em companhia de familia decente.

«Fui á rua indicada no annuncio e offereci-me.

«Gostaram da minha presença e... em conclusão, admittida, ficou combinado entrar no dia seguinte.

«Fui para casa, escrevi uma extensa carta a minha tia, fiz uma trouxita d'alguma roupa de que necessitava, e pela manhã, emquanto minha tia ia ouvir missa, pois era um domingo, deixei a carta sobre a mesa de jantar, bem á vista, e sahi.

«Meus amos partiam n'esse mesmo dia e portanto era preciso aproveitar.

«Chegamos a Lisboa e fomos viver para a rua de S. Domingos, á Lapa, onde os meus patrões tinham a sua casa.

«A principio, tudo correu ás mil maravilhas, mas, passadas algumas semanas, a minha ama começou a olhar-me mais detidamente e a conhecer o meu estado.

«Era uma excellente senhora e eu, um dia, abri-me com ella e contei-lhe tudo. Ficou bastante penalizada, e disse-me:

«— Pois sim, mas eu não te posso ter aqui n'esse estado!... E' um escandalo!... Demais a mais, és uma rapariga solteira... Não, não. Olha, se quizeres vae ter a criança ao hospital ou a qualquer outra parte, põe a criança a criar, e volta então para o serviço. E' o mais que te posso fazer.

«Deixei portanto a casa e perguntando aqui, indagando acolá, fui ter a uma casa d'hospedes na Calçada do Duque, que me recebeu depois de combinada a mesada.

«Ali estive até ao ultimo periodo, em que me vi forçada a recolher ao hospital.

«Dizer-te quantas vezes chamei pela mor-

te, não o posso fazer. A morte não vem quando a gente a chama. Vem sem ser esperada, e a maior parte das vezes, quando se tem mais vontade de viver.

«Quando sahi do hospital com a pequenita nos braços, fui outra vez para a tal casa, onde me começaram a metter em cabeça, para pôr a criança a criar n'uma ama, afim de poder ir trabalhar.»

— Descança um pouco, mulher, estás a a fatigar-te sem graça nenhuma, interrompi, ao vêr o esforço que ella fazia para proseguir.

— Não, não, deixa-me acabar, senão talvez te não possa mais contar o resto... Já falta pouco.

Levantou-se, deu umas passadas pela casa, tornou depois á janella a respirar um pouco, e voltou a sentar-se no mesmo lugar, accendendo outra cigarrilha.

— Na casa d'hospedes onde estava, continuou, havia uma rapariga corista do theatro Avenida, com quem eu me dava mais intimamente, parecendo condoer-se da minha situação e mostrando-se bastante minha amiga. Um dia perguntou-me porque não entrava eu para o theatro pois se auferia mais lucros do que andar a ser criada d'este e d'aquelle, aturando patrôas e patrões de genios differentes, emquanto que, assim, podia viver independente, e quem sabe? talvez com um pouco de gloria, se eu tivesse geito para a scena.

«A principio esquivei-me, dizendo não ter habilidade, nunca ter pisado o palco, etc., mas taes coisas me disse, tão bem soube insinuar-se-me no animo, que por fim disse-lhe:

«— Pois bem, veremos. Mas como ha de ser isso? Não tenho quem me apresente!... Não conheço ninguem!...

«— Olhe, se quer, eu a apresento ao empresario. Justamente agora vae entrar em ensaios uma peça phantastica e já ouvi falar em precisarem figurantas e coristas, portanto logo ao ensaio, já falo em si, quer?»

«— Pois sim, respondi, mais por comprar do que convicta de que se arranjasse qualquer coisa.

«No dia seguinte fui apresentada e contractada como corista, visto que sabia um bocado de musica.

«A principio tudo aquillo me causava asco, todo aquelle fingimento, sempre a dizer-se o que se não sente, de mascara afi-

velada ao rosto para se não vêr o que vae n'alma. Mas a pouco e pouco fui-me costumando, e no fim d'algumas semanas era tão boa como as outras.

«Em volta de mim rodopiava um enxame de admiradores, sem falar nos lá de dentro que se fartavam de me render finezas, e dizer que eu tinha muito geito para a arte.

«Um individuo já de certa idade, que mais frequentava a caixa do theatro, propoz-me um dia se eu quizesse ser sua amante, me alugava e punha casa, além de me dar uma mezada para meu sustento.

«Pois, apesar de ser um bom offercimento, recusei.

«Depois da infidelidade do meu primeiro amante, votára aos homens um odio de morte, todos me pareciam o mesmo, todos liam pela mesma cartilha.

«Quería a minha liberdade, não ter ninguem a quem dar satisfações dos meus actos, viver o mais independente possivel.

«O velho não desistia e assediava-me constantemente, e eu sempre a sorrir ao que elle dizia e a recusar, o que mais o desesperava ainda.

«Tanto elle como os outros, andavam ao despique, a vêr aquelle que me havia de comprar os encantos, com brindes, que quasi todas as noites me traziam.

«Eu acceitava sempre, mas ceder?... Isso sim!...

«Uma noite, depois de acabar o espectáculo, convidaram-me para uma ceia, em que iam três ou quatro actores, duas coristas e a minha amiga Julia, a companheira da casa d'hospedes.

«Acceitei, que diabo... iam mais mulheres... não era eu só... portanto fui.

«A ceia foi n'uma casa do Campo Grande, á porta fechada, onde podiamos estar á vontade.

«Comeu-se bem e bebeu-se melhor, e de tal maneira, que as cabeças não regulavam e a bôca não sabia o que dizia. A meio da ceia appareceu o velho, meu perseguidor.

«Então, tudo aquillo se transformou n'um verdadeiro inferno. Eram brindes, eram cantares, eram gargalhadas... vinho entornado por aqui, bolos espalhados por acolá... emfim, uma verdadeira bacchanal!...

«Sube depois que fôra o meu *D. Juan* quem tivera a lembrança da ceia, afim de vêr se eu me rendia aos seus desejos.

«Ora eu também tinha bebido alguma coisa. Depois as misturas dos líquidos, tornaram-me completamente e de maneira tal, que já não sabia o que fazia.

«Para encurtar razões: Quando acabou esta bambochata, era quasi dia claro e encontrei-me só, com o velhote a meu lado, a rodar n'um trem pelo caminho fóra.

«Vinha em tal estado que adormeci pelo caminho e quando acordei, achei-me deitada n'uma cama muito fôfa, e aos pés, sentado n'uma cadeira, o velhote, que olhava para mim com olhos libidinosos e com um sorriso de victorioso.

«—Então isso vae melhor? perguntou-me levantando-se e tentando abraçar-me.

«Senti o meu espirito de mulher revoltado por este abuso, e exclamei:

«— Com que então o senhor é tão canalha e tão patife, que precisou embebedar-me e embebedar toda aquella cambada para me possuir, não?

«— Ora deixe-se de improperios e conversemos como bons amigos. Espero que me desculpará, em sabendo que tudo o que fiz foi unicamente pelo muito amor que lhe tenho. Como já lhe disse n'outra occasião, estou disposto aos maiores sacrificios por sua causa. Se quizer, apenas a visitarei de tempos a tempos, deixando-lhe toda a liberdade, mas ha de permittir que esteja ao pé de si algumas vezes.

«— O senhor não passa de um idiota!... respondi.

«E sem lhe dar tempo a mais nada, saltei da cama abaixo e sahi, deixando-o atrapalhado a fazer o resto da *toilette*.

«Quando cheguei á casa da Calçada do Duque, encontrei a Julia já preparada para ir ao ensaio.

«— Então ainda agora, hein!?... disse ella sorrindo.

«— E' verdade, e não sei se é a ti que devo a noite passada em tão *bella companhia*.

«— Olha, filha, já é tempo de perderes esse acanhamento e de te deixares de escrupulos... Aproveita as ofertas do velho e de todos os velhos que te appareçam e não sejas tola. O tempo não está para a gente se perder, sabes? Até logo.

«Depois de ella sahir comecei a pezar estas palavras e acabei por me convencer de que Julia tinha razão.

«Empenhei parte das minhas joias e aluguei esta casa, e de então para cá, deitei a vergonha para traz das costas, começando a receber clandestinamente os meus admiradores, sem nunca querer estar sujeita a nenhum d'elles, até que um dia me foste apresentado também, e... o resto sabes tu e portanto escuso de o repetir. E aqui tens a minha vida passada.

«Agora, diz-me, se tenho ou não tenho



A'S VEZES PARAVA DE TOCAR PARA ME ELOGIAR O CANTO

razão em crer que a mulher quando nasce, traz um abysmo comsigo?»

— E' verdade, é, concordei, tens carra-das de razão e a tua vida dava bem para um romance. Mas... e a pequenita, a tua filha, que foi feito d'ella?

— A pequenita dei-a a criar e depois veio para a minha companhia, ou melhor dizendo: para casa d'umas amigas minhas, a quem eu visitava amiudadamente, e assim viveu até aos cinco annos...

Maria José fez uma pausa, e ao lembrar-se da filha, pareceu-me que todo o seu ser se agitava, e uma lagrima corria rapidamente pela face, vindo cahir-lhe no collo.

— Um dia sobreveiu-lhe uma enterite, e... não durou quinze dias...

Quando acabou de dizer isto levantou-se e foi para a janella a disfarçar a commoção que sentia.

Eu porém percebi perfeitamente o estado de angustia d'aquella alma, e não quiz fazer-lhe mais perguntas.

— Mas que lindo dia!... disse Maria José a mudar de assumpto. Como este sol me enche a alma de um goso excepcional!... E sabes uma coisa?... Parece-me que me sinto hoje melhor!

Olhei para ella ficto, e vi-lhe, pelo contrario, o parecer cada vez peor.

— Talvez, sim, ... é o que eu te digo, se fosses tomar um pouco de ar do campo, restabelecias-te.

Ella sorriu, e não respondeu.

— Ora agora vamos á pergunta e ao pedido que te queria fazer. Diz-me uma coisa, disse ella vindo sentar-se-me nos joelhos e passando-me o braço em volta do pescoço. Quando eu morrer, vaes ao meu enterro?

Olhei-a admirado.

— E se eu morrer primeiro, respondi, tu vaes ao meu?

— Vou, sim, descança! voltou-me sorrindo. Mas, responde, vaes ou não se eu morrer primeiro do que tu?

— Vou, respondi encolhendo os hombros.

— Dás-me a tua palavra?

— Dou, sim, já te disse que vou... Mas isso ha de ser d'aqui a muitos annos... muitos!...

— Sim, talvez... Esta era a pergunta que te queria fazer e agora vou fazer-te o pedido. Visto que vaes ao meu enterro,

quando abrirem o caixão no cemiterio, nota bem, no cemiterio, para me deitarem o balde de cal sobre o meu corpo, como é da praxe, peço-te que me ponhas sobre o peito este envelope. Fazes isto?

E tirou do seio um envelope branco que me mostrou.

— Faço, sim, dou-te a minha palavra de honra, que o faço.

— Obrigado, respondeu ao mesmo tempo que me apertava a mão cheia de reconhecimento. Agora posso morrer descançada, porque sei que és capaz de cumprir o que te peço.

E entregou-me o envelope que guardei na minha carteira.

— Não te esqueças, não!?!... recommen-dou.

* * *

Mal diria eu ao sahir d'ali, que era a ultima vez que veria a pobre rapariga!

Três dias depois d'esta conversa, estava eu almoçando em casa muito socegado da minha vida, quando a criada me veio trazer uma carta tarjada, que um gallego trouxera.

Abri rapidamente o sobrescripto, e li:

«Maria José falleceu hontem, ás 3 horas da tarde e deve enterrar-se hoje ás 4, no Alto de S. João.

Ignacia.»

Ignacia era a criada velha que a servia havia bastante tempo.

Fiel á minha promessa, lá fui á tarde acompanhal-a ao cemiterio, e a alma toda se me anuviou, ao vêr que era eu o unico convidado que lhe ia prestar a derradeira homenagem.

Quando o caixão estava para descer á cova, puxei pelo envelope para satisfazer o pedido que Maria José tão instantemente me fizera.

E, coisa curiosa, nunca, desde que ella m'o entregára, me passou pela mente, vêr o que elle continha, mas agora, ali, no derradeiro momento da separação para sempre, d'aquella corpo que fôra tão bello, e cuja vida eu sabia toda, ou quasi toda, senti desejos de abrir o envelope e vêr o que continha.

Lá que era um cartão, não restava duvida.
— Talvez a photographia d'um amante... do seu primeiro amor, quem sabe!... Ora adeus!...

Abri o envelope, e que vi?

O retrato de uma criança de quatro para cinco annos, linda e parecida com Maria José.

Era o retrato da filha.

Abri um pouco o corpete que ella levava vestido, e escondi-lhe no seio aquella reliquia.

Depois de vêr o caixão desaparecer completamente, sob a camada de terra que os coveiros, com uma indiferença enorme, arremçavam ás pazadas, sahi lentamente do cemiterio, com o coração oppresso, scismando no que é a vida, e lá deixei a pobre Maria José, que eu conhecera n'uma noite de esturdia, entre um copo de vinho e um cigarro fumado em *etapes*, dormindo o somno eterno da morte, na perpetua tranquillidade do tumulo, na paz infinita do Nada.

CLARO DAS NEVES.



Minha mãe

Alma feita da luz das puras alvoradas!
Suave como a brisa em quentes madrugadas.
Tão cheia de candura e cheia de carinhos
Para os que dormem sós á noite p'los caminhos;
Que mais par'cia ser o anjo tutelar
Dos que andam por ahí a vida a mendigar!
Sentindo como sua a dôr dos seus iguaes:
Mulher's sem ter marido e filhos sem ter paes.
Mal via que a miseria entrava em qualquer lar,
Corria pressurosa afim de os amparar!
Tão bôa, eu vejo só, no meu devocionario,
A mãe do que morreu no cimo do Calvario!
Em meiguice era igual talvez ás pombas mansas,
Sentindo-se enlevar no riso das crianças,
A quem acarinhava e sorria tambem.

.....

Assim foi sempre em vida a minha santa mãe!

Ricardo de Souza.



O respeito devido á mulher

O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Continuação)

XXVI

Tal é a evolução do direito: O reconhecimento do direito civil pela necessidade da relação individual entre as tribus; a passagem para o direito publico, para o agrupamento por conveniencia dos povos, e, depois, pelo respeito mutuo, surge o individualismo, na politica que deu o moderno direito de suffragio, e nos costumes o respeito pelas individualidades e portanto pela mulher.

Em Roma, a mulher, em dia de eleições, recommendava as candidaturas da sua preferencia. Seneca reconhecia que deveu a questura a sua tia, «a mais modesta e reservada das mulheres». Tal era o poder da matrona romana.

Comtudo se a mulher romana não possuía uma grande cultura de espirito, tinha ao menos o amor do trabalho. Trabalhava o marido na guerra; a mulher cuidava dos arranjos domesticos, fiava, fazia o manto militar do espóso, pensava nos perigos que elle corria nas campanhas das legiões. Para a austera patricia romana era um ponto de honra ser ella quem fazia os vestidos de seu marido e de seus filhos.

Trabalhava de pé a romana; fiava e tecia. E estes costumes familiares ainda existiam em tempos de menos moralidade. Augusto vestia as togas feitas por sua mulher, por sua irmã e suas filhas.

No tempo de Augusto, ainda as matronas romanas sahiam á rua de manto e *stola* com a cara vendada.

Foi no anno 584 de Roma que um tribuno da plebe, no intuito de conservar o patrimonio familiar, propóz uma lei pela qual as mulheres não podiam ser legatarias de mais mil sestercios. Esta lei foi até Augusto, mas era illudida pelos fideicommissos, pelos quaes o herdeiro ficava incumbido de entregar á mulher o que lhe desejava legar.

XXVII

O casamento por *coemptio* era uma venda simulada entre os esposos. A mulher tinha tres asses, um na mão para dar ao marido, tinha outro nos cothurnos para offerecer aos deuses Lares e depunha o terceiro no *compitum vicinale*.

As formalidades d'este casamento eram

muito simples. «Mulher, dizia o homem á noiva, queres ser mãe de familia? — Quero, respondia ella». E a mulher dizia: «Homem, queres tu ser pae de familia? — Quero». E assim a mulher ficava em poder do marido.

No tempo de Augusto, o noivo ia a casa do sogro. Encontrava a noiva já vestida. Tinha uma tunica branca com um cinto de lã de cordeiro, os cabellos divididos por seis tranças em forma de torre elevada sobre a cabeça coroada por um ramo de mangerona em flôr. A cara via-se-lhe através d'um vaporoso véo côr de fogo, e o pé era calçado d'um elegante borguezim côr de açafão. A noiva approximando-se de um dos seus parentes deixava cair do vestido uma pequena corôa entretecida de verbena e de outras flôres, que era o symbolo da fecundidade. Chegadas as dez testemunhas exigidas pela lei, ia-se para o *sacrarium*. Os noivos, cada um n'uma cadeira coberta de pelle de cordeiro que tinha servido para os sacrificios, cobriam a cabeça, e o grande pontifice procedia á cerimonia. Tomava os vasos dos sacrificios, limpos e purificados de manhã, offerencia uma mistura de leite e vinho aos pequenos deuses do santuario. Depois apresentava aos noivos um *far* (um bolo de pão), fazia-o comer, e dizia para o noivo: «Douvos F., sêde seu esposo, seu amigo, seu tutor, seu pae. Faço-vos senhor de todos os seus bens e confio-os á vossa bôa fé». Dito isto, unia as mãos dos noivos.

Depois apagavam-se as luzes quando a mulher entrava em casa. Passava-se ao tricrinio para jantar. As damas, das quaes as que só tinham casado uma vez traziam uma corôa de flôres brancas, tomavam lugar nos leitos ao lado dos homens.

De tarde as damas edosas que tinham casado apenas uma vez procuravam a noiva para a conduzir ao leito nupcial préviamente coberto de uma toga. Uma d'estas damas trazia um *phalus*, no qual a noiva se sentava um instante como que para offerecer as suas primicias a este deus. Todas se retiravam depois de terem deitado a noiva. Apagavam-se as luzes.

A *coquetterie* não foi desconhecida n'este tempo, em Roma. Em caixas de madeira tinham as damas elegantes dentaduras completas, d'ouro ou de marfim, que se ajustavam á bocca e se ligavam ás gengivas por meio de fios d'ouro. Em vasos de alabastro

estavam as pinturas e os medicamentos, para a brancura e coloração da pelle.

Estas drogas compunham-se de um linimento tirado de escremento de crocodilo para branquear a pelle, de pastas de compostos de chumbo que vinham de Rhodes. Tinha também adstringentes para obstar á transpiração, uma pasta para dissipar as rugas, outra epilatoria, e pastilhas de myrta e vinho velho para evitar o mau halito. Usavam chumaços e cintos de couro de boi para comprimir o peito abundante. Traziam sapatos de pelle branca tão apertados que penetravam as carnes.

No tempo do Imperio entrou o vicio do luxo em Roma.

No guarda-roupa das romanas contavam-se dezoito especies de vestidos e mantos — a *regilla*, a *menducula*, *impluviata*, a tunica *rolla*, a tunica *spessa*, o *limteolum caesicum*, a *intresciata*, a *patagiata*, a *caltha*, a *crotula*, o *subparum*, a *rica*, o *basilicus*, o *exoticus*, o *cumatilo*, o *plumatilo*, o *cerinum*, o *melinum* e o *laconicum*.

No tempo de Augusto, foram destinados logares especiaes nos theatros ás mulheres, onde ellas iam para ser vistas.

Spectatum veniunt; veniunt spectentur ut ipsae

E as mais audazes iam para o proscenio. Como ia longe aquella austeridade das matronas romanas que o povo, pelas suas virtudes, cortejava respeitosamente, quando atravessavam as ruas de Roma (Dezobry)!

Os costumes da cidade de Roma estavam diffundidos pelo grande imperio. A mulher romana tornando-se ociosa e futil; inconstante e caprichosa, continuava a ser ignorante. Foi então que d'esse germen moral que se alastrava no mundo surgiu a reacção christã, evangelisando a emancipação da mulher. Tão escravizada ella estava no meio da devassidão do imperio.

Coberta de ouro e brocado, tinha perdido a auctoridade e respeito d'outras eras, para se escravisar como a mulher dos *harens*, de bracettes d'ouro.

XXVIII

A mulher-mãe que aconchega ao peito o filho, fazendo d'um pequenino ser um homem; a mulher-virgem, cheia de graças e pudic

bunda, que dá á moral e á arte a grande ideia abstracta da perpetuidade da Virtude e do Bello; a mulher trabalhadora e intelligente que faz do trabalho um lenitivo e da vida um paraizo, hão de ser os symbolos impereciveis da civilisação que já se esboça n'este seculo audacioso, de conquistas mechanicas, mas tão sceptico como pessimista, tão material como devasso.

No emtanto, foi ao alvorecer d'este seculo findante que se operou a Revolução franceza, provocada pelas cortezãs da côrte de Luiz XVI, revolução que por ser inconsciente nem por isso deixou de ser util e organica, nos seus resultados de equilibrio futuro.

O seculo XIX foi um seculo de desequilibrio, inconsistente e inconsequente. Foi o seculo de Napoleão e de Gambetta, de Chateaubriand e de Buchner, de K. Max e de Leão XIII, de Rothschild e de Moltke, de Bismarck e de Lamartine. Todas as aberrações humanas e todas as virtudes tiveram logar no nosso seculo, ainda as mais oppostas, e este mobilismo de opiniões é a maior prova e a maior garantia da estabilidade e das conquistas organicas e integralistas do futuro.

Para melhor comprehensão das origens do nosso seculo, digamos o que foi a sociedade familiar no seculo XVIII. E' sempre na familia e por isso na situação da mulher que se deve ir procurar o verdadeiro estado de cultismo dos povos, porque da familia é que se evolva a alma vigorosa das sociedades que se engrandecem. Se as sociedades humanas teem cahido por depressões moraes, e esta é a causa commum da queda de todos os povos historicos, é porque n'ellas não teve nunca a mulher o seu rigoroso logar de acção. A corôa tradicional dos reis de França cahiu perante os vicios das cortezãs da sua côrte.

XXIX

No seculo XVIII, a situação da mulher franceza é analogo á de todos os outros povos cultos.

Os povos latinos, por approximações ethnicas e historicas, ha bastante tempo que no direito, na litteratura e nos costumes se approximam muito da França; as classes privilegiadas dos povos slavos no seculo XVIII

e XIX teem imitado a civilisação da França e os seus mais futeis costumes, e até os anglo-saxões e os allemães, no seculo XVIII, viram as suas mulheres imitar as cortezãs philosophas da França, vestir á moda de Paris e seguir servilmente os costumes da moderna Babylonia.

Além de que, é uma característica da nossa civilisação o cosmopolitismo, o que se explica pelo desenvolvimento do industrialismo, pela imprensa periodica, pela facilidade de communicações telegraphicas, de transportes maritimos e ferro-viarios. O direito publico e civil tende a unificar-se, e pelo direito da livre critica, pelo predominio da intelligencia e pela extrema sensibilidade dos organismos sociaes modernos, — o nosso tempo, em contrario do que ainda muitos pensam, é o mais proprio para a diffusão das grandes idéas moraes.

Ha, é certo, um grande rebaixamento moral, uma notavel inconsistencia de opiniões, mas o maior e porventura o unico mal d'este periodo transitorio de individualismo democratico — está no regimen economico. Fez-se a igualdade civil, conseguiu-se a egualdade politica, mas ha ainda profundas desigualdades economicas, creadas pela lei e protegidas pelo espirito de seita, de raça e de systema. O facto é que ao pé das grandes fortunas existem as classes miseraveis, — e tantas vezes são as que mais trabalham, e por isso as que mais merecem!

XXX

D'esta situação vem a prostituição da mulher. Os argentarios das grandes heranças ou dos inconfessaveis crimes do anonymato, ociosos e omnipotentes, velhos e devassos, seduzem as filhas do proletariado, prostituem-nas, suggestionam-lhes os prazeres suppostos da ociosidade e da grandeza mundana. A mulher tem o facil estonteamento do ouropel.

D'aqui a existencia occulta da polygamia na Europa, os tormentos da mulher honesta que se sente abandonada do marido, a desorganisação da familia, a má educação dos filhos, o desenvolvimento do espirito frivolo na população feminina, a depressão dos sentimentos moraes... e todo esse pantano moral do nosso tempo. Se as classes illustra-

das e em evidencia dão maus exemplos, se provocam a desmoralisação das classes menos protegidas da sorte ou da lei, que admira que, pela lei da imitação, para todas as classes tenha irradiado esse espirito material e egoista, immoral e frívolo do nosso tempo? Quem mais soffre com esta situação é o operariado, a familia e o povo a quem os nababos da finança arrancam a honra das filhas e as economias do seu trabalho na subscrição de acções de Companhias fraudulentas; são ainda as esposas e as filhas d'esses argentarios que, abandonadas e aniquiladas, cobrem o seu immenso infortunio com os estonteamentos do luxo. Mas carruagens, joias, theatros, vestidos — que importa isso ao desconforto do coração! — nunca podem satisfazer o espirito moral da mulher amorosa e honesta.

XXXI

No seculo xviii, a mulher do povo, em França, como dizem os Goncourt, é um ser que não é mulher senão pelo sexo.

Viril, resistente ao trabalho, o odio e as revoltas refervem no coração da mulher do povo. E' n'ella que se podia sentir que o seculo xviii ia no caminho da revolução. A mulher do povo então tambem podia elevar-se até o mundo elegante, pela devassidão. Tinha as maneiras das cortezãs, os seus encantos e as suas graças.

Foi do baixo povo que sahiram as rainhas da belleza, actrizes e cortezãs.

Essas mulheres privilegiadas, mas que a policia perseguia, eram cortejadas por gentis-homens, artistas, escriptores e philosophos. Tinham no *Salon* os seus retratos e passeavam em Long-Champs de carruagem. *Filles du monde*, Richelieu dizia que ellas eram mais mulheres que as outras.

As que eram actrizes recusava a Egreja, no seculo xviii, a benção nupcial e o enterramento em sagrado; mas a alta sociedade acolhia-as bem. Adriana Lecouvreur e Pellissier, duas mundanas, eram disputadas pelas grandes damas da França, jantavam em casa de Quinaut e dançavam em casa de mademoiselles Antier. E' que em verdade a devassidão do alto não tinha direito de se mostrar severa para com a devassidão de baixo.

Passada a mocidade, a mulher franceza do seculo xviii fazia-se philosopha, substituia as graças pelas seducções do espirito.

Os seus salões abriam-se aos philosophos, aos escriptores e aos criticos. Alli se faziam as reputações, preparavam-se as eleições academicas, faziam-se as intrigas da cõrte e os ministerios, distribuiam-se beneficios, empregos e titulos. Este seculo foi dirigido pela mulher. E' certo que, sob a influencia de Rousseau, por algum tempo a mulher franceza se entregou ao amor maternal e de familia. Mas esta corrente era ficticia, porque a mulher de então foi incapaz de amar, por ser futil, indifferente e dissipada.

(*Continúa.*)

CARNEIRO DE MOURA.





Artistas italianos

Os tres Andreini — Inghirami — Calmo — Os tres Domenico — Gherhardi — Os Constantini — Riccoboni — Carani — Carlino — Mattiuzzi — Bosco — Carline — Modena — Salvini — Rossi — Novelli — Zacconi — As Talassi — Ristori — Paladini e Duse.



PARA concluir este rapido estudo sobre a arte dramatica na Italia, falta esboçar a biographia dos seus principaes artistas. Faltam muitos, é claro, mas deligenciamos

torná-la tão completa quanto nos foi possivel.

Temos em primeiro lugar, no seculo XVI, os tres Andreini, Francisco, João Baptista e Isabel. Esta ultima nasceu em Padua, em 1562, e morreu em Lyon, França, em 1604. Obteve, na Italia e em França, os mais brilhantes triumphos. E foi celebrada por todos os poetas da época. Deixou poesias, cartas e dialogos. Seu marido, Francisco Andreini, de Pistoia, foi tambem um comediante celebre e um poeta estimado. Seu filho, João Baptista, poeta e comediante, nasceu em Florença, em 1578, e morreu em Paris em 1650, foi muito applaudido no reinado de Luiz XIII, nos papeis de galan, interpretando a personagem de *Lelio*. Deixou duas peças e alguns poemas. Alguem escreveu que Milton haurira a idéa do *Paraiso perdido* na sua tragedia *Adamo* (Milão, 1613).

Tomaso Inghirami foi um humanista de certo valor. Alcançou o de *Phedra*, por ter representado com talento o papel de Phedra na tragedia *Hippolyto*, de Seneca.

Nasceu em Volterra, em 1470, e morreu em Roma, em 1516. Em 1483 partiu de Florença para Roma onde tomou parte activa na renovação do theatro. Os papas Julio II, Leão X e o imperador Maximiliano accumularam-no de favores. Sadolet, Erasmo, Bembo cobriram-no de elogios, mediocrementemente justificados pelas obras que se conhecem d'elle. Enthusiasta de Cicero, commentou Horacio e Plauto.

André Calmo, foi simultaneamente auctor e actor, como quasi todos os seus collegas d'essa época. Nasceu em Veneza em 1510 e morreu em 1571. E' um dos mais habes escriptores que se serviram do dialecto das lagóas. Compoz comedias, poesias diversas, pastoraes, dialogos, églogas, estancias, sonetos, etc.; ha d'elle uma collecção de cartas com o titulo: *Lettere piacevoli* (1572).

Burattino, viveu nos fins do seculo XVI; fazia parte do grupo dos *Gelosi*, que foi para Paris em 1600. Desempenhava papeis de creado resmungão e logrado e tornou-se tão popular em toda a Italia que os bonecos imitavam os seus traços physionomicos e passaram a ser chamados *burattini*.

Domenico Biacolelli nasceu em Bolonha, Italia, em 1640 e finou-se em Paris, em 1688. Partiu para Paris com a companhia chamada por Mazarino, em 1661. Tornou-se notado nos papeis de *Arlequim*. Luiz XIV estimou-o e todos sympathisaram com elle

pela regularidade dos seus costumes. Foi para elle que Santeuil compoz a celebre divisa: *Castigat ridendo mores*. Seu filho mais velho, Luiz Biancolelli, conhecido tambem por Domenico, morreu em Toulon, em 1729. Era afilhado de Luiz XIV. Foi engenheiro militar distincto e director das fortificações da Provença. Escreveu muitas comedias para o Theatro Italiano. Outro seu filho, Pedro Francisco Biancolelli, actor e auctor dramatico, nasceu e falleceu em Paris (1680-1734). Seguiu a carreira do theatro na Italia, e depois em Paris, primeiro na Opera Comica e depois na Comedia Italiana, onde foi excellente nos papeis de *Pierrot*, *Arlequim* e *Trivelino*. Engraçado, escreveu grande numero de comedias, quasi todas muito applaudidas, entre outras: *A mulher fiel* (1711); *A escola galante* (1711); *Ignez de Chaillot* (1723); *Herodes e Marianna* (1725); *A feira dos poetas* (1730); *Arlequim* (1731); *Os enfeitados* (1732).

Evaristo Gherardi nasceu em Prato, Toscana, em 1670, e falleceu em Paris, em 1700. Estreou-se no theatro no papel de *Arlequim*, em 1689. Veio a ser director da companhia do Theatro Italiano em Paris, e fez representar algumas peças da sua composição. Em 1697, julgando Madame Maintenon que a tinham copiado para protagonista de uma comedia intitulada *A prognostica*, Luiz XIV mandou fechar o theatro. Gerhardi aproveitou as melhores peças representadas na scena italiana, compoz o dialogo de muitas dellas, de que só existia o esqueleto, e publicou-as com o titulo de *Theatro Italiano* (1691-1697). Só uma das suas peças foi publicada. E' a *Volta da feira de Bezons*, comedia representada em 1695.

Angelo Costantini, denominado o *Mezzetino*, nasceu e falleceu em Verona (1654-1729). Estreou-se no palacio de Borgonha, Paris, em 1681. Sendo escripturado dois annos depois para substituir o celebre Domenico nos papeis de *Arlequim*, aproveitouse do facto de não haver *Scapino* na companhia para lhe tomar o character, mas

modificando-lhe o vestuario, que tornou mais elegante e mais alegre. Não usava mascara. Depois da morte de Domenico, em 1688, ficou sendo o principal actor da Comedia Italiana. No anno seguinte representou: *Mezzetino grande sofi da Persia* e em breve recebia das mãos de *Colombina* o fato de *Arlequim*, que teve de partilhar com Gerhardi, até a suppressão, por ordem superior, da companhia estrangeira, em 1697. Dirigiu-se então para Dresde onde ficou ao serviço do rei da Polonia, Augusto I, que o encheu de favores e o ennobreceu. Teve, porém, o mau senso de render as suas homenagens a uma amante do monarcha, que o mandou encerrar durante vinte annos na fortaleza de Konigstein. Logo que foi posto em liberdade, voltou a Paris e reapareceu na nova companhia italiana, mas deixou pouco depois o palco do Borgonha para ir morrer na sua patria.



THOMAZ SALVINI

Attribue-se-lhe uma *Vida de Scaramucia* (1695) dedicada á princeza real de França. O museu da Comedia Franceza possui o seu retrato pintado por F. de Troy, que foi gravado por C. Vermeulen com uma sextilha de La Fontaine. Constantino Constantini, seu pae, estreou-se na Comedia Italiana, em 1687, para

desempenhar os papeis de *Gradelino*. Seu irmão, J. B. Constantini, foi escripturado em 1688, para o papel de *Octavio*. Um outro irmão, Antonio, estreou-se, em 1739, como *Arlequim*, mas não foi escripturado.

Luiz André Riccoboni nasceu em Modena, em 1675, e falleceu em Paris, em 1753. Estreou-se na companhia da Diana, mulher de J. B. Constantini, com o nome de Frederico. Trocou-o breve pelo de *Lelio*, tornando-o celebre na interpretação dos primeiros galans da Comedia Italiana de Paris, que foi encarregado de reconstituir em 1716. Este excellente actor era inimitavel n'uma tragi-comedia da sua lavra, *Samsão*, que foi prodigiosamente applaudida. Levou á scena, quer sosinho quer de collaboração, grande numero de peças italianas e escreveu muitas obras sobre a arte do theatro.

Além d'estes devemos citar os comediantes Nicolo Barbieri, Giuseppe Bianchi, Cotta, Francesco Gabrieli, Silvio e Tiberio Fiorelli, Antonio Luigi Balletti, Zannuci, Marco Aurelio Alvarotto, Marco Romagnesi, Andrea, Zanotti, e as actrizes Virginia Ramponi, do seculo xvii, e Gianetta Rosa e Margarida Rusca, do seculo xviii. De nenhuns d'estes artistas, homens e mulheres, nos foi possivel obter dados biographicos.

No seculo xviii tornaram-se afamados Bartholomeu André Camerani, nascido em Veneza pelo anno de 1735 e fallecido em Paris em 1816. Estreou-se na Comedia Italiana, na capital de França, em 1767. Em 1780, quando um novo regulamento régio ordenou a sahida de França de todos os actores italianos, Camerani foi o unço exceptuado. Até á data da sua morte não se sabia d'outro homem que tivesse tido maior numero de indigestões do que elle.

Carlo Bertinazzi nasceu em Turim em 1713 e soltou o ultimo suspiro em Paris, em 1783. Estreou-se em Bolonha nos papeis de *Arlequim*, que representou depois em diversas cidades de Italia com grande exito, sob o apodo de *Carlino*, diminutivo do seu nome de baptismo Carlos. Chamado a Paris em 1742 para representar os mesmos papeis na Comedia Italiana, fez durante quarenta annos as delicias da cidade e da córte pela naturalidade da sua maneira de recitar, pela verdade da sua pantomima, a viveza dos seus gestos e a surprehendente fecundidade dos seus improvisos. O rir louco que provocava deu lugar a uma aventura divertida. Carlino, tendo adoecido, mandou chamar um medico. Este sabio, não conhecendo nem o doente, nem a doença, não achou que lhe dizer senão: «O senhor precisa divertir-se: vá ver Carlino.» Distinguia-se por um grau d'instrucção superior á maior parte dos actores do seu tempo. Deu ao theatro, em 1763,

as *Novas metamorphoses d'Arlequim*, comedia em 3 actos que alcançou exito.

Antonio Mattiuzi, alcunhado *Colalto*, nasceu em Vicencia, em 1717, e morreu em Paris, em 1778. Chamado a Veneza por Goldoni, tornou-se, graças aos seus conselhos, um excellente comediante. Partiu para França e estreou-se, em 1759, na Comedia Italiana, onde foi muito apreciado no papel de *Pantalone*. Compoz, para este theatro, um grande numero de peças, das quaes a que mais agradou: *Os tres gemeos venezianos* (1773), foi publicada em francez.

Bartholomeu Bosco não pôde ser classificado como actor, mas foi um prestigidador de extraordinario merecimento. Nasceu em Turim em 1793 e finou-se perto de Dresde em 1863. Soldado aos 19 annos, em 1812 foi feito prisioneiro na Russia. Posto em liberdade, utilizou o seu talento de escamoteador e, graças á sua maravilhosa destreza, adquiriu uma grande reputação européa e americana, dando em quasi meio seculo, sessões de prestigitação e sortes de cartas completamente extraordinarias.



ERMETTE NOVELLI

Entre as actrizes que se pôdem emparelhar com os comediantes atrás citados evidenciou-se Carline Malacrida. Nasceu em 1758 e morreu em 1818. Foi actriz da antiga Comedia Italiana e da Opera-Comica em Paris. Estreou-se em 1780 no *Sylvain Grébry* e na *Épreuve*, de Marivaux; alcançou grande fama e favor do publico nas operas-comicas: *Fanfan e Colas*, *A ceia da familia*, *Os dois céguinhos*, *Primorosa*, *As azas do amor*, etc. Retirou-se da scena em 1804. Casou com o celebre Nivelon, um dos melhores dansarinos da Opera de Paris.

No meio dos grandes artistas italianos que o seculo xix produziu avulta Gustavo Modena. O seu talento para a tragedia era enorme. Nasceu em Veneza, em 1803, e

falleceu em Turim, em 1861. Filho d'um actor distincto, foi por algum tempo advogado em Bolonha e depois em Roma, onde se estreou como actor tragico em 1826. Envolvendo-se nos acontecimentos politicos da Romana, em 1831, viu-se obrigado a refugiar-se em França. Tendo-lhe a amnistia de 1847 permittido regressar ao seu paiz, publicou *Dialoghetti popolari* cheios de verve satirica. Membro da Assembléa constituinte romana, procurou, depois da tomada de Roma, asylo em Turim onde deu representações e sessões de declamação muito frequentadas. Desde então figurou com entusiasticos applausos nos principaes theatros da Peninsula, brilhando com especialidade no theatro Alfieri. Foi o mestre da maior parte dos bons artistas contemporaneos.

Thomaz Salvini foi um dos mais scintillantes tragicos do mundo. Nasceu em 1829.

Entrou para o theatro em 1843 impellido por irresistivel vocação, e teve a fortuna de ouvir as lições de Gustavo Modena, que tambem foi mestre de Ernesto Rossi. Fez parte da companhia do empresario Domeniconi, e com ella representou durante seis annos, ao lado da Ristori. Desde então a sua gloria artistica foi sempre ascendendo, alcançando grandes triumphos não só em Italia, mas em todo o mundo civilisado. Em 1869, visitou o nosso paiz, representando em Lisboa e Porto, com grande exito. Uma das suas épocas mais brilhantes foi a de Londres, em 1884, onde interpretou o theatro de Shakspeare d'uma maneira superior.

Outro, Ernesto Rossi, foi notabilissimo. Nasceu em Leorne em 29 d'abril de 1827 e falleceu na Italia em 1896. Pertencia a uma familia abastada, sendo destinado por seu pae á advocacia. A passagem de uma companhia ambulante pela terra da sua naturalidade fê-lo abandonar os estudos para se

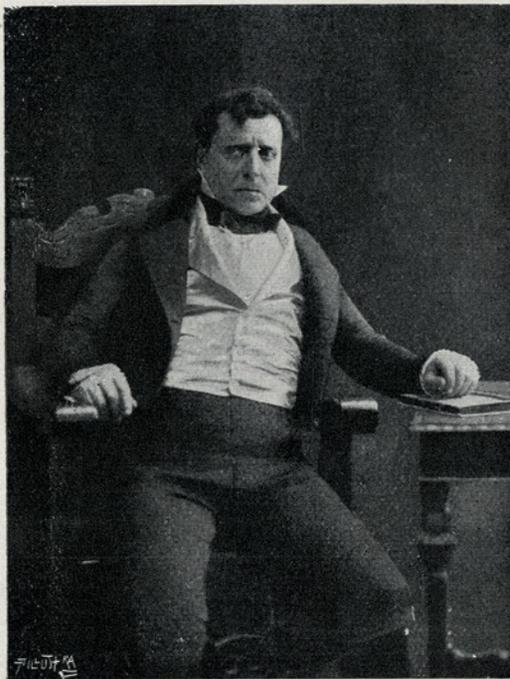
consagrar á vida de theatro. Desde então alcançou victorias sobre victorias em todas as scenas do mundo. Em 1886, por uma excepção extraordinaria, representou em Paris, na comedia franceza, o *Cid* de Corneille, e foi tal o exito alcançado que a Escola de Bellas-Artes obrigou os seus alumnos a assistirem ás representações. Informa Sousa

Bastos que essas recitas fôram dadas em commemoração da morte do grande poeta e por um convite especial do administrador da Comedia, que lhe dizia «que a França não encontrava outro actor igual a elle para representar tal papel». Rossi visitou por duas vezes o nosso paiz, sendo a primeira em 1868. De ambas as vezes, mas sobretudo da primeira, colheu ovações frementes.

Ermete Novelli, muito conhecido do nosso publico, nasceu em Lucca em 1851. Estreou-se em 1866 e foi primeiro comico

em 1884. A partir de 1885, formou uma companhia e representou nas principaes cidades de Italia e do estrangeiro. Em 1900 fundou em Roma um novo theatro, a *Casa Goldoni*, no genero da Comedia Franceza, com uma companhia permanente. Novelli é um actor de primeira ordem. Muito intelligente, conhecendo a fundo a sua arte, é eximio tanto no comico como no tragico, no *Harpagão*, no *Shylock*, *Othello* e *Luiç XI*. Novelli esteve no Porto e Lisboa por duas vezes, onde foi devidamente apreciado. Ha pouco tempo correu o boato da sua morte, felizmente, falso.

Zacconi é o maior dos actores contemporaneos. O estudo da personagem que interpreta é um portento. No genero dramatico poucos o egualam. O seu trabalho no *Pão alheio*, *Morte civil*, *Oscuro delirio*, emfim n'um repertorio vasto, é assombroso. A sua modestia é tão grande como o seu valor. Detesta o *reclamo*, foge a tudo quanto seja



ERMETTE ZACCONI NO «KEAN»

ostentação. Adoram-no na sua patria, na Austria e na America. A muito custo e depois de muito instado vae esta época representar a Paris. Não é facil obter-se elementos para a sua biographia. Deve contar de quarenta e tres para quarenta e cinco annos, o que quer dizer que está no apogeu das suas faculdades. Foi discipulo de Emmanuel, o maior dos tragicos italianos d'estes ultimos tempos.

A Italia possui muitos outros actores de merecimento, uns conhecidos do publico de Lisboa, como Carini, Falconi, etc., e outros que nunca representaram em Portugal.

Na pleiade enorme de actrizes que tem enaltecido e enaltecem a arte dramatica na Italia, e de que nos é impossivel esboçar sequer a sua existencia de theatro, apresentam especial relevo as duas Talassi, Catharina e Carlota. A primeira era filha do poeta Angelo Talassi que veio para Portugal ao serviço da rainha D. Maria I, mãe da illustre artista Carlota Talassi. Representou no theatro de S. João do Porto e depois no da rua dos Condes, em Lisboa. Fez tambem parte, em 1835, da companhia dramatica que funcionou no velho theatro do Salitre.

A segunda nasceu já no Porto, em 1811, e falleceu em Lisboa em 1891. Dedicou-se tambem á carreira dramatica, estreando-se no theatro de S. João do Porto, contando apenas 9 annos de idade, na peça: *Os moi-*

ros em Hespanha. Vindo depois para Lisboa (1825) representou no theatro do Salitre e depois no da rua dos Condes, passando mais tarde para o de D. Maria. Foi uma artista muito illustre e intelligente, distinguindo-se notavelmente no grande repertorio: *Templo de Salomão*; *D. Ignez de Castro*; *Trinta annos ou a vida d'um jogador*; *Catharina*

Howard; *Maria Tudor*; *Lucrecia Borgia*; *Philippa de Vilhena*; *Alfageme de Santarem*; *Livro negro*; *Cego*; *Auto de Gil Vicente*, etc. Traduziu para o theatro diferentes peças, entre as quaes: *Erros da mocidade*; *Luiza Bernard*; *Marrido rapaz e mulher velha* e *Camara ardente*. A illustre artista abandonou o theatro em 1862. A ultima peça que representou foi: *Cora ou a escravatura branca*. Artista de grandes qualidades, foi uma senhora muito apreciada pela sua educação e dignidade.



LEONOR DUSE

Conglobamos estas duas artistas entre as italianas, porque, na verdade, o logar proeminente que conquistaram no tablado deveram-no mais á influencia da sua patria que á nossa.

Adelaide Ristori, tão conhecida dos entusiastas e admiradores portuguezes da boa arte, nasceu em Cavedale, Friul, em 1821. Filha do director de uma companhia theatral, a «Companhia Sarda», estreou-se em 1838 na qualidade de *prima-donna*. Depois desde 1841 até 1849 passou por diversas compa-

nhas, para voltar áquella em que ficou até 1855. Por esta época empreendeu viagens artisticas, atravez da França, Belgica e Allemanha. Em 1856, Ristori creou em italiano (traducção de Montanelli) a *Medéa* de Legouvé, do qual representou mais tarde *Beatriz*, em lingua franceza (1861). Depois percorreu toda a Europa. Por fim, fez uma viagem artistica, que foi a ultima, na America septentrional. O seu talento dramatico encontrou por toda a parte um acolhimento entusiastico.

Celestina Paladini nasceu em Lucca, na Italia, em 1845. Aos 17 annos entrou para a companhia de Massa, com a qual percorreu as principaes cidades italianas, affirmando-se, logo, na estreia, uma artista de grandes faculdades. Passou depois a fazer parte da companhia da Duse e Lagunar, sendo mais tarde escripturada para a de Castel-Vecchio e Colterini, representando, com grande exito, a *Isabel, rainha de Inglaterra, Sapho, Dama das Camélias, Maria Stuart, Maria Davidson*, etc. Ligada á companhia

Rossi, percorreu a America, onde organisou uma companhia sua, com a qual representou em Lisboa e no Porto. N'essa época foi entusiasticamente recebida, sendo todas as noites acolhida com estrepitosas ovações. Quando, porém, tornou a Portugal, com uma companhia que tinha por galan o actor Dominici, o entusiasmo da critica e do publico arrefeceu bastante, comquanto Paladini fosse ainda uma artista de grandes qualidades. Desligando-se da companhia que organisou, ficou em Lisboa, e estudando a nossa lingua, representou em portuguez no theatro de D. Maria. Foi tambem ao Brasil com parte dos artistas do theatro Normal.

No regresso, partiu para Italia, onde vive, retirada ha muito da scena, que tantos triumphos lhe proporcionou.

Leonor Duse nasceu em Vigevano, em 1859. Filha d'um comediante, surgiu na scena muito nova, representando, a partir de 1881, com um successo sempre crescente, nos principaes theatros d'Italia, collocando-se na primeira fila dos artistas dramaticos do seu paiz. A sua reputação espalhou-se pelo estrangeiro, representando o repertorio italiano e francez, em digressões artisticas por Hespanha, Estados-Unidos, Vienna (1882), Londres (1893), Allemanha, Scandinavia (1895), Russia (1896), Paris, em 1897, onde, no theatro Renascença, deu representações da *Dama das Camélias, Magda, La Locandiera, Mulher do Claudio*, etc., e, finalmente, em Lisboa e Porto, deixando em toda a parte a impressão de artista illustre. Desde então, ora na Italia ora no estrangeiro, tem continuado a sua carreira triumphal. Casou com o actor Chechi, de quem se separou. Duse é uma comediante de primeira



MIMI AGUGLI

ordem, d'uma originalidade poderosa, allia-da a uma extraordinaria mobilidade de physionomia e brilho de olhar, e a um extranho encanto de voz, sabendo obter vivos effeitos de emoção por um jogo simples e natural que dá a sensação da realidade e da vida.

Alongariamos demasiado este artigo se desenvolvessemos a biographia das applaudidissimas actrizes Gramatica, Borelli, Vitaliani, Tina di Lorezo, Mimi Agugli e Cristina Inés, todas ainda no goso pleno das suas faculdades, e que por isso mesmo é cedo de mais para escrever a sua historia.



A escola maternal francesa



ETOMANDO um simile com que concluí um artigo anterior (*Serões* n.º 52), reconheço que podem dirigir-se-lhe ponderosas objecções. A planta humana exige cuidados especiaes e um meio so-

cial conveniente para se desenvolver na conformidade do seu typo ideal, ainda quando nas mais amplas condições de liberdade e de espontaneidade, que não podem comparar-se ás que a vida vegetal concede na solidão das florestas e das encostas das montanhas ás arvores gigantes a que alludi. O cedro do Libano (ha annos li que os alli existentes, curvados ao peso dos seculos, se achavam em lastimoso estado de ruina) mata todas as plantas que surgem no ambito das suas raizes, como succedia com um individuo da especie, meu conhecido da infancia e da adolescencia, no Jardim Botânico de Coimbra.

A natureza manda ao mundo o homem, debil, sujeito a pronta destruição, se não lhe acode o amparo da mãe propria ou adoptiva, d'uma fera ao menos, como nas velhas lendas dos heroes ou nas historias, ainda hoje correntes, por exemplo, na India, das creanças amamentadas por lobas. E a essa debilidade mesma se attribue o amor dos paes e sobretudo a affeição funda da mãe pela prole, que duas vezes cria, amor

que tem antecedentes em especies inferiores, e é base do primeiro nexo social.

E se as creanças não tivessem mais que os cuidados relativos á vida physica, não se elevariam acima do nivel da animalidade, como um Kaspar Hauser, isoladas do convívio social, sem poderem compartilhar dos bens de cultura accumulados durante longa serie de seculos; e se fossem postas em contacto com a sociedade, mas sem guia directa através dos escolhos que esta offerece no meio das suas tendencias contradictorias, ora para o bem, ora para o mal, mais por ventura para o mal do que para o bem, no dedalo de complicações da vida moderna, por quantas naufragadas, ou mais ou menos fortemente lesadas, haveria uma que chegasse sã e salva ao bom porto. E' esta consideração que leva nos países cultos a multiplicar os agentes especializados da educação e tanto mais quanto maior é a cultura dos dirigentes, que aspiram a fazer compartilhar d'ella o maior numero possível de membros da comunidade social. E' por isso que, quando se quer apreciar o grão de adeantamento de um povo, se contam as suas escolas, se examina a estrutura do systema que ellas formam, se analysam os resultados d'esse systema no progresso moral, intellectual, artistico, economico. Não basta contar os analphabetos: como demonstrarei noutro logar, o simples numero dos que num Estado ignoram ou sabem ler e escre-

ver não nos permite tirar conclusão segura relativamente áquelle progresso. Basta lembrar que a criminalidade tem crescido nos ultimos 50 annos, nos países cultos, principalmente a criminalidade juvenil (esta em proporções assustadoras), emquanto o analfabetismo tem diminuido, mais ou menos consideravelmente na maior parte d'elles.

A diversas causas se attribuem esse e outros males graves de que padece o nosso tempo, mas em primeiro lugar á deficiência, ausencia ou, o que é muito peor, mas infelizmente existe, perversidade da educação familiar; a vicios da escola primaria ou popular, de que me hei de occupar, e, acima de tudo, á influencia, predominantemente desmoralizadora, da *grande escola*, da escola do mundo, como se dizia antigamente, e que eu chamo a *escola da rua*, comprehendendo na rua tudo o que é *publico*, quer se pague ou não para entrar: botiquins, casas de espectaculo, e de jogo, estabelecimentos commerciaes, tribunaes, repartições do Estado, camaras legislativas, a que junto o jornalismo, a litteratura de quiosque, a graphia pornographica, sem que a enumeração fique completa.

Já Montesquieu dizia do seu tempo: «Hoje recebemos tres educações differentes ou contrarias: a dos paes, a dos mestres, a do mundo. O que nos ensinam na ultima torna todas as ideias das primeiras.» Mas peor é quando essas primeiras estão longe de se acharem em desharmonia com a ultima. Dizia-se, por exemplo, de certo politico, accusado, entre outras coisas, d'um crime grave, mas impune, o qual só á força de muitas tentativas mal succedidas, em pequenas assembleias etc., chegara a fallar com desembaraço em publico (*orater fit*), que desejara muito ter um filho que o excedesse como velhaco e como orador, duas condições para exito na politica, e que os seus desejos foram satisfeitos. Neste caso a familia ia com a rua, e tal facto está muito longe de ser o unico no seu genero. No tecido das contradicções que é o espirito humano, achamos a explicação da singularidade de se ouvirem homens sem caracter a pedir educação do character nas escolas, heroes da rua, no sentido amplo que dei á palavra, proclamarem a necessidade de arrancar as creanças á educação funesta da rua. E' a questão do fr. Thomás do pro-

verbio, e, como este diz, faça-se o que o frade préga.

Tenho lido muitas objurgatorias formidaveis contra os homens politicos da terceira republica em França, parte das quaes dimanam de democratas convictos e em que a maior das accusações não é talvez a de falta de character; ora é innegavel que a terceira republica tem feito muito pela educação popular, multiplicando as escolas primarias elementares e completando-as com escolas primarias complementares e primarias superiores e ainda outras instituições, e creando ou transformando numerosos estabelecimentos d'educação anterior á escola primaria, que estende a sua acção regular dos 6 aos 12 annos d'idade, emquanto aquelles estabelecimentos recebem creanças de 2 a 7 annos.

Reconhecera-se que a *crèche*, a *garderie* francesa tinha um papel puramente negativo: durante as horas do dia em que as mães carecem de estar na fabrica ou noutras occupações, naquelle deposito de creanças que tem a vantagem de as livrar da rua ou dos perigos a que a falta de vigilancia as expõe em casa, ficam ellas, em verdade, quasi inteiramente abandonadas a si proprias, numa anarchia, como disse M. Pierre, na *Revue Pédagogique*, de movimentos, d'empurrões, de gritos, de sugidade, sob os olhos indifferentes da guarda.

As *Salas d'asilo* (Salles d'asile), precedidas de algumas tentativas como as *Escolas de fazer meia*, de Oberlin, surgiram desde 1826, depois de estudos feitos nas *Infant Schools* d'Inglaterra, primeiramente pela iniciativa particular. Em 1833, a lei de 28 de junho (Guizot) classificou-as entre os estabelecimentos d'instrucção primaria. Em 1847, M. de Salvandy creava na Rue Neuve-Saint-Paul a denominada «Casa provisoria d'estudos, destinada a completar a instrucção das pessoas desejosas de consagrar-se á direcção ou á inspecção das salas d'asilo», a que se deu depois o nome simples de *Curso pratico das salas d'asilo*. M.^{me} Marie Pape-Charpantier, a quem é devida em grande parte a feição que tomaram esses estabelecimentos, foi directora d'esse Curso durante vinte e sete annos e depois inspectora das Salas d'asilo.

Em 1848 tinha-se-lhes dado o nome de *Écoles maternelles* (*Escolas maternas*, tradu-

zo, empregando o adjectivo *maternal*, para distinguir de *Escola materna* ou *do Lar*); voltou a designação primeira, até que o decreto de 2 d'agosto de 1881 fixa o uso da denominação de *Escolas maternas*, ás quaes se quer dar o caracter não mais de simples estabelecimentos de caridade, mas de «institutos nacionaes de educação physica, moral e intellectual» dos *tout petits*, ramo d'oravante importante dos serviços do Estado. Aos sacrificios orçamentaes correspondeu o interesse das familias. Em 1892 frequentavam as escolas maternas francesas cerca de 85:000 creanças; em 1898 esse numero subira a 700:000 (cifra redonda), apesar do desfavor recentemente manifestado.

A designação *escola (maternal)* não é, como já indiquei no artigo sobre o *Jardim da infancia*, conforme ao conceito que Froebel tinha do *Kindergarten*, e no mesmo caso está o facto de que na escola maternal se ensina a ler e a escrever, comquanto as instrucções officiaes indiquem que esse ensino não deve ser dado ás creanças antes dos cinco annos d'idade. A Lina de Froebel começa a aprender a ler e escrever quando tem cerca de seis annos d'idade.

Em geral é esta a idade em que se inicia nas escolas esse ensino; nalguns raros países começa-se mais cedo, noutros, em maior numero, mais tarde. No ensino familiar e particular de países em que a admissão ás escolas publicas não é permittida antes dos seis annos, não é raro que se comece mais cedo aquelle ensino.

A fixação da idade em que a creança em geral deve começar a aprender a leitura e a escripta é até ao presente na pratica obra de pura rotina. Ha todavia estudos tenden-

tes á determinação physiologica e psychologica d'esse momento.

A vida da escola entre quatro paredes, muitas vezes em más condições hygienicas (como é a regra entre nós), os exercicios escolares em que tomam importante logar os mencionados e o aprendizado das contas, a immobildade a que as creanças ailli se condemnham durante tempo mais ou menos prolongado podem ter consequencias mais ou menos graves para a saude d'ellas. Os drs. Engelsperger e Ziegler acham, nas escolas de Munich, que as creanças que entram cedo



A ENTRADA PARA AS AULAS

nessas escolas (cerca dos cinco annos de idade) apresentam em geral alteração, embora passageira, na saude. Numerosas investigações d'outros medicos provam que as creanças debeis, lentas ou detidas no seu desenvolvimento são as que especialmente padecem com a entrada na escola, até depois dos seis annos. Para essas, diz E. Meumann, o começo do ensino escolar é coisa mais séria do que a maior parte dos pedagogos suppõem; muitas d'ellas ficam arruinadas para toda a vida; são atrasadas, que em grande parte chegam ao fim da idade escolar sem ter alcançado o diploma primario, tidas na conta de preguiçosas e estupidas ou ambas as coisas. A demencia preco-

ce (hebephrenia) corôa muitas vezes tragicamente essa carreira escolar tortuosa, sem que, na maior parte dos casos, se attribua á escola algum papel na etiologia do mal, que se apresenta lentamente e muitas vezes a alguma distancia da idade escolar. Na Prussia não só é permittida a entrada na escola, depois dos seis annos, a creanças debeis, sob a fé de attestados medicos, mas um decreto ministerial, de 23 de abril de 1883, previne os paes e os professores do perigo que correm essas creanças, começando cedo a frequentar a escola. Observa-se em diversos países, por meio de medidas e pesagens de creanças e adolescentes, de 1 a 21 annos, que, em média, aos 7 annos se apresenta uma detenção no crescimento, só vencida aos 8 ou 9 annos; com a entrada na escola o peso das creanças augmentaria mais lentamente. Burgerstein colheu dados provando a subida da cifra da mortalidade infantil nos primeiros annos da escola, para deminuir em seguida notavelmente. Segundo outros observadores, augmenta com a entrada na escola o numero das doenças agudas, especialmente das infecciosas, das creanças, e surgem as doenças typicas escolares, como anemia, nervosismo, myopia escolar, perturbações da linguagem, escoliose (desvios da columna vertebral), etc. Noutro logar tratarei da influencia mental depressiva exercida muitas vezes pela escola, em tanto maior gráo, quanto mais cedo começa a frequencia d'ella. Indubitavelmente esses males deminuirão muito consideravelmente e chegarão até a ser supprimidos por uma boa organização da escola e do ensino, de que em geral se está longe em toda a parte. O citado E. Meumann, que fez revista geral d'esta importante questão, diz que algumas vezes a entrada na escola produz um periodo de acceleração no desenvolvimento das creanças, a qual attribue á regularidade da vida, ao habito de ordem e limpeza, a um certo dominio sobre si proprias, ao cuidado pelas suas pessoas; accrescentam-se a isso, nas grandes cidades, a assistencia aos escolares, a quem se ministram alimentos e vestuario, a hygiene do edificio da escola, muitas vezes mais saudavel que a casa de habitação, logares para jogos ao ar livre, etc. Infelizmente as condições favoraveis são raras ainda, pelo menos no conjunto exigivel.

Schmid-Monnard fez em Halle observações num numero determinado de creanças, do nascimento aos 14 annos, e achou que as entradas na escola depois de completarem os 7 annos de idade apresentavam maior augmento de peso e de estatura que as que passavam na escola o setimo anno da vida. A differença em altura era a favor das primeiras de 3^{cm}, 2 (rapazes) e 1^{cm}, 1 (meninas); em peso 0^{kg}, 7 (rapazes) e 1^{kg}, 3 (meninas).

As investigações de Boyd mostraram que, abstrahindo de grandes oscillações individuais, o peso do cerebro tem apenas insignificante augmento depois dos 7 annos; é pois até essa idade (sobretudo até aos 4 annos) que se dá o seu mais forte desenvolvimento nesse sentido. D'este ponto de vista, o começo da frequencia escolar deveria dar-se cerca d'aquella idade (7 annos).

Esta questão é muito complexa. Leo Burgerstein reuniu dados de diversos investigadores que tendem todos a considerar como não devendo começar o ensino da escola, propriamente dito, com a leitura e a escrita, antes dos 6 annos completos nos climas medios. O ensino da escrita devia até começar mais tarde, segundo Zehender. Quanto mais cedo se inicia esse ensino tanto maiores são os perigos, no ponto de vista dos desvios na columna vertebral (escoliose), da myopia e ainda d'outros males escolares.

Segundo o regulamento austriaco dos *Kindergarten*, de 1872, é completamente excluido d'estes todo o ensino da escola.

Estudos feitos, sobretudo na America do Norte, sobre o desenvolvimento do systema nervoso e dos movimentos, *do fundamental para o accessorio*, foram condensados e relacionados com investigações de physiologistas europeus num artigo de Frederic Burk. Indicarei apenas alguns dos resultados.

A rapidez da habilidade motriz da mão e do braço em experiencias consistindo em pequenas pancadas (*taping*) num botão electrico, augmenta no todo com a idade e só attinge a madureza no periodo da adolescencia. Fazendo equal a 100 essa habilidade aos 16 annos, achou Gilbert nos escolares masculinos de New-Haven 64 por cento aos seis annos, portanto 36 por cento teriam sido adquiridos dos seis aos dezaseis annos; nos escolares femininos 62 aos seis annos, 38 por cento d'essa idade aos deza-

seis. Aos treze annos, as meninas, mais rapidas no seu desenvolvimento, adquirem a madureza pratica. A *ratio* do progresso na rapidez dos movimentos não é regular de anno para anno, mas apresenta nitidas flutuações. As experiencias de Bryan e Gilbert revelam quatro periodos de acceleração e quatro de retardação.

A rapidez dos movimentos da mão e do braço, no processo alludido (*taping*) tende a ser maior quando a *ratio* do augmento em estatura e peso é menor e vice-versa.

Os movimentos mais centraes (fundamentaes) tendem mais cedo para o maximo que os menos centraes (menos fundamentaes, accessorios).

A precisão dos movimentos dos dedos requer uma adaptação de mais larga area de tecidos musculares e nervosos que, provavelmente, a de qualquer outro movimento do corpo. Se observarmos uma creança quando aprende a escrever, veremos que ella retém a sua respiração e que as pernas lhe comprimem o corpo em intenso aperto. Os

musculos centraes do braço e tronco são chamados a operar na produção da firmeza, como condição necessaria da adaptação delicada á escripta. A precisão dos movimentos envolve pois dois processos: 1) a firmeza da organização central como base em que assentam; 2) as mais delicadas adaptações dos elementos nervosos mais complexos.

Nas experiencias de Hancock, em Worcester, as meninas ganharam, dos 5 aos 7 annos d'idade, firmeza central, na posição erecta, de 32 a 33 0/0 do poder de inibição dos movimentos aos 5 annos; os rapazes, nas mesmas condições, apenas 15 ou 16 0/0. O dominio sobre os movimentos do corpo augmenta com a idade e muito rapi-

damente (mais nas meninas que nos rapazes) dos 5 aos 7 annos.

Curtis estudou a capacidade das creanças estarem sentadas em absoluta quietação e concluiu que a creança ordinaria não pôde ainda estar sentada voluntariamente. Em média as creanças de menos de 5 annos não podem estar sentadas, d'aquelle modo, mais de 30 segundos a seguir e as creanças de 5 a 10 annos mais de minuto e meio. Factos analogos se notaram em observações sobre os movimentos mais delicados dos musculos periphericos.



O RECREIO DAS CREANÇAS

Dois principios fundamentaes decorrem dos dados reunidos sobre o desenvolvimento humano, considerado do aspecto anatomophysiologico.

Não deve considerar-se só o crescimento cerebral no ponto de vista da massa (cerebros de idiotas teem apresentado pesos rivaes dos de homens de genio), mas muito principalmente da sua estrutura intima, em que ha muito que estudar, e que se desenvolve até periodo adeantado da vida.

A ordem do desenvolvimento das partes (de modo relativo) dos systemas nervoso, muscular e dos restantes consiste (sem duvida com algumas excepções secundarias) em que elle caminha do que é mais antigo

na historia da especie para o que é mais recente; em que aquellas porções que são mais antigas teem maior fixidez e determinação e menor capacidade de modificações pela acção das presentes condições externas (*environment*), e em que as relativamente mais recentes são mais plasticas e sujeitas a modificarem-se pela educação e influencia d'aquellas condições (que podem ser comprehendidas no conceito de educação, no mais lato sentido).

Com applicação á linguagem, á leitura e á escrita esses principios levam ás seguintes considerações que o citado Frederico Burk não faz.

No desenvolvimento da linguagem da creança ha um periodo preparatorio, nos primeiros meses da vida, subdividido em duas epochas: a dos sons inarticulados, manifestações do estado de dôr ou prazer, até cerca dos 7 ou 8 mezes, o momento da appareição dos primeiros dentes incisivos; e depois a dos sons articulados em serie variada, em que alguns observadores julgam já descobrir relação com a phonetica da lingua materna, mas que são espontaneos, producto d'um mecanismo herdado; em seguimento, pelos doze mezes, pouco mais ou menos, começa a creança a imitar sons e ruidos externos. Não chegámos porém ainda á linguagem propriamente dita. Os sons articulados na segunda epocha exprimem estados de sensibilidade; a primeira imitação de sons externos é uma pura ecolalia, em que a creança exerce a sua actividade sem finalidade. Em momento variavel, segundo as creanças, nalgumas já pelos doze mezes, começam ellas a reproduzir as palavras da linguagem dos que as cercam, com o fim de significarem objectos com essas palavras, mais ou menos alteradas, ou a indicá-las com sons onomatopaicos; das palavras passam a phrases curtas, depois a phrases mais longas; algumas attingem cedo meios de expressão numerosos e relativamente correctos; outras carecem de maior iniciação e exforços dos educadores para que ellas evitem certos erros de pronuncia (difficuldade da pronuncia do *r*, etc.). Mas é evidente que a creança traz herdado um mecanismo psychophisico que nos explica a facilidade com que nella se dá o apprendizado da linguagem. Porém a educação é necessaria nesse apprendizado, como já lembrei, e essa educa-

ção póde ser mais ou menos desleixada, mais ou menos apurada. O processo instinctivo da educação materna é nesta parte, sem duvida, muito notavel, em geral; mas a arte pedagogica entrevem para o aperfeiçoar ou, quando, em vez de verdadeira arte, é pedantismo, para o deturpar. Em todo o caso, como a palavra, conjunto de sons articulados com significação, pelo lado central anatomico-physiologico corresponde a uma especialização cerebral, pelo lado peripherico a uma adaptação d'orgãos destinados primeiro só a outros fins (respiração, digestão), que levou a associações complexas nervo-musculares, entrando nella musculos dos mais delicados; como essa funcção apparece no ponto culminante do desenvolvimento especifico, dando-nos um criterio sensível do limite da humanidade e da animalidade, como á larynge humana se oppõe formalmente os sacos laryngeos dos antropoides, temos, sem duvida, sob a palavra, a manifestação mais completa de *disposições accessorias* herdadas, que tornam possivel muito cedo a aquisição da linguagem, producto social.

A aquisição da escrita vem tarde. Ha povos que ignoram ainda esse meio de comunicação a distancia no tempo e no espaço. Muitos attingiram alto grao de cultura sem o conhecerem. Muitos individuos, ainda em nosso tempo, alcançam elevado grao de desenvolvimento moral e intellectual sem o possuirem. Os mecanismos nervo-musculares que tornam possivel á creança a aquisição da arte de escrever surgem bastante mais tarde do que os que interessam á aquisição da linguagem, e não podem ser suscitados precocemente, sem perigo para o desenvolvimento geral das creanças.

O *ensino da linguagem* é ao mesmo tempo um *ensino d'objectos*, um *ensino de coisas*, como hoje se diz.

Já espontaneamente, já sob a influencia da educação directa, vae a creança apropriando os seus movimentos a fins determinados. Aqui tambem a intervenção educativa é muitas vezes inutil ou precoce, como succede com a marcha. Felizmente tem caído em desuso os meios artificiaes para ensinar as creanças a andar, como as alças, o carrinho, o cesto sem fundo em que se mettia a creança. E' necessaria a abstenção em tudo em que a natureza opéra só por si; a

intervenção, só quando a natureza indica que está chegado o momento legitimo para ella actuar. O mesmo na educação moral a que verdadeiramente pertencem todos os aspectos da educação, porque não ha nada moralmente indifferente ao homem. Neste vasto dominio a psychologia experimental tem ainda muito que fazer.

Condensando os resultados a que muito succinctamente alludi e outros, creio poder tirar d'elles as seguintes conclusões praticas:

1. Se a escola maternal dá educação ás creanças de 2 ou 3 annos d'idade aos 6 completos ou mesmo até aos 7, não deve comprehender no seu plano a leitura e a escrita. O dominio que lhe fica é ainda muito vasto, verdadeiramente inexgotavel.

2. Se a frequencia da escola primaria usual é permittida ou obrigatoria para as creanças cuja normalidade foi verificada por auctoridades de competencia especial, depois de completados os 6 annos d'idade (nunca para os debeis, anormaes de qualquer natureza, que carecem de ensino em condições particulares, nunca mediante um simples certificado de vaccina e de ausencia de doenças contagiosas, nunca abaixo dos 6 annos d'idade), o primeiro anno escolar não comprehenderá ainda a leitura e a escrita; o seu programma continuará o dos exercicios da escola maternal ou *Kindergarten*, se a frequentou, ou, no caso contrario, exercicios analogos escolhidos *ad hoc*; se a creança frequentou até aos 7 annos completos um instituto d'aquella natureza, ficará dispensada do primeiro anno escolar propriamente dito.

3. Apesar de ser conveniente retardar o começo do apprendizado da escrita no ponto de vista do desenvolvimento dos movimentos das creanças, dada a vantagem que, d'outro lado, parece haver (o ponto não está ainda sufficientemente elucidado) de acompanhar o ensino da leitura com o da escri-

ta, poderá este ultimo combinar-se logo de principio com o primeiro, perfeitos os 7 annos d'idade; mas as lições devem ser primeiramente muito curtas, intercalando-se-lhes largas pausas, outros exercicios, repouso.

Janke (na *Encyclopedia* de Rein), em conformidade com essas ideias, que são as dos melhores pedagogistas e hygienistas escolares, quer que com o encurtamento das lições em sentido usual (*Pensen*), haja mais livre expansão da tendencia infantil para a observação, o movimento, a actividade. No III Congresso de Hygiene escolar em Weimar (23 de maio de 1902) foi approvada uma these de Enderis segundo a qual «o ensino no primeiro anno escolar carecia de adoptar outra forma, excluindo a leitura e a escrita, buscando ao contrario, dar solido ensino da lingua fallada, fazer exercer cuidadosamente os sentidos e occupar a imaginação, e concedendo o predominio ao ensino intuitivo, o que leva á diminuição da sedentariiedade e dos movimentos forçados da creança e portanto á perservação da saude d'ellas». Salvo os termos, que podiam ser mais rigorosos, exprime essa proposição o *desideratum* pedagogico; mas aqui es' á a dificuldade, a que me referi ao fallar do *Jardim da infancia*, e que consiste em não fazer cair no mecanismo da rotina exercicios que devem ser eminentemente educativos.

Uma das nossas gravuras representa a *Rentrée des classes*, a entrada para a aula dos pequenos d'uma escola maternal de França; a outra a *Recréation des petits*, o recreio, por opposição ao *trabalho* da aula. Essas duas gravuras são documentos que só por si permittem fazer a critica completa da escola maternal da gloriosa França. A *aula* pertence á escola primaria propriamente dita, e não ainda ao primeiro anno. O *recreio* devia ser o caracter de todos os jogos e de todas as occupações das creanças na escola maternal, como no jardim da infancia.

F. ADOLPHO COELHO.





CAMPO DE SANT'ANNA



Recordações de então

VII



o terminarmos esta monographia, não podemos deixar de nos referir á tão fallada *porta do cavalleiro* e ao *bando*, duas cousas que deixaram ficar uma nota pittoresca do divertimento na extincta praça, e que ainda muitos aficionados d'esse tempo recordam como verdadeiras lembranças de ha uns trinta e cinco annos.

Pela *porta do cavalleiro* era conhecido um ponto do circo d'onde o publico podia presenciar o espectáculo, e que estava collocado sobre a porta que do pateo dos cavallos dava accesso para a arena, como se vê na *en-tête* do nosso artigo.

Para alli ia invariavelmente uma grande parte de pequenos aficionados, do rapazio que durante uma semana inteira juntava os seis ou oito vintens da sua meia entrada, para no domingo ir ver a corrida, quando não podia escapular-se, sem pagar, ao porteiro Pedro Menezes, passando-lhe por en-

tre pernas. Aquelle era o seu logar privativo, que o amator adulto tinha que respeitar, pois os rapazotes não consentiam que lh'o tomassem.

E ai d'aquelle que o invadissem, porque tinha que sahir de lá, quer tivesse quer não tivesse vontade!

D'ahi partiam sempre, mas sempre, as primeiras manifestações de desagrado, em que o assobio, produzido com dois dedos na bocca, tinha uma parte obrigada. De lá soavam geralmente tambem as primeiras palmas a este ou áquelle artista, fazendo nascer o entusiasmo em todo o publico que se encontrava na praça.

D'esse ponto partiam os *ditos* e as *piadas* para os seus toureiros mais populares e queridos, e estes muitas vezes confraternizavam com os pequenos amadores, dirigindo-lhes tambem graças e ás vezes até offerecendo-lhes sortes.

Bons tempos, esses, que já não voltam, nem sequer para crear adeptos para o popular divertimento!

O bando tambem foi uma das cousas mais graciosas e grotescas d'esses tempos idos!

Parece que o estamos vendo, ainda!

Que se diria hoje se tal espectaculo se exhibisse nas ruas da capital!

De curioso e caracteristico que era, varios foram os escriptores, e de renome, que não quizeram deixar de o reproduzir pela penna para lembrança dos vindouros. Um foi o notavel folhetinista Luiz Augusto Palmeirim, outro o distincto escriptor Victoriano Peixoto Braga, e ainda ha poucos annos o apreciado chronista do *Occidente*, sr. Alfredo Mesquita, que o descreveu d'esta fórma:

«Como todas as grandes solemnidades, as corridas de touros teem tambem as suas vespervas. O antigo bando, que andava por essas ruas distribuindo o programma e tocando estridulosos instrumentos de latão, do alto de fabulosos rocins, era já, por si só, uma festa. Tinha seu quê de phantastico, o bando! Eram homens differentes de todos os mais, aquelles homens; differentes de todos os cavallos, aquelles cavallos; o tambor tinha outro som; o cornetim dava outras notas; e o figles era um figles que não se parecia com nenhum outro figles... E o vestuario que elles traziam! O que distribuia os programmas punha de esguelha sobre os hombros uma capa de paladino, e o chapéo ao lado, com plumas; os que tocavam vinham de véstia de mangas largas, umas calças que se lhes enroscavam na perna como trepadeiras, bonet de pala como os

dos policias d'esse tempo, e dragonas! Havia ainda outro, o que conduzia a bandeira, de soldado romano, com um capacete que lhe tapava as orelhas e pretendia enfiar-se-lhe pelo pescoço. A obrigação d'elles era correr assim as ruas principaes, mas sempre arranjavam as cousas de maneira a passar por certas travessas onde morassem pessoas das suas relações. E por ahi rompia a musica alguma das suas melhores symphonias.

— Vocês, hoje, estão afinados que tem diabo! dizia uma.

— Olha o trombone como sopra, Malachias! Aquillo é um sopro de virar falúas!

Vinha toda a gente á rua, e a garotada era em barda, todos de mão estendida para apanhar o programma, o sedutor programma que dava o numero de touros, os nomes dos cavalleiros, dos bandarilheiros e do lavrador, e promettia o intervallo dos pretos, o ideal dos brancos.»

E Victoriano Braga, no *Toureiro*:

«Na frente, cavalgando soberbo bucephalo, o anjo, de capa azul, bofes, polaina d'anta e capacete de papelão, empunha com elegancia desusada a bandeira nacional; mais atraz os distribuidores dos programmas em papel branco para o publico e de côr para os amigos; em seguida o *neto* com a sua vara e seu chapéo emplumado, e no couce a banda marcial.

A banda marcial! Que suavidade! Que harmonia! E' na banda que se encerra a celebridade do bando. Com sete ou oito instrumentos ninguem faz mais. Tres cornetins, dois baixos de latão, um tambor ou caixa



JOÃO LAUREANO



JOSÉ MARIA DA COSTA

forte — note-se que a do bando é fortíssima —, pratos, um bombo de avantajadas dimensões, bem combinadinhos e afinados, produzem mais effeito que as fanfarras do

Quizeram já substituir tudo isto por uma phylarmonica, dentro d'um carro, mas conheceram que o prestigio do *bando* terminará no dia em que tiver uma unica fi-



RAPHAEL PEIXINHO



EDUARDO DOS SANTOS

Whyttoine, que as bandas do Passeio, que as musicas dos Dallots.

As *ocarinas*, os *copophones*, os *palhaphones*, e até os modernos *pyrophones*, teem que emmudecer perante uma tão celestial harmonia que nos arrebatam e nos obriga a aceitar o papelinho que nos põe ao facto de quantos *gladiadores embolados* se devem correr no dia seguinte, na praça do Campo de Sant'Anna.

Os cavallos que servem no *bando* são unicos no seu genero, e crêmos que todos descendem da mesma arvore genealogica. São todos da mesma estampa, delgados, pacificos, respeitadores da ordem. Percorrem as ruas da cidade, a passo, de redea pendente e ouvido attento, sem duvida para não perderem alguma nota da musica. Apenas avistam algum talho, abrandam ainda mais o passo, arrebítam as orelhas e ninguem seria capaz de os fazer passar adiante, sem primeiro se demorarem o tempo preciso para a exhibição de uma ou duas peças do vastissimo repertorio.



AUGUSTO MONTEIRO

gura, em que lhe transtornarem a sua feição grotesca mas tradicional.»

Luiz Augusto Palmeirim, na sua descrição, approximou-se muito de Victoriano Braga.

Actualmente, o *bando* é fino, é um *bando civilisado*, como civilisado está por assim dizer todo o espectáculo, ao ponto de quasi não haver enthusiasmo nos lances mais arriscados, porque os verdadeiros amadores, os poucos que ainda existem, pôde dizer-se que já não se sabe onde elles param!

Como deixámos dito no nosso ultimo artigo, foi com a terceira geração que pisou a extincta praça do Campo de Sant'Anna que começou a accentuar-se a decadencia do nosso toureio a pé. E se quizermos profundar verdadeiramente esse ponto, talvez possamos ainda affirmar que essa decadencia começou em Miguel Faria, Francisco Loureiro e Roque dos Santos, se bem que um tanto ou quanto indelevelmente.

D'ahi por diante só um ou outro artista conseguiu salientar-se mais, sem contudo nenhum se notabilisar.

Raphael Peixinho foi o ultimo de uma dynastia de toureiros por demais distincta.

E' certo que elle não conseguiu um nome notavel como seu tio e seu primo legaram á arte; entretanto soube imprimir sempre ao seu trabalho um tom serio, que o publico muito apreciou. E a uma grave colhida que soffreu em Vizeu em 16 de junho de 1878, talvez devesse não ir mais longe na arriscada arte.

Executava o cuarteio com certa precisão, dava o salto de garrocha, e, nos seus primeiros tempos, passava de capote.

Raphael Peixinho nasceu em Lisboa a 1 de janeiro de 1861, e fez a sua despedida do toureio, na praça do Campo Pequeno, na tarde de 9 de julho de 1905.

José Maria da Costa, mais conhecido pelo *José Petiz*, foi um bandarilheiro habilidoso e muito considerado pelos seus collegas, inclusivè os irmãos Robertos e Peixinho filho, que sempre o incitaram a que estudasse e proseguisse. Nasceu, porém, n'um meio acanhado, onde abundaram sempre a in-



JOSÉ AZEITEIRO

de 1845. Foi possuidor de regular fortuna, que adquiriu na vida do campo, antes de se dedicar á de toureiro, na qual nunca conseguiu grangear renome.

triga e a inveja, e d'ahi o motivo de não ir mais longe do que foi.

José da Costa falleceu ainda na força da vida, a 20 de abril de 1890, repentinamente, n'um hotel do Porto, quando se vestia para entrar na corrida que n'esse dia se realisava no extinto Colyseu Portuense.

João Laureano nasceu na Povia de Santa Iria a 19 de novembro

de 1845. Foi possuidor de regular fortuna, que adquiriu na vida do campo, antes de se dedicar á de toureiro, na qual nunca conseguiu grangear renome. Na arriscada arte que por fim abraçou, soffreu uma grande colhida, na tarde de 18 de dezembro de 1892, na praça do Campo Pequeno, pelo touro *Espeto*, de Emilio Infante. De tal gravidade foi ella, que desde esse dia até ao da sua morte, que occorreu depois de passados mais de seis annos, a 25 de fevereiro de 1899, nunca mais pôde tourear nem deixou de padecer.



TRES VALENTES

Cesario Augusto, Manuel do Botequim e Jeronymo Alfaiate

A passagem de Augusto Monteiro pela tauromachia foi tão modesta como curta a sua vida. Nasceu em Lisboa a 11 de abril de 1860 e falleceu a 3 de

setembro de 1895, abreviando-lhe talvez a morte, também, uma grave colhida que soffreu na extincta praça de Almada.

Augusto Monteiro — que o publico cognominou de *Diguidão* — era irmão dos cavalheiros Antonio Maria Monteiro, já fallecido, e José Maria Cazimiro Monteiro, que ainda vive, mas muito abalado pela doença.

Eduardo dos Santos, a quem o publico conhecia mais por *Eduardo Varino*, foi um bandarilheiro vulgar, mas poz-se em evidencia na sua época pela extrema agilidade de que era dotado. Estreou-se como amador na praça da Moita no anno de 1876.

Agil como era, conseguiu praticar com extrema facilidade e limpeza o salto do touro, de cabeça á cauda, sem o auxilio de vara. Foi d'ahi que lhe veiu a popularidade que alcançou. Dava também o salto de garrocha, mas pôde dizer-se que era mais perfeito no que realisava sem ella.

Eduardo dos Santos falleceu ha annos, quando já retirado do toureio.

Antonio Augusto foi um artista de fracos recursos e pouco afortunado.

Tendo nascido em Salvaterra a 8 de junho de 1846, veiu a fallecer na mesma villa a 14 de agosto de 1891 em resultado de complicações que lhe sobrevieram da fractura de uma perna, desastre occasionado no dia de S. Pedro, anterior, na extincta praça de Cintra, ao saltar a trincheira.

João Pedro foi dos bandarilheiros de merito mais mediocre que pisou a arena do

Campo de Sant'Anna, como também José dos Santos, geralmente conhecido por *José da Mulateira*.

O primeiro falleceu a 17 de maio de 1893, afogado, no Tejo, juntamente com o embolador Antonio Cavaco; o segundo deixou de existir a 15 de junho de 1907, vivendo já de uma pensão proveniente das corridas dadas a favor dos toureiros invalidos.

Por fim, citaremos ainda Francisco Gonçalves Lima, o *Phoca*, e José Antonio de Lima, que bastas vezes trabalharam no Campo de Sant'Anna.

Phoca era um toureiro rijo com as bandarilhas e desenvolto com a muleta, chegando mesmo a salientar-se na sua época. E teria sido um artista distincto se soubesse estimar-se, o que não aconteceu.

Pescadero, José Cortez e *Minuto* foram tres peões hespanhoses correctissimos, que deixaram o seu nome solidamente ligado ao demolido circo.

Todos elles permaneceram por largo espaço de tempo no nosso paiz, e aqui crearam um publico seu e grande numero de amigos e admiradores, já pelas suas bellas qua-

lidades, já pelos muitos e profundos conhecimentos que possuíam da arte.

O ultimo falleceu em maio de 1897, na Covilhã, em resultado de uma colhida do touro *Chaparro*, de Paulino da Cunha.

Os espadas que mais brilhantemente assignalaram a sua passagem pelo antigo circo de Lisboa foram Cayetano Sanz, *Lagartijo*, *Frascuelo*, *Bocanegra*, Antonio Carmona, *Cúchares*, *Currito*, *Mateito*, *Regatero*, *Morenillo*, *Salamanquino*, Antonio Luque, *Tato*, *Chicorro*, *Cara-ancha*, Gonzalo Mora, *Gallo*, Filippe Garcia, *Cuatro dedos*, Manuel Her-



FREDERICO TAVARES BONACHO

mosilla, Hyppolito Arjona, *Lagartija*, *Barbi*, Angel Pastor; Paco Sanchez (irmão de *Fras-cuelo*), Mazzantini, *Guerrita*, *Punteret*, etc., os quaes se fizeram acompanhar pelos notaveis bandarilheiros *Cuco*, *Yust*, *Pablo Her-raiz*, *Armilla*, *Julian Sanchez*, *Anillo*, *Manuel e Pedro Campos*, *Victoriano Alcon*, *Noteveas*, *Mariano Anton*, *Juan Mota*, *Manuel e Juan Molina* (irmãos de *Lagartijo*), *Antonio Bule*, *Bienvenida* (pae do actual espada do mesmo apodo), *Primito*, *Mojino*, *Ostion*, *Manuel Antolin*, *Juan Romero*, e mais um ou outro que de momento não nos occorre.

O trabalho dos pegadores — que actualmente está decahindo no agrado do publico pelo motivo de cada vez se notar mais a falta de moços de forcado experientes — foi uma das partes da lide que teve maior numero de adeptos e mais entusiasmo causava.

Hoje difficilmente se organisa um grupo completo, que reuna a valentia ao saber; então com a maior facilidade se formavam os grupos que se quizesse.

Este facto só vem provar tambem a decadencia d'esta parte do espectaculo, pois que as restantes já se assignalaram extraordinariamente.

Entre os muitos pegadores de grande nomeada d'esse tempo, teremos que mencionar primeiramente os nomes de José Martins (mais conhecido então pelo *José Azeiteiro*), *Cesario Augusto* (o *Gargalhadas*), *Manuel do Botequim*, *Jeronymo Alfaiate*, *José d'Annica*, *Joaquim Valentim*, *José Carraça*, *Caralinda* de Santarem, *Raphael Gonçalves* (cognominado de *Raphael Torto*) e *Antonio Gonçalves* (respectivamente pae e tio do bandarilheiro *Theodoro Gonçalves*), *José Sapateiro*, *Francisco Gaiato*, *Bernardo de Santarem*, *Manuel Alcarriol*, *José das Travessas*, *Pei-*

xinho de Aldegallega, *Manuel Barra*, *Julio da Rafôa*, *Antonio Victorino*, *Cambaio* de Villa Franca, *Joaquim Gaiato*, *Manuel Morgado*, *José Russo* e *José Luiz* (ambos da praça da Figueira), *Antonio Delgado*, o *Madeira* (creado do visconde d'Asseca), o *Téca*, o *Sustancia*, o *Valentim*, o *Palmella*, o *Pina*, o *Jacaré*, o *Escuna*, etc.

Apesar de algumas colhidas graves, porque as houve, o que não resta duvida é que então havia grandes pegadores, muito peritos e conhecedores, e que actualmente não os ha! E só assim se explica que em tardes

successivas não se desse o mais pequeno desastre, sendo raro vêr um pegador ser saccudido da cabeça do adversario, isto quando se pegavam muitos dos touros destinados á lide dos cavalleiros, costume que nos ultimos tempos cahiu em desuso!

Por mais de uma vez se constituiram grupos de moços de forcado para apresentarem este genero de trabalho nas praças de Hespanha, sendo uma d'ellas contractados pelo espada *Cara-ancha*.



JOÃO IGNACIO DA COSTA

Se é certo que foi na época do Campo de Sant'Anna que o toureio em Portugal logrou alcançar um desusado grau de esplendor, que nunca mais teve, não é menos verdade que os creadores de gado bravo não deixaram tambem de cooperar para o engrandecimento do espectaculo.

Raphael José da Cunha foi entretanto o que mais se destacou e sobressahiu entre todos, chegando a conquistar um nome notavel não só na sua patria como em Hespanha, onde os seus touros tinham grande *cartel*.

A seguir citaremos — pela justa fama que lograram obter — os nomes de Frede-

rico Tavares Bonacho, João Ignacio da Costa, Emygdio Infante da Camara, José da Motta Gaspar, Carlos Augusto Marques, Marquez de Vagos, José Ferreira Roquete, Estevam de Oliveira, José Rodrigues Vaz Monteiro, Conde de Sobral, D. Francisco de Noronha, Francisco Ferreira do Carmo, Conde de Atalaya, Palha Blanco, Dr. Maximo da Silva Falcão, etc.

Uma lista extensa e por igual memorável, que ao recordal-a nos traz saudades!

Então havia gosto, estímulo e pundonor em todos os lavradores, o que não succede agora.

Um exemplo: D. Francisco de Noronha alugou em 1877 um curro para o beneficio de Manuel Botas. Os touros não cumpriram como o creador desejava e esperava. Pois foi o sufficiente para que elle não recebesse de Botas o aluguer do gado.

Que contraste com o que se vê agora!...

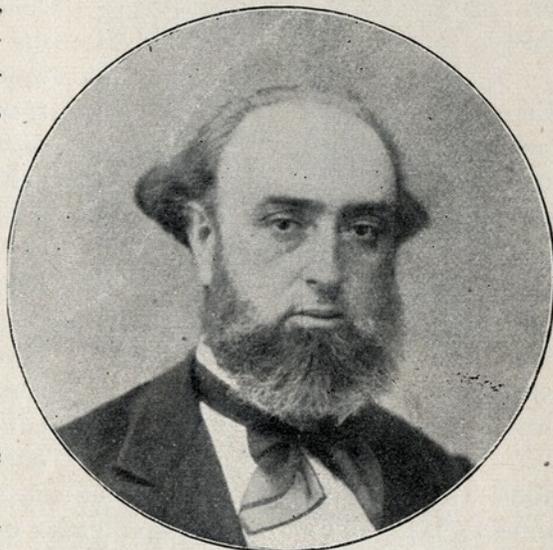
Varias foram as emprezas que exploraram a praça do Campo de Sant'Anna. D'entre ellas, porém, destacaram-se pela boa e acertada direcção, a de Victorino Marques e a de Costa Guerra, esta nos ultimos annos em que funcionou este circo.

As restantes foram constituidas por Domingos Alegria, Alves Branco, Emilio Daux, Alegria & Delgado, Cort y Marti, Mar-

ques & Alegria, J. A. Godinho, Casa Pia, Custodio Vidal, Calhamar Piuto e Silva, etc.

Victorino Marques não só foi um empresario que demonstrou sempre muito saber e grandes conhecimentos do spectaculo, como um director de corridas por demais intelligente, a quem todos os aficionados consideravam e respeitavam, rendendo-lhe justa homenagem.

Costa Guerra foi o que, mais tarde, conseguiu fazer reviver o divertimento, já um tanto decahido, apresentando em tardes successivas as maiores celebridades artisticas.



VICTORINO MARQUES

Que nos conste, não se recommendou por especie alguma a imprensa da especialidade que viu a luz na primeira metade de existencia do extincto circo tauromachico.

D'essa época só temos conhecimento do

Novo Gratis (1846) e do *Avisador Lisbonense* (1857), duas folhas volantes annunciadoras e sem importancia.

Com verdadeira auctoridade do assumpto taurino, só mais tarde os *Annaes Tauromachicos* e *O Toureiro*, segundo do mesmo titulo (1876).

Esta ultima publicação era dirigida pelo entendido aficionado Salvador Marques, e collocava sempre na primeira pagina um retrato em photographia de uma individualidade em evidencia ligada ao



ANTONIO DA COSTA GUERRA

espectaculo. E' hoje rarissima esta collecção e considerada como um monumento do festejado auctor d'Os Campinos, que foi consideradissimo por todos os toureiros, criadores e amadores da festa nacional.

Por fim, appareceu *O Cúchares* (1887), que teve pequena existencia, pois acabou com a velha praça. Era tambem uma revista bem escripta e orientada, e foi dirigida pelo intelligente aficionado Pinto de Campos, que deixou por igual o seu nome ligado ao numero dos verdadeiros entendedores na materia.

Mas, infelizmente, nenhuma vingou.

Tambem existiu um pequeno jornal denominado *O Chocalho* (1836), e um outro, *O Toureiro* (1837), mas, apesar dos seus titulos, não se occupavam do divertimento.

Como *piadista*, João Matta sobrelevou a todos do seu tempo no Campo de Sant'Anna. Desde que começava a corrida até que terminava, era um chuveiro constante de ditos e trocadilhos, de *piadas* finas mas no geral mordentes, causticas, que a todos dirigia. Não poupava ninguem, fosse elle o melhor matador, o



SALVADOR MARQUES

mais sympathico cavalleiro ou o mais distincto peão. Todos porém se viam na necessidade de o respeitar pelo muito que o temiam. João Matta era estabelecido com loja de fanqueiro á esquina da rua de S. Nicolau, torneando para a dos Douradores, sendo mais conhecido pelo *Malta Fininho*. Victimou-o um cancro na lingua.

Domingos *Seis-dedos* tambem era muito temido pela fórma como se manifestava. Este, porém, evidenciou-se mais pelo motivo de um *chocalho*, que não largava em corrida nenhuma, pondo em

fóco com o seu badalar todos os artistas quando entendia que elles erravam.

Romão Gomes appareceu ainda no Campo

de Sant'Anna, podendo dizer-se que ahi fez a *aprendizagem* no «genero». Porém, a «sua época» foi mais tarde na nova praça de Lisboa, onde, de parceria com Guilherme Maia, deu largo curso á verdadeira veia comica com que o dotou a natureza, fazendo geralmente ambos rir o publico a bandeiras despregadas!

Hoje, a *piada* tambem é rara.

O verdadeiro aficionado, esse póde dizer-se que acabou por

O TOUREIRO

FOLHA DESTINADA A ASSUMPTOS TAUROMACHICOS

Director S. MARQUES Escriptorio—Rua de Santo Antão, 400, 2.^o PHOTOGRAPHO J. LOUREIRO

1.^o ANNO 1876 N.^o 1

INTRODUÇÃO

O programma d'esta folha, as intenções que a trazem a publico, são syntheticamente expressos no titulo que a encimam e na breve indicação que o acompanha.

Procurando, pois, quanto possível, corresponder á sua missão, o TOUREIRO propõe-se

Publicar os retratos dos principaes toureiros portugueses e hespanhoes—d'ama-dores distinctos de tauromachia—dos mais importantes creadores de gado—dos em-prezaes dos principaes cir-cos tauromachicos—alegões, etc., acompanhados das respectivas biographias.

Dar conta das touradas que se effectuarem no circo do Campo de Sant'Anna e n'algumas das principaes praças do paiz.

Publicar esboços biogra-phicos dos toureiros notaveis, já fallecidos, estudos e preceitos sobre a arte de tourar, historia das corridas, noticias, anedotas, e finalmente artigos diversos que tenham relação mais ou menos directa com a indole d'esta publicação.

Dar, na primeira pagina ou em separado, gravuras ou t.g. Jueces photographicas representando os lances e episodios mais notaveis das nossas corridas e das touradas hespanholas.

D'este modo o TOUREIRO vira a constituir no fim d'um certo tempo além d'um valioso e interessantissimo album, um guia illustrativo, um expositor de valiosa consulta sobre assumptos tauromachicos.

Na collaboração d'esta folha figuram, o sr. P. Pinto de Campos, cuja profluentissima competencia no assumpto e por todos reconhecida, o esclarecido redactor dos *Annuaire Tauromachicos*, excellente chronica de corridas

que ha annos se publicou, e outros cavalleiros entendidos na especialidade.

A execução dos retratos está incumbida ao habilissimo photographo sr. J. Loureiro.

Era reconhecida por muitos a necessidade d'uma publicação d'este genero.

A absoluta falta de tratados e livros sobre tauromachia escriptos no nosso idioma, a raridade e subido preço das publicações hespanholas sobre o assumpto, dificultam a acquisição de preceitos e regras aos que, por necessidade ou por gosto, se queiram entregar ao estudo da difficil arte de tourar.

A ninguna de quaesquer indicações theoreticas a aprendizagem tauromachica faz-se, entre nos, por um meio completamente pratico, nas praças publicas, arriscando-se o principiante insensivelmente aos azarros d'essa fúta perigosa, e tendo como unico ensinamento e auxilio o conselho e protecção, embora muito prestados, dos toureiros já experientados.

A tauromachia é essencialmente pratica, confessamolo, mas lexaría de ser uma arte, se não estivesse subordinada a regras e preceitos, que a habilidade e destreza do toureiro applicam e desenvolvem nas mil variantes e accões da vida.

Se o TOUREIRO não pre-hebeer cabalmente a lacuna que acima indicamos, se não corresponder completamente aos intentos que o trazem a publico, passa ao menos servir de incentivo a mais largos empreendimentos n'este genero.

O TOUREIRO aguarda o favor do publico e especialmente dos que cultivam a difficil arte tauromachica como artistas ou amadores.

S. M.

JOSÉ JOAQUIM PEININHO

FAC-SIMILE DO PRIMEIRO NUMERO DO «TOUREIRO»

completo, não havendo dos modernos talvez um só que se possa comparar ou assemelhar ao antigo amator.

Presentemente, quem vae aos touros quasi que é pela necessidade de um passatempo, enquanto não chega a hora do jantar!

Compare-se, agora, o que era o velho aficionado. E note-se que, como este, era a grande maioria dos do seu tempo.

Havia nas proximidades da praça, na rua de S. Lazaro, um barbeiro de nome José Lopes Ferreira, o qual era mais conhecido pelo José Barbeiro, que não se importava de perder fosse o que fosse, menos uma tourada.

Ahi pelas tres horas, quando via que os freguezes se iam juntando de mais, já elle começava a dizer-lhes:

— Oh! meus amigos! vejam lá, olhem que me parece que não tenho tempo de os servir a todos! Já sabem: em eu ouvindo o hymno da Carta, não me demoro mais! Não me parece mal que se vão embora, o primeiro touro é que não pérco! . . .

E se bem o dizia melhor o fazia, pois mais de uma vez aconteceu arrumar precipitadamente a navalha e dizer para o freguez a quem só tivera tempo de escanhoar de um lado:

— Eu não lhe dizia! Ouve? Lá estão já a tocar o hymno. Mas fique ahi, se quizer, com a familia, que em acabando a corrida eu venho logo! . . .

E o nosso homem lá se safava a correr para a praça que nem um doido, ao passo que o freguez alli tinha que esperar pelo menos duas horas, pois não se encorajava de atravessar essas ruas com metade da barba feita e a outra metade por fazer.

O mais engraçado é que quem nos conta este episodio, parece que foi uma das victimas. . .

A demolição da velha praça de touros do Campo de Sant'Anna — condemnada em

1888, segundo uma vistoria, pelo estado de ruina em que se achava — começou em janeiro de 1889, vindo privar por algumas épocas os aficionados de Lisboa do seu divertimento mais predilecto, e ao mesmo tempo mais nacional.

A ultima corrida realisou-se alli a 4 de dezembro de 1887, tomando parte os artistas seguintes: cavalleiros, José Maria Casimiro Monteiro, José Bento de Araujo, Alfredo Tinoco da Silva e D. Luiz do Rego; bandarilheiros, Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, José Joaquim Peixinho, João da Cruz Calabaça, João do Rio Sancho, Raphael Peixinho, João Roberto, José da Costa e Filippe Aragon (*Minuto*). Os touros pertenciam aos irmãos Robertos. Alfredo Tinoco e D. Luiz do Rego lidaram trajando á época. José Bento farpeou o celebre touro *Caracol*.

Mas seria de facto a pouca solidez do edificio que obrigou a dar por inutilisavel aquella praça, ou seria condemnada para satisfazer os desejos da Sociedade Protectora dos Animaes, que pela voz do sr. Carlos Testa levou sessões consecutivas no parlamento a reclamar a suppressão das touradas em Portugal?

Não podemos garantir a supposição que por largo espaço andou de bocca em bocca, mas inclinamos-nos um tanto para ella, por muitas e varias razões.

Alguns viram, por isso, n'aquella demolição o termo de um espectáculo que taxavam de pouco civilizador, sem se importarem saber que as corridas de touros são um divertimento original dos povos d'aquem Pyrinéos, tão velho como estes povos, e entre nós quasi o unico caracteristico que resta da nossa patria depauperada e despojada dos seus habitos tradicionaes, pela introdução de outros estrangeiros, com que o paiz vae perdendo dia a dia o seu character e individualidade.

E' assim que se vae esquecendo e perdendo o amor a tudo que é da nossa terra,



JOÃO MATTA

cahindo por fim os nossos costumes na indiferença em que se afundam as nacionalidades.

Um resto de amor, porém, ás cousas patrias fez ainda d'esta vez reviver as touradas, realisando-se a inauguração da nova praça do Campo Pequeno na tarde de 18 de agosto de 1892.

Entretanto convém esclarecer e ficar registado que a auctorisação para se permittir levantar a nova praça, que substituiu a do

Campo de Sant'Anna, foi conseguida mas só ao fim de uma encarniçada lucta travada entre um punhado de bons aficionados e as estancias superiores, que a todo o transe punham embargos á pretensão solicitada continuadamente durante alguns annos.

A esses grandes e entusiastas amadores — á frente dos quaes devem com justiça figurar os nomes de José Joaquim Peixinho e Joaquim Pedro Monteiro — se deveu pois o resurgimento das touradas em Lisboa.

Phots. da collecção Segismundo Costa.

CARLOS ABREU.



CHORAR

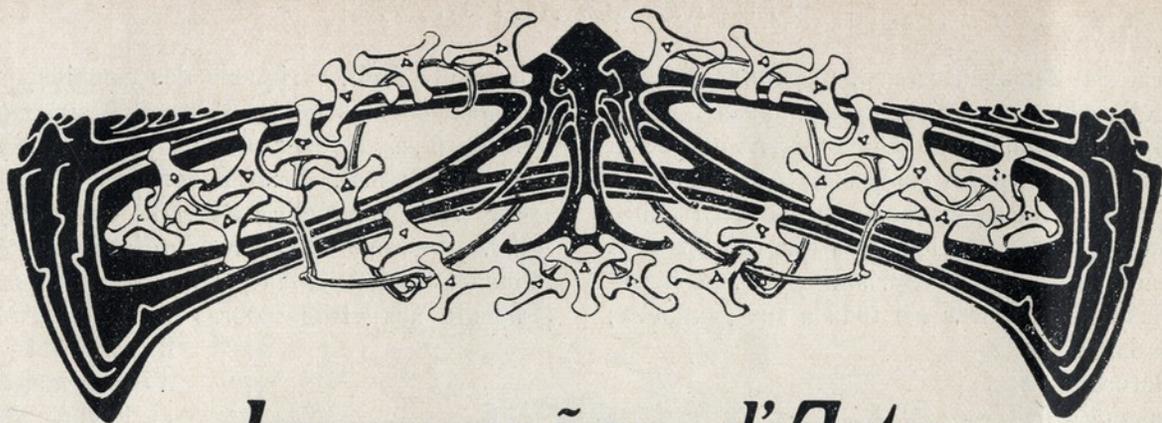
Choraste aquelle dia por acaso,
Nem sei bem porquê, uma insensatez.
Tomava o Céu a côr da viuvez
E escondia-se o Sol no seu occaso.

Choraste! Pela tua face linda
Correu a pouco e pouco um chôro brando.
Lamento d'um amor que foi passando
Ou uma saudade antiga, mas infinda.

Foi então que soubéste que o chorar
É a pagina maior e mais comprida
D'um grande livro que nos faz amar.

Choraste porque sabes comprehender
Que essa pagina e o livro são a Vida
E — vê — nem toda a gente a sabe lêr.

CARLOS CILIA.



Impressões d'Arte

A orchestra philarmonica de Munich, no theatro D. Amelia



forma verdadeiramente brilhante como foram recebidos, pelo nosso publico, os concertos dados no elegante theatro D. Amelia pela orchestra philarmonica de Munich, vieram revelar

quanto o nosso meio musical está avido de boa musica.

Exceptuando um ou outro concerto em que podemos gozar as produções dos grandes mestres, e mesmo assim é caso bastante raro, a nossa capital, não possui uma sala de concertos condigna, nem sequer uma orchestra formada.

A tentativa deveras louvavel do sr. Michel Angelo Lambertini, para organizar concertos com uma orchestra portugueza, essa mesmo ficou de parte, em virtude d'essa doença endemica da nossa terra, a inveja! Ainda assim pudémos gozar alguns concertos, e a prova ficou bem clara que a boa vontade é meio caminho andado para a realisação de qualquer fim.

Ora nós que estamos reduzidos a musica de revistas, quando apparece uma orchestra como esta de Munich, temos a impressáo que somos embalados em um sonho e que não estamos em Lisboa. Ainda assim, o Porto é mais feliz do que nós, lá cultiva-se boa musica, e artistas estrangeiros vão dar concertos com alguma frequencia.

Emquanto por cá, quando algum artista de valor vem dar algum concerto, é quasi certo que a concorrência é diminuta, ou então as entradas de favor são em grande numero!

D'esta vez, porém, exceptuando o primeiro concerto em que a casa estava fraca, os restantes foram muito concorridos por um publico que *soube ouvir* e que *não entrou tarde* para se dar ares de elegante. Oh! Deus, ficamos livres dos *elegantes* quatro noites! Que descanso! Ultimamente varias orchestras nos têm visitado; assim já tivemos por duas vezes a orchestra de Berlim sob a direcção do grande Nikisch, e debaixo da batuta de Strauss; duas orchestras francezas com Chevillard e Colonne, fallecido ha mezes, e agora a orchestra de Munich dirigida pelo illustre maestro José Lassalle.

Para mim os concertos orchestraes são a mais pura realisação da obra musical. E' pela orchestra que a obra se torna grande e se reveste com todas as côres do sonho. Sendo a musica por assim dizer a expansão de uma ideia atravez dos sons, a orchestra com toda a riqueza dos seus instrumentos lança-a de uma forma admiravel, transportando-nos ás altas regiões do ideal no que ella possui de bello e de diaphano. Assim a Musica no Templo, comparando-a com as outras artes, é a unica que se liga á prece, pois que tende a elevar-se como ella á Pa-

tria da Bemaventurança. O grande mystico Hello chegou a dizer que a musica participa da chamma e do incenso. E' no poema symphonico que o compositor pode dar largas á sua imaginação, a orchestra traduz-lhe tudo, possui elementos atravez dos seus naipes que podem exprimir o riso, as lagrimas, emfim a Dór em toda a sua grandeza; assim como a Natureza nas suas manifestações grandiosas.

Os programas que Lassalle nos apresentou, obedeceram a um serio criterio artistico, e assim ouvimos algumas obras que foram para nós d'um alto interesse.

No primeiro concerto tivemos obras de Beethoven, Cesar Franck, Berlioz, D'Albert e Ricardo Wagner, sendo do primeiro a *ouverture Egmond*, que foi escripta para um drama de Goethe e que data da época de 1811.

Embora não seja uma das suas melhores obras, vê-se bem claramente que existe n'ella qualquer coisa que nos falla do grande genio do auctor da *Heroica*. Também não gostamos da execução que teve; desde logo notamos que Lassalle, embora fosse correcto não fez dar á sua orchestra uma execução muito expressiva.

De C. Franck, ouvimos o poema symphonico *Redemption*. Esta obra é d'uma instrumentação notavel, embora a inspiração, não

seja muito facil, a riqueza das combinações dos instrumentos fazem d'esta obra um modelo de musica de natureza mystica. A musica de Franck, como poderemos tambem notar na scena biblica *Rebecca*, nas *Beatitudes*, e mesmo na opera *Hulda*, possui a influencia romantica, inspirando-se principalmente nas ultimas obras de Beethoven e

Bach. Além d'isso a musica de Franck, é o espelho da sua alma de cren-te, e do seu coração cheio de bondade. Longe de todos, da sociedade do seu tempo e mesmo affastado dos compositores com quem podia viver, passava a vida absorvido na composição e na leitura das partituras dos grandes mestres. Infelizmente a sua musica não foi comprehendida, e hoje que os tempos mudaram é que podemos avaliar atravez da sua obra, todo o seu talento, toda a força da sua nova forma d'arte.

A escola de

Franck deixou discipulos assaz conhecidos, em que podemos nomear entre outros Chabrier, D'Indy, Chausson, Raway, Costillon, Lekeu, Bordes, etc.

Desejavamos antes ouvir o seu poema symphonico *Les Eolides*, que possui paginas de uma grande pureza de elevação melodica.

A *ouverture improvisator* de Albert, não é peça de um grande valor, e melhor seria se tivessem tocado outra obra de maior nome.



BERLIOZ

(Desenho de Carjat, 1863)

O *Tannhauser* de Wagner alcançou um vivo sucesso, e francamente com a maxima razão; a forma altamente esthetica como foi executada deu-nos ensejo para avaliarmos a batuta de Lassalle, que *sente* Wagner como poucos, qualidade que raros maestros possuem.

Mas a parte mais interessante d'este concerto foi a *Symphonia phantastica* de Berlioz. Esta obra representa na vida de Berlioz, paginas dolorosas da sua vida. Esta *Symphonia* é por assim dizer um grito da sua paixão pela ingleza Smithson, mais tarde sua mulher.

Toda a musica d'esta obra é a mais clara revelação, d'um grande talento.

Schumann, tinha por esta obra uma adoração, e causa-nos uma profunda pena que Berlioz só agora seja comprehendido e estimado. Durante a execução da *Symphonia phantastica* quando a orchestra ia tocando as suas diversas partes, sentiamo-nos empolgados perante tanta grandeza de inspiração, perante tanta originalidade.

Esta obra do grande auctor da *Damnação do Fausto*, fez uma certa revolução em alguns compositores principalmente em Meyerbeer.

A celebre invocação do *Roberto*, pelo seu character, achamo-la na *Marcha para o supplicio*; o effeito orchestral proveniente das notas graves dos contra-baixos é já empregado na symphonia de Berlioz, e Meyerbeer apenas copiou. O dialogo dos instrumentos



BERLIOZ (ANTIGAMENTE)
(Desenho de Marais, 1883)

de vento, no principio do *Propheta* é identico pelo character á *scena campestre* da mesma symphonia».

Foi esta obra que nos despertou maior interesse, já por ser uma obra prima incontestavel, já por traduzir uma pagina intensa e bastante dolorosa de Berlioz. Se em Beethoven, Liszt, Chopin e Wagner encontramos obras que traduzem declarações d'amor,

recordações de momentos ao pé de mulheres que amaram, a *Symphonia* de Berlioz, além de traduzir o amor pelo ente que era a luz da sua existencia, exprime a phantasia da sua alma revolta na lucta tytanica contra o meio que o rodeava!

No segundo concerto, ouvimos a *Leonora* e a *setima symphonia* de Beethoven, o *Carnaval Romano* de Berlioz, e de Wagner, *Tristão e Isolda* e *Mestres Cantores*.

As obras que se executaram n'este concerto, eram mais ou menos conhecidas. Não gostamos da forma como esta orchestra execu-

tamos da forma como esta orchestra executava Beethoven. A musica de Beethoven é profunda e sentimental; todas as vezes que lhe tirarem estes dois characteres, não é Beethoven!

O *Carnaval Romano* de Berlioz não foi



BERLIOZ (ACTUALMENTE)
(Desenho de Marais, 1883)

Assim Cesar Cui escreveu em 1867 «tudo que faz a *Gloria* de Meyerbeer, determinação de character, colorido de scena, pintura de decoração, tudo isto se encontra já na *Symphonia phantastica*, e Meyerbeer não fez outra coisa senão imitar.

compreendido pela maior parte. E' isto uma verdade que deve ser dita. E' uma obra, talvez demasiado difficil, para se comprehender logo á primeira todas as suas bellezas. mas possui phrases mara vilhossas e toda a instrumentação é d'uma frescura notavel.

O *preludio e morte de Isolda* de Wagner alcançou uma execução notabilissima. Toda a musica traduziu amor e saudade, e os violinos deram á acção um colorido de sonho, polvilhado de pureza e banhado de castidade.

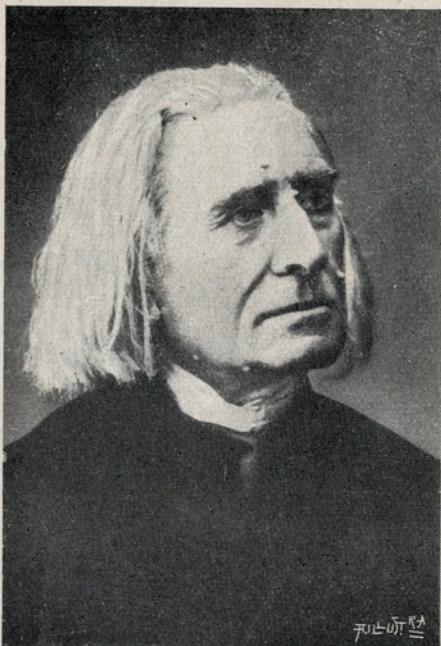
Os *Mestres Cantores* tambem alcançaram applausos justos, no arrendilhado da phrase.

O terceiro concerto, tinha dois numeros em primeira audição, a *Grande ouverture romantica* de Thuille e a *Symphonia n.º 3* de Raff.

Thuille, que é conhecido na lista dos compositores da musica symphonica da Allemanha moderna, é falho de inspiração e a sua musica não nos interessa. E' este o grande defeito da *Ouverture romaniica*; deixou-nos frios, e apesar da orchestra a ter executado muito bem, foi obra que não nos impressionou.

Já o compositor Raff, apesar de não nos ter entusiasmado, a sua musica tem mais vigor e impressiona muito mais. Este compositor natural de Lachen, dedicou-se a todos os generos de composição, e nos nossos salões as suas obras de piano são bem conhecidas.

Esta *symphonia*, que tem por titulo *Na floresta*, passa por ser



LISZT

uma das suas melhores obras para orchestra, assim como a que tem por titulo *Lénore*; *Na floresta*, é dividida em 4 partes: a) o dia, b) o crepusculo, c) dança das Driadas, d) a noite, caça phantastica. A instrumentação é cheia de contrastes, embora haja trechos demasiado longos como foi o segundo andamento. Luiz Romain na sua obra «*Essais de critique musicale*», faz-lhe grandes elogios, dizendo que é uma obra de musica descriptiva habilmente burilada.

Agradou-nos muito a ultima parte, pois que a sua musica é grandiosa, selvagem, e cheia de intensidade dramatica.

Tivemos tambem os conhecidos *Preludios* de Liszt. Fazem parte do repertorio das grandes orchestras, e embora não seja uma das suas melhores obras, os *Preludios*, encerram todavia grandes bellezas, traduzindo a phrase musical aquella doçura dos versos de Lamartine d'onde Liszt se inspirou.

Este grande compositor, uma das mais authenticas individualidades musicas, foi o creador da composição descriptiva, no poema symphonico; possuindo a sua obra sempre uma inspiração espontanea, muito clara, sem artificios complicados.

A idéa nasce-lhe clara e é exposta pela orchestra de um modo soberbo.

Na ultima parte do concerto tivemos um trecho do *Parcifal* de Wagner, em que a orchestra nos deu momentos deliciosos. Impossivel traduzir melhor todas aquelles paginas mysticas do mes-



HAYDN

tre de Bayreuth! Musica maravilhosa, que dá ás almas um crescendo de crença!

Depois o *D. João* de Strauss, musica assaz complicada fez com que a orchestra recebesse grandes ovações.

Chegamos finalmente ao quarto e ultimo concerto. Duas obras despertavam a nossa curiosidade, pois que eram assignadas por dois grandes vultos: a *Symphonia n.º 13* de Haydn, e o concerto em ré menor de Haendel. Haydn foi um compositor que tem um papel importante na formação da *symphonia*, tendo vivido parte da sua vida no castello de Esterhazy em Eisenstadt, com uma sociedade elegantíssima; alli esteve em contacto com pessoas de alta distincção, compondo mus-

icas para grandes festas que lá se realizavam. Apesar de ser um *crente*, a sua musica religiosa é bastante profana, a musica *symphonica* traduz o meio em que viveu pela delicadeza da expressão, pelo colorido da phrase, pelo arrendilhado da orchestração. Vimos n'esta *symphonia*, como podemos notar nas restantes, que os desenhos musicaes são de uma elegancia notavel! O *Largo* possui qualquer coisa de phantastico, mas de uma phantasia não profunda, mas sim, alada, em que os violinos, clarinetes e flautas apresentam-nos uma linguagem delicada e graciosa. O *Final*, que foi bisado, diz bem claramente a forma delicada de Haydn, deixando-nos em uma atmospha de encanto que

nunca mais se apaga. Obras que vivem seculos.

Haendel é outro genero de compositor, é impetuoso, a sua musica tem mais grandeza,

menor poder suggestivo. Está isto bem marcado em todas as suas obras.

Contemporaneo de Bach, ao passo que este possui uma arte que nós poderemos chamar *interior*, Haendel, é claro, possui *franqueza* na exposição da phrase; ao mesmo tempo que nasce atravez do seu brilhantismo uma sentimentalidade pouco vulgar. O concerto é o fiel testemunho do que acabo de expôr.

Na terceira parte tivemos *L'aprenti Sorcier* de Dukas. Compositor da nova escola franceza, se não possui o symbolismo de Debussy, os *arrôjos* de Ravel, a sua orchestração, embora com dissonancias por vezes, encanta-nos pelo brilhantismo da *Idéa*, pela riqueza da imaginação.

De Strauss ouvimos mais uma vez a *Morte e Transfiguração*. A nossa opinião sobre este auctor ficou de pé. Musica sem inspiração, com pretenções ridiculas. O concerto terminou com a *symphonia* do *Tannhauser* de Ricardo Wagner, mais uma vez tocada brilhantemente. Por estes concertos, vimos que esta orchestra de Munich possui uma qualidade essencial: um grande equilibrio na execução; as phrases bem acabadas, os *pianissimos* e os *crescendos*, habilmente conduzidos!

Lassalle, joven ainda pois tem apenas 34 annos, é um director d'orchestra essencialmente moderno. Conduz a sua orchestra de uma forma admiravel, dando uma execução cheia de sentimento principal-

mente em Berlioz e Wagner. Concertos d'esta ordem são estimulos ou pelo menos devem ser, para os nossos artistas. Mas infelizmente



HAENDEL



JOSÉ LASSALLE

encurralados nos animatographos e theatros poucos foram aquelles que puderam gozar esta bella orchestra!!

O nosso artista, além de viver em um meio tão atrazado em arte, quando poderia *ouvir boa musica*, para não perder uns mi-

seros tostões que são quasi sempre o amparo da familia, deixa de ouvir concertos d'esta ordem que lhe serviriam de educação artistica.

O nosso musico é infeliz em tudo, e isto faz-nos pena, porque ha muito talento ignorado. Coisas da nossa terra...

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Crómo

PASSA NA RUA, DONAIKOSA E ESPERTA,
VARINAZINHA, POSTA A MÃO NA ANCA:
COMO HA CALOR, A CAMISINHA ABERTA
DEIXA ENTREVER A PELLE FINA E BRANCA.

CABELLOS LOIROS, PRESOS SOB O LENÇO,
SÁIA RODADA PELO CALCANHAR,
DOU-LHE DEZ ANNOS, QUANDO MUITO, E PENSO
QUE UMA AVEZINHA LHE ENSINOU O ANDAR.

OH! QUE GENTIL, ESBELTA FIGURINHA!
UNS OLHOS GRANDES, COR DE AGUA MARINHA,
SORRISO ALEGRE COMO O SOL DE V'RÃO!

DEIXÁL-A IR! SE LHE DIZEIS QUE É LINDA,
DESPAZ-SE O ENCANTO: PERDE ESSE AR QUE A ALINDA,
PRAGUEJA E INSULTA COMO UM CARREJÃO.

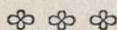
Maria da Cunha.

Somatose

Recommendada nas doenças do
ESTOMAGO E DOS INTESTINOS
Vende-se nas pharmacias e drogarias



Vida universal



*Como te enganas tu, fatua creatura humana,
julgando-te, entre os mais, o unico ser pensante!
A origem d'onde vens, é a mesma d'onde emana
o insecto; e a ave, e o musgo, e o mineral brilhante.*

*Tudo em torno de nós é vivo e palpitante;
e, em toda a parte e sempre, a força soberana,
mude embora de aspecto, ou surda, ou trovejante,
no principio e no fim, tudo o que existe, irmana.*

*Se da vida preseruto o mysterio profundo,
vejo un'alma commum dando a existencia ao mundo,
eterna, a reviver nos plasmas, nos crystaes . . .*

*Sob formas sem conta a mesma luta antiga!
E as mesmas sensações de dôr e de fadiga,
no homem, no cão, na flor, nas pedras, nos metaes.*

Pernambuco — Setembro, 1910.

Odilon Nestor.



Senhoras em evidencia

Arte

Esta formosissima senhora, cujo perfil insinuante e doce illumina hoje as paginas desta revista, allia ao seu coração de ouro, esmaltado de bondades, um dos mais finos e mais cultos espiritos femininos que conhecemos.

Filha do grande e saudoso jornalista que foi Marianno de Carvalho, de seu pae herdou as faculdades intellectuaes que tão grande o fizeram, destacando o seu nome dentre as mais fortes individualidades do seu tempo.

Marianno de Carvalho era mais do que o fino polemista de coisas materiaes e enfadonhas.

O seu espirito altissimo punha um tão requintado sabor artistico, ainda nas discussões mais frias, que a todos encantava e seduzia.

A sr.^a D. Maria da Conceição de Carvalho Baptista de Sousa herdou tambem de seu pae o amor pela belleza artistica, e, embora receosa de dar abertamente ao publico as vibrantes e perfeitas manifestações do seu symphatico talento, recolhida naquella adoravel modestia que tão encantadora a torna para todos que a conhecem, tem no entretanto cultivado as letras com a maior despretenção e a mais doce singelleza que podem adornar um superior espirito de mulher.

Nos salões do palacete dos seus sogros, os

senhores viscondes de Carnaxide, que são uns fanaticos apostolos da Arte, em quaesquer das suas manifestações, foram ainda não ha muito representadas duas das finissimas comedias da sr.^a D. Maria da Conceição, intituladas *Amores* e *Os noivos*, que fizeram as delicias e o encanto da selecta assistencia dessa festa.

Miniaturas — outra linda comedia em dois actos, — é um magnifico estudo do tempo da revolução francêsa e do Imperio, onde o bello talento desta senhora se affirma cheio de força e de graça, de delicadeza e de mimo.

Todos os seus trabalhos porém, vivem dentro da sua casa, no carinho e no apreço da sua familia e dos que, como nós, lhe devotam os extremos da sua amizade e da sua admiração, sem ainda terem recebido os applausos do nosso limitado mundo artistico.

Emygdio Navarro — outro grande e involvidavel jornalista — referindô-se um dia a esta distinctissima senhora, num bello perfil que lhe traçara, synthetisou em três palavras, delicadamente e com a mais absoluta e completa precisão as qualidades moraes e intellectuaes que a caracterizam: *Tento, talento e tino*.

Emygdio Navarro, no seu precioso laconismo, soubera ser soberanamente justo.

Fazendo votos para que a sr.^a D. Maria da Conceição de Carvalho Baptista de Sousa vença a timidez — tão graciosamente feminina — que o publico lhe inspira, esperamos ter occasião de applaudir seu alto e gentilissimo espirito de artista, que tanto nos prende e nos encanta.



D. MARIA BAPTISTA DE SOUSA

Chronica da moda

Folheando pergaminhos reaes. — A «coquetterie» da velhice é uma «demi-certu». — Para cada phisionomia um penteado. — A moda das saias estreitas triumphando em toda a linha. — Os manteaux com capuz. — Descrição d'um lindo modelo. — A reaparição da astrakan. — A desordem na logica da moda. — A chegada do inverno. — Os tecidos novos. — O setim «double-face». — Os tecidos ligeiros misturados com pelles. — A inspiração da escola inglesa. — O reaparecimento das quilhas. — etc., etc.

Folheando um dia destes um interessante livro amarellecido pelos annos, encontrámos nelle uma affirmação que se casa perfeitamente com a nossa maneira de sentir e logo pensámos em submittê-la á apreciação das nossas leitoras gentilissimas, presumindo-as de accôrdo com as nossas ideias. — «A *coquetterie* da velhice é uma *coquetterie* santa, pois obriga cada um a tomar mais cuidado com a sua pessoa para não desagradar do que a juventude em geral toma para agradar!»

E' evidente que a *coquetterie* em questão não envolve as grotescas pinturas do rosto, os arrebiques d'um falso e detestavel brilho, os penteados exaggerados, nem as *toilettes* incompatíveis com a idade; mas trata dos cuidados delicados, que são quasi uma *demi-vertu* — um signal consagrado ao respeito por nós proprios e ao respeito pelos outros.

Juntando a uma atmosphera de indulgencia amavel um pouco de philosophia serena, adquiriremos depressa a convicção de que nada ha que mais se approxime do verdadeiro altruismo que esta adoravel *coquetterie*, pois não é verdade?

No mesmo livro amarellecido dentro da sua capa de pergaminho real, lêmos ainda mais o seguinte:

«Existe para cada phisionomia um penteado — um só! — capaz de revelar todos os attractivos.»

Esta outra affirmativa entregamol-a sem commentarios nossos ás queridas leitoras, na convicção de que não haverá mulher nenhuma que haja chegado aos trinta annos sem nunca ter mudado de penteado.

E ainda do mesmo precioso *in-folio*: — «E' preciso que uma mulher, embora parecendo penteada como todas as outras, o seja todavia da maneira mais adequada ao seu perfil e ao seu feitio.»

Eis pois uma grande verdade.

Um bonito rosto alongado e perfeito, pede um penteado simples graciosamente apartado ao meio.

Os cabellos levantados com elegancia natural, deixando a descoberto umas pequeninas e delicadas orelhas, ficam deliciosamente aos rostos arredondados, frescos e bem coloridos.

Um pode encantar-nos pela simplicidade, o outro pela severidade ingenua e linda do seu perfil de madona.

Não sabemos se as nossas queridas leitoras concordarão connosco, mas confiamos no seu bom gosto e na gentileza do seu espirito.

Entremos agora na ordem do dia, que se resume hoje, como sempre, em illucidar as nossas leitoras nos segredos e decretos da moda, nas mais recentes novidades, nos tecidos de maior sensação, nos feitos e nas *ferrures* que estão mais em voga e que presumimos destinados a fazer furôr na actual estação de inverno.

Apezar de todas as ironias, todas as *charges*, de tudo quanto se tem dito escripto e pensado, apesar da colera do Vaticano e da severa censura de certos americanos, a moda, a famosa moda das saias estreitas, — mais que estreitas! — triumphava desassombradamente! ainda que libertadas da *entrave*, as saias, não teem mais que a justa amplitude necessaria; as costureiras, com a sua generosidade conhecida, dão-lhes... o minimo de largura!

Quasi sem róa e bastante curtas conservam ás senhoras a *silhouette elancé*, que ellas tanto adoram. Apenas para os vestidos de *soirées* se vêem já as *draperies* e as grandes caudas elegantes e magestosas, sem comtudo a sua largura em baixo, ser demasiada. Foi talvez para responder á censura dos padres italianos que a habilidade das costureiras creou para nós, os largos *manteaux* com capuz e *cordelière* os quaes se assemelham singularmente, pelo seu côrte e pela sua côr castanha aos habitos dos *Capucinos*!

Não tinha eu já predito este successo?

E' o grande entusiasmo do momento, a verdadeira loucura!

Seria impossivel achar maneira mais espi-rituosa de «*s'humilier*» e as bellas impenitentes, tão severamente qualificadas de immodestas, adoptarão sem nenhuma duvida estes agasalhos tão graciosamente elegantes.

Vamos fazer uma pequena descripção d'um lindo modelo, d'estes agasalhos que nos encantou pela sua novidade: Longo, direito, em velludo lontra, debruado d'um setim japonês em raminhos rosa e azul e d'um azul um pouco duro, mas que nós tanto gostamos — este *manteaux*, era guarnecido em baixo por uma larga banda de *skungs*.

A mesma guarnição nas mangas apertadas por cordões de seda. Partindo das costas, em ponta, cruzando adiante num movimento de *revers* em chale, duas largas bandas da mesma *skungs*. Dissimulado por ellas apparece o pequeno capuz, não deixando senão adivinhar entre a pelle sombria, as rozas e o azul do setim japonês.

O successo do capuz acentua-se largamente, apparecendo nos *tailleurs* de velludo, de sarja de *ratine* e de *leure*, sobre os *manteaux* de setim, de panno, tambem mesmo nos de lontra e *astrakan*, sobre os elegantes «*tea goovons*» e substituindo com vantagem a *écharpe* e a banal mantilha.

Todos *fanfreluchés* de rendas e puerilidades graciosas (como dizem) nada ha para embelezar os lindos rostos das nossas leitoras, como esses capuzes vaporesos e leves, em ricas rendas de Inglaterra, Chantilly ou na transparente *mousseline*, debruados de *chinchilla*.

E assim, lindamente emolduradas nesses graciosos capuzes, mais irresistíveis se tornarão os seus encantos. E' ainda a fôrma capuz que modernizará as *écharpes* de pelles, debruadas de veludo, ou de velludo, debruadas de pelles — porque tanto umas como outras terão enorme successo.

Surge uma nova maravilha sem duvida, sendo muito bem acceita, — a reaparição da *astrakan*. Esta severa e classica pelle de que até agora se não havia conseguido senão grosseiros exemplares, é, pois admiravelmente imitada. E' por emquanto uma imitação que tem mantido alto preço o que por certo impedirá de se vulgarisar; tanto assim que muitas das nossas principaes casas não hesitam em empregar-la como guaranição rica dos *tailleurs* de velludo.

Fazem-se tambem bonitas *écharpes* e grandes regalos, entremeados alternadamente de finas *mousselines* e da *pseudo-astrakan* sobre o velludo.

Se esta pelle tem a desvantagem de ser menos quente que qualquer outra verdadeira, tem a vantagem de ser menos dispendiosa, o que é importante.

Estamos certas, de que para as senhoras economicas não as assusta este motivo *imperioso*. Pode na realidade não aquecer tanto, mas é confortavel para a *bolsa* e consegue com pouco fazer uma *parure* elegante d'um apurado gosto discreto e seguro.

«*Pas de foi qui geux*» como diria Gavroche, mas não levemos tão longe o nosso pessimismo e severidade, porque, ha muito longo tempo reina a desordem na logica da moda!

E tambem, não é em materia de elegancias que nós queremos experimentar o poder da illusão!

O inverno chegou com todo o seu rigor e com todos os seus encantos, porque é indiscutivel que tambem os tem, e muito poderíamos dizer sobre elles se a nossa missão não fôsse, falar de modas.

Il nous apporte à nous — outra maravilha! — a revelação ardentemente esperada de tecidos novos que nos envolverão nos seus tons variados e lindos.

Vejâmos as *soieries* como ellas vão gozar este inverno d'um prestigioso entusiasmo. Ha outras novas creações, que são d'uma suprema sumptuosidade, em geral pesadas, pendentes, mas infinitamente flexiveis, apezar da apparencia dura e aspera que tem algumas. As mais simples, mas encanta-

doras pela novidade, são as *charmeuses*, o *crêpe Jacondo*, o *panno Imperial*, *l'Ondoyant*, *le Pe-*



VESTIDO PARA JANTAR NUMA VISITA A CASA DE CAMPO
(Ultima moda de Londres)

Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a saude e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE**.

plum le Dalila — o novo crêpe glacé *Charmeuse* — e a *moiré* fluida, assetinada, a *moiré* madri-lena e o crêpe *Troubadór*, em que os seus reflexos brilhantes, muito docemente atenuados, teem um grande encanto. Estes tecidos, mais ou menos baços, sem transparencia, empregam-se indifferentemente para os vestidos *tailleurs*, para *toilette*, por serem os de maior novidade, elegantes e praticos. Outro se nos depara com enorme successo; é o setim *Janus*. E' paradoxal, encantador, minhas senhoras! porque é *double face*!

D'um lado setim de seda, do outro panno de lã. Foi uma feliz produção e um trabalho perfeito, artistico e firme; muito maleavel e d'uma facil execução.

Apareceram este anno em Deaunille algumas *toilettes* combinadas em *mousseline* da India, bordadas em relevo e bandas de arminho.

E' positivamente seductora esta mistura de tecidos ligeirissimos com ricas guarnições de pelles!

E' ilogico, confessamol-o e repetimol-o, mas na moda não pode nem deve existir a logica. Achamol-a infinitamente graciosa conveniente e feminina; não nos podendo orgulhar d'esta nova invenção porque é com certeza inspirada nos retratos da escola inglêsa, que offerece exemplares encantadores e lindos.

Ha combinações completamente novas, como um *tailleur* de setim ou *moiré* com quilhas e *revers* de pelles, accrescentando porém que as quilhas estavam ha muito postas de parte, reaparecendo agora com agrado geral.

Vivem os estofos ligeiros e as pelles, na melhor e mais agradável das camaradagens, numa graciosa mistura, que, por certo, se prolongará todo o inverno, sobre tudo em *toilettes* de theatros e baile.

Au revoir pois, gentis senhoras.

Promettemos *novas* sensacionaes para a proxima chronica.

Eugenio Vieira

Eugenio Vieira, um prosador cheio de robustez e de observação, acaba de publicar um livro de versos intitulado *Cantos vagabundos* onde ha distribuido á flux sentimento, inspiração, ironia, dôr e amargura. São d'elle as seguintes quadrinhas cheias de philosophico humorismo.

Olha se temos morrido!...

*Quando amôr te declarei,
tu, donzella, te zangaste;
a seguir, me desprezaste.
Por pouco me não matei!...*

*Fingi depois não te amar,
pra que o teu amôr me desses:
e, pensaste em te matar,
embora m'o não dissesses...*

*Mas hoje, que ambos andamos
presos de amôr no sentido,
de nós rindo exclamamos:
«Olha se temos morrido?...*

Perpassa por todo o livro um subtil bafejo de revolta latente e de resignação delicada.



EUGENIO VIEIRA

Eugenio Vieira é um crente, trabalha com todas as forças da sua experimentada energia, mas nem sempre o triumpho lhe tem sorrído.

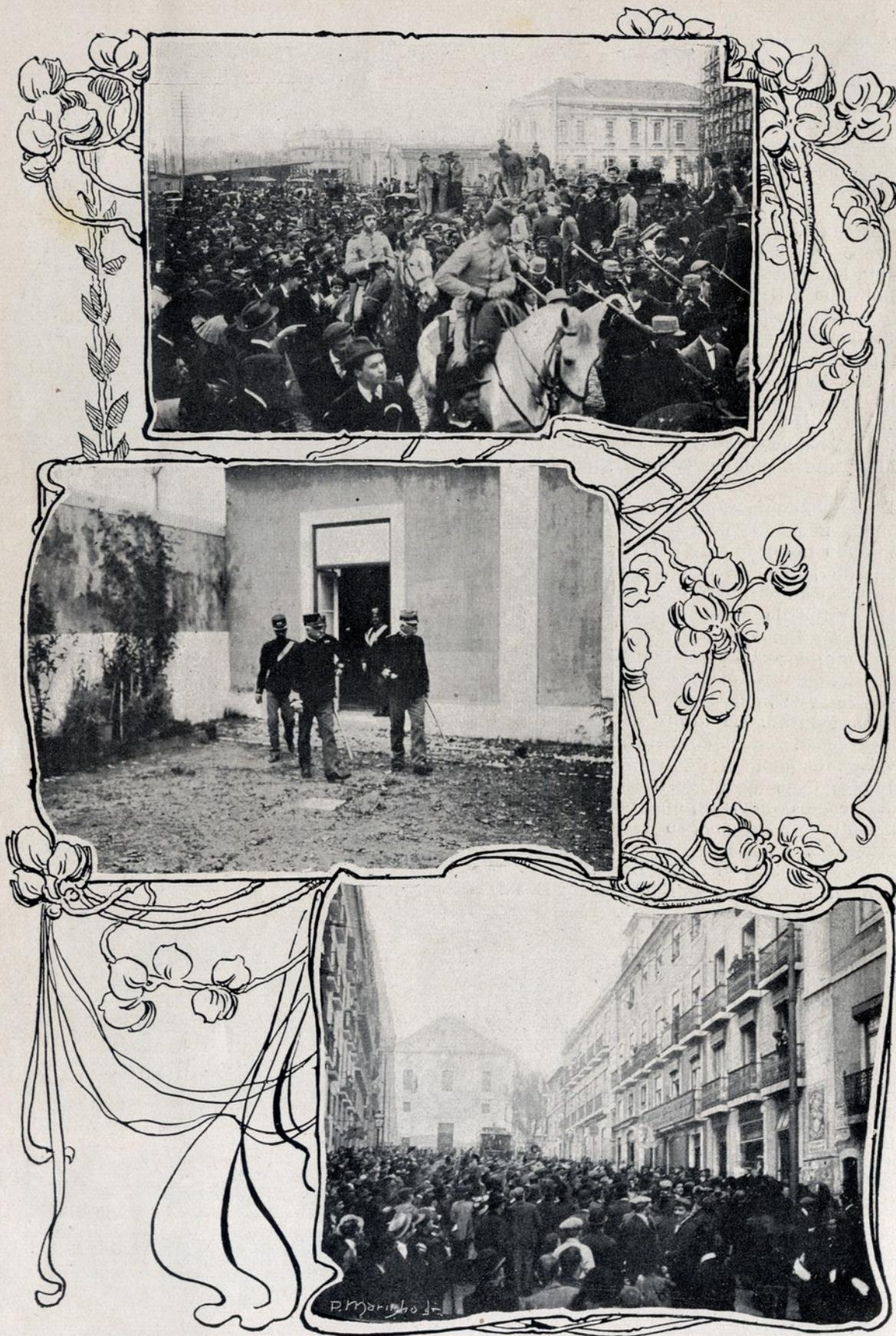
Luciano de Araujo

E' um bello rapaz, que tem tanto de modesto como de intelligente e bondoso. Publicou ha dias um interessante livro de versos, *Expansões*, onde revela optimas qualidades de



LUCIANO DE ARAUJO

versejador, a que não andam alheias nem a sentimentalidade tão característica da nossa raça, nem o estro sem o qual não ha poeta digno d'esse nome.



1. EMBARQUE DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS — 2. VISITA DO MINISTRO DA GUERRA, SR. CORONEL BARRETO, A' ESCOLA DO EXERCITO — 3. MANIFESTAÇÃO A MAGALHÃES DE LIMA, DE-FRONTE DA SUA RESIDENCIA.



1. BANDO PRECATORIO DA ESCOLA NORMAL — 2. BANDO PRECATORIO DA LIGA REPUBLICANA DAS MULHERES PORTUGUEZAS — 3. JUNTO A' CAMPA DE MIGUEL BOMBARDA E CANDIDO DOS REIS.

Theatros

S. Carlos. — Com a inspirada partitura de Massenet, *Werther*, reabriu o theatro de S. Carlos, podendo registrar-se essa noite, como uma das mais brilhantes pela fôrma como foi executado todo o *spartito*. A sr.^a Marie de L'Isle, confirmou o que a seu respeito ha muito se diz no estrangeiro; — é uma cantora distincta, sabendo com arte conduzir a voz, de bello timbre e de facil-emissão; a parte de *Charlotte* foi desempenhada com applau os geraes, conquistando egual resultado o tenor Leon David, já nosso conhecido e apreciado, e que, de novo, no monologo do segundo acto e nos duettos com o mezzo-soprano, se distinguiu, e assim o barytono Ghasne, ainda que nos pareceu não ser esta a opera onde melhor se possa evidenciar, o que não quer dizer, que na parte de *Alberto* deixasse de ter uma feliz interpretação; a romanza do primeiro acto, por exemplo, foi cantada com bastante brilho. Bem a orchestra sob a direcção do maestro Flon.

Nacional. — E' incontestavelmente um bello trabalho, a peça *Lei do divorcio*, em 3 actos e 1 prologo, do laureado dramaturgo, sr. Augusto de Lacerda, que, ha muito, se evidenciou no theatro, como um dos nossos mais distinctos escriptores dramaticos, havendo a attestal-o, entre outras, a sua ultima peça, o *Judas* que sobremaneira honra o repertorio d'aquella casa de espectaculos. A *lei do divorcio*, é um drama empolgante, traçado com mão de mestre, em que não se sabe que mais admirar, se o trabalho de arte, se a belleza do dialogo. Da primeira á ultima scena a acção decorre gradual de interesse e em deducção logica desenvolve a these que o auctor teve em mira; não ha scenas fracas e antes uma cadeia bem trabalhada e cravejada de verdadeiras perolas litterarias. Os dois papeis, o de *Celeste* e *Paulo*, estão nitidamente traçados e dão, entre os outros, a ideia precisa do thema que o auctor defende com habilidade e com poder persuasivel; além d'isso, tem a peça um magnifico desempenho por parte de todos interpretes, e sómente, por difficuldade de personagem se deve especialisar Adelia Pereira, que desde o theatro Apollo, conhecido antes pelo do Principe Real, vimos a elogiar, como sendo uma actriz de futuro. A sr.^a Adelia Pereira tem habilidade natural para a carreira que abraçou e além d'outros predicados, diz bem e possui um timbre de voz, forte e muito agradável; é, repetimos, uma actriz de largo futuro. Não deixaremos, porém, de citar Joaquim Costa, Augusto de Mello, Ignacio, Pato Moniz, Carlos Santos, Mendonça, Calazans, Augusta Cordeiro e Maria Pia, que se houveram no desempenho á altura dos seus creditos artisticos. E para prova do exito da peça, basta que digamos que não só na *première*, como nas recitas seguintes o auctor teve chamadas especiaes, partilhando das manifestações do publico, todos os artistas.

As mais elogiosas referencias as merece a

peça de Bracco, *Perdidos nas trevas*, pois que, sem duvida, representa uma obra de valor e das mais notaveis do notavel escriptor. Altamente emocionante, em algumas das suas scenas, vibra o sentimentalismo n'uma tensão forte, em demasia commovente e com o especial factor do effeito theatral, quer na preparação de fôrma, quer no epilogo da acção. O 2.^o acto, a nosso ver, o melhor, substeancia a parte mais empolgante do entrecho e tem no seu decurso, como que um iman, que prende o espectador fazendo-lhe sentir a impressão suggestiva d'uma grande dôr moral. E para complemento da obra de Bracco, deram os artistas do Nacional, vida e côr ás suas personagens, n'um conjuncto tão egual que seria injustiça especialisar estes ou aquelles dos seus interpretes, a que para mais se juntou uma correctissima traducção.

A comedia, em 1 acto, com o titulo, *Como se escolhe um genro*, é uma peça de factura delicada, de espirito fino e que bem dispõe o publico para depois apreciar um trabalho de these. E' uma comediasinha boa para abertura d'um spectaculo, já pela simplicidade do enredo, já pelo humorismo que polvilha uma meia duzia de scenas, dispostas com habilidade e de agrado seguro.

Fica para o numero seguinte falarmos da peça *O 93*, adaptação de Augusto de Castro.

Republica. — Como os demais annos, constituiu um facto sensacional no nosso meio theatral a abertura do theatro da Rua do The souro Velho, cujo programma da época annunciou um elevado numero de attractivos, encerrando, o d'este anno, além d'um repertorio magnifico, um bello grupo de artistas a que se juntaram os nomes de Eduardo Brazão e Ferreira da Silva, duas figuras de destaque e de ha muito consagradas. São de mais conhecidas as biographias d'esses illustres artistas, a sua gloriosa galeria de ovações, bem como as de Augusto Rosa, Angela Pinto e Adalina Abranches para que, alguém ponha em duvida, do brilho da presente temporada, e não preveja, com opinião firme, as muitas noites de boa arte que notabilisarão a época que começa.

Para principio a illustre empreza d'aquelle theatro deu algumas recitas com as peças da época passada, como a *Primeira causa*, de Bisson; *Santa inquisição*, de Julio Dantas; *O ladrão*, de Bernstein; *A minha mulher noiva d'outro*, de Gavault e Chavrai, *Os postigos*, de Schwalbach; *D. Cesar de Bazan*, *Tio Milhões*, etc., peças de exito seguro e a que largamente já nos referimos. Quem acompanhou a época ultima do theatro da Republica, por certo, tem bem patente o accentuado valôr d'essas peças, o primoroso desempenho que obtiveram que, com leves alterações se confirmou no presente, sendo de justiça, entre os que substituiram, elogiar Luz Velloso que soube imprimir todo o brilho da sua intelligencia ás diversas personagens de que foi encarregada interpretar. De Augusto Rosa, Chaby, Azevedo, Alves, Angela Pinto e Emilia d'Oliveira, que

dizer? — Nada ha accrescentar ao que dissemos. Confirmaram os seus nomes de artistas de merito e que sabem merecer a confiança que n'elles depositam, empreza e auctores.

A primeira peça nova da época, foi a de Duquesnel e Hennequin, *Patachon*, que o sr. Accacio de Paiva traduziu com o titulo *O convertido*, com a sua costumada proficiencia sobre o assumpto. A fama da celebre comedia *Patachon*, não era exaggerada, e como tem succedido em todos os theatros da Europa, obteve, entre nós, um exito em toda a linha; escripta em umas horas felizes e por quem, de facto, conhece bem o theatro, constitue o que se chama uma espirituosa comedia, de frescura leve, provocando a gargalhada sem esforço, pelo elevado numero de situações hilariantes e pela abundancia de graciosos ditos. Obedecendo á factura das suas congéneres, sem preocupações de theses; simples, na apresentação das personagens que conservam com firmeza as suas linhas geraes, pertence ao rol das boas comedias, das que serão sempre bem recebidas e alcançam completo agrado.

Adelina Abranches tem na peça um bello trabalho, firmando, em especial, no 2.º acto, os seus dotes de artista primorosa; Augusto Rosa, a distincção de sempre; Angela Pinto, Barbara, Luz Velloso, Chaby, Henrique Alves, Carlos d'Oliveira e em papeis secundarios, Zulmira Ramos, Juliana, Leonor Faria, deram o maximo relevo ás suas personagens, de fórma a constituir um magnifico conjuncto.

Trindade. — De novo a revista *No paiz do vinho*, encetou a sua triumphal carreira, chamando ao theatro successivas enchentes. Como em tempos dissemos, esta revista original dos srs. Leandro Navarro e André Brun, representa um trabalho honesto; critica sem ferir e sobretudo não faz uso da pornographia e nem por isso perde em valor; o espirito corre em barda sem melindres para ninguem e tão pouco estamos habituados a vêr em peças d'este genero uma linguagem tão cuidada, que mais motiva o nosso incontestavel applauso. Diga-se tambem, e mais uma vez, que *No paiz do vinho*, ha bellos quadros e linda musica de Filgueiras e Philippe Duarte e que a apothose ao dr. Miguel Bombarda e ao vice-almirante, Candido dos Reis, é de bello effeito e tem uma delicada composição musical a acompanhar inspirados versos de Felix Bermudes. O final da peça é tambem surpreendente. De resto uns quadros alterados, uns novos numeros de musica, muitas ovações de que partilhou o intelligente e incansavel empresario Affonso Taveira e teremos dito o que foi a abertura de época, n'este theatro, pela excellente companhia, que ha pouco regressou do Rio de Janeiro, onde conquistou muitas sympathias e muitas ovações. E como um bom filho á casa torna, lá temos fazendo parte do elenco, a distincta actriz Palmyra Bastos.

Gymnasio. — A nova comedia para Lisboa, de Alfredo Capus, que Portugal da Silva tra-

duziu com o titulo, *Paixões passageiras*, é, como a *Castellã*, do mesmo auctor, uma peça de architectura solida, que prende pela finura do dialogo e pela successão de episodios comicos, subordinados a um entrecho simples e gracioso. Por um pretexto, um nada, gravitam todas as figuras em torno da principal, com logica e um encanto de linguagem, que é uma das suas melhores qualidades; e tanto mais a apreciamos, quanto é certo sentirmos satisfação em vêr no palco d'aquelle theatro, peças como esta, que relembram os seus tempos de gloria. Depois, o desempenho é muito correcto destacando-se pelo valor da personagem, o actor Christiano de Sousa que, de novo, teve ensejo de pôr em relevo as suas qualidades de distincto artista que é. Lucinda Simões sobresaee igualmente como figura illustre da scena portugueza; Judith de Mello e Albertina de Oliveira estudaram com dedicação os seus papeis, dando-lhes o relevo preciso, e que é de justiça louvar. Cardoso, Cesar de Lima, Herminia Silva e Laura Hirsche formaram um bom conjuncto. Felicitamos Portugal da Silva pela sua magnifica traducção.

A seguir e para festa artistica de Jesuina Marques, subiu á scena, a comedia *Filha e sogra*, traducção de Sousa Bastos e que tem, como a sua antecessora um feixe de situações comicas que provocam a ininterrupta gargalhada da assistencia.

São 3 actos replectos de genuina graça, delineados por quem conhece de sobejo o theatro, com um entrecho complicado e scenas imprevistas d'um espirito esfusante, não dando motivo a poder dizer-se qual dos actos é o melhor. Tanto a beneficiada, como os restantes interpretes conservaram ás suas personagens toda a vivacidade pedida, occupando um dos melhores logares, Telmo Larcher que apresentou um bom trabalho.

Tanto esta comedia, como o drama em acto, *Honra de fidalgo*, com que abriu o spectaculo, obtiveram um exito completo.

O drama, original de Julio de Menezes, honra sobremaneira o auctor, que firma n'este seu trabalho, os seus muitos conhecimentos sobre e arte. E' um acto cheio de sentimento, agrinaldado por uma linguagem muito correcta. Virginia Farrusca, Herminia Silva, Cesar de Lima e Carlos de Sousa, foram juntamente com o auctor, muito ovacionados.

Avenida. — Voltaram á scena as duas rivaes, *Viuva alegre* e *A princeza dos Dollars*, a delicia-rem os habitués, do Avenida, contando as enchentes pelas recitas e sempre entre uma verdadeira chuva de applausos. São peças que se impõem, muito em especial, pela linda musica que teem e que, absolutamente, cahiram no agrado do publico, chegando a operetta *Viuva alegre*, a representar-se em quatro theatros ao mesmo tempo, e em todos com muita concorrencia. E coisa notavel, é sabido que á excepção da musica classica, a que possui uma textura ligeira, de muito que se ouve, aborrece; pois, com as da *Viuva alegre* e *Princeza dos Dollars*, succede precisamente o contrario, quanto mais

se ouve, mais agrada, d'ahi o não sahirem do cartaz.

Para remate da primeira serie de recitas, na época a que nos referimos, temos a frisar a linda opereta em 3 actos, *Amór de principes*, que, pelo entrecho, pela sua architectura, pela graça, pela *mise-en-scene*, guarda roupa, musica e desempenho, merece os mais rasgados elogios, e ser collocada entre as primeiras do seu genero. Não lhe falta a mais insignificante qualidade e assim, podemos affirmar que nos applausos tributados, não houve a menor parcella de favôr; é peça para lavar e durar, dando-se o facto até, de ter uma bôa marcação de scena e habil direcção orchestral. Citando os nomes dos que cooperaram na peça, terêmos dado o nosso applauso justo e merecido. Foram elles: Luiz Galhardo, traductor e director de scena; maestro, Assis Pacheco, interpretes: Cremilda, Auzenda, Gomes, Grijó, Santos Mello, Olympio Nogueira, Armando de Vasconcellos, Paiva e scenographo Carancimi. A opereta é original de Vizzoto e a musica do maestro, Eysler.

Apollo. — Fomos, talvez, dos que mais elogiámos a peça *O major magnesia*, traducção do sr. Marçal Vaz, não podendo portanto, ser levada á conta de má vontade, a nossa apreciação sobre o *vaudeville*, em 3 actos de Heurrequim e Veher, *A luva branca*, que pela sua desbragada linguagem, reprovamos, ficando assim de bem com a nossa consciencia. Não ha na nossa capital um theatro proprio para exhibir peças do genero da *Luva branca*; se o Apollo pertencesse ao numero, se fosse um d'esses theatros, nada teriamos a objectar; mas sendo, como é, uma casa de espectaculo onde todos julgam poder levar as suas esposas e as suas

filhas, tem que obedecer aos principios de todos e ter cuidado na escolha das peças. E' certo que algumas vezes, em outros dos nossos theatros teem egualmente sido exhibidas peças um pouco livres, mas essas como esta, da mesma fórma reprovamos. Os ditos com *doubie-sens*, perfeitamente d'accôrdo, de contrario não achamos de bom principio.

Devemos, porém, accentuar que o desempenho foi muito bom a cargo de Lucinda do Carmo, Amelia Pereira, Isaura, Romo, Pinheiro Nascimento, Silva, Guimarães, Pedro Machado e Lopes.

Depois d'esta noticia composta foi prohibida a representação da *Luva branca*. No proximo numero faremos a nossa apreciação sobre a opereta *O Fado*.

Rua dos Condes. — Continúa, como na Trindade, a companhia do actor Alves da Silva, a proporcionar ao publico apaixonado das peças patrioticas e emocionantes, bellas noites de espectaculo. As peças *Tomada da Bastilha*, *Ministro e rei* e *Conselho de guerra*, são typos friantes do genero, e a que preside um desempenho correctissimo e cuidado de *mise-en-scene*. Novos trabalhos theatraes se annunciam e a elles nos referiremos á maneira que forem apparecendo.

Colyseu dos Recreios. — Todas as noites... um casão! O imitador transformista Casthor, bem como todos os demais attractivos da grande companhia que funciona no Colyseu, são vivamente applaudidos e alguns bisados. A sala será grande de mais, mas está sempre cheia, o que prova a predilecção do publico por esse genero de divertimento e que elle é bom.

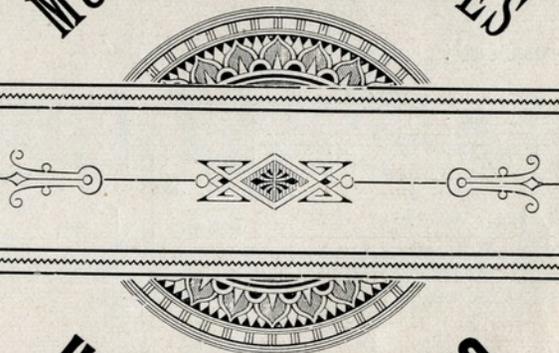
H. O.

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

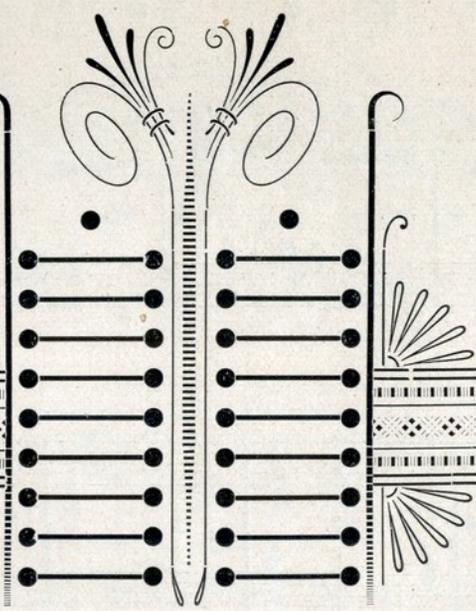
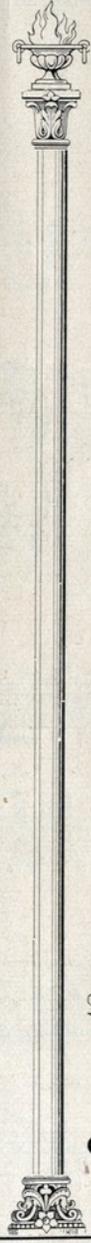
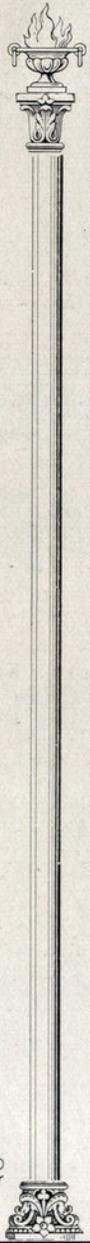
Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



MUSICA DOS SERÕES



HYMNO DO MINHO



Hymno do Minho

(Vulgo Maria da Fonte)



Allegro marcial.

Nº 8.

PIANO.

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). It begins with a forte dynamic marking (*f*) and contains several measures of music, including a half note chord and a quarter note melody. The lower staff is in bass clef with a common time signature (C) and contains a bass line with quarter notes and rests. Pedal markings labeled "Ped." with diamond symbols are placed above the lower staff at the end of the first and third measures.

The second system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melody from the first system, featuring a half note chord and a quarter note melody. The lower staff continues the bass line with quarter notes and rests. A piano dynamic marking (*p*) is placed above the lower staff at the beginning of the second measure. Pedal markings labeled "Ped." with diamond symbols are placed above the lower staff at the end of the second, third, and fourth measures.

The third system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melody with a half note chord and a quarter note melody. The lower staff continues the bass line with quarter notes and rests. Pedal markings labeled "Ped." with diamond symbols are placed above the lower staff at the end of the first, second, third, and fourth measures.

The fourth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melody with a half note chord and a quarter note melody. The lower staff continues the bass line with quarter notes and rests. Pedal markings labeled "Ped." with diamond symbols are placed above the lower staff at the end of the first, second, and third measures.

First system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music includes dynamic markings *f* and *mf*. The bass line has a fermata over the first measure.

Second system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music includes dynamic marking *f* and trills (*tr*) in the treble clef. Pedal markings (*Ped.*) are present in the bass line.

Third system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music includes multiple instances of the *Ped.* marking in the bass line.

Fourth system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music includes multiple instances of the *Ped.* marking in the bass line.

Fifth system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music includes multiple instances of the *Ped.* marking in the bass line, and a final *ff Ped.* marking.

EXPEDIENTE

*Terminando com este numero a minha interina direcção litteraria, direcção que foi muito além do periodo por mim estipulado, agradeço a todos que me ajudaram na difficil e ingratisima tarefa. Procurei durante esta minha interinidade tornar os **SERÕES** um campo neutro, aberto a todas as crenças e a todos os crentes, aos que começavam e aos que tem o seu nome feito. Não agradei, com certeza, a todos, embora empregasse todos os esforços para o conseguir. Resta-me pôr em relêvo a coadjuvação, lealdade e estima que sempre encontrei no director-gerente, general Caldeira Pires, e apresentar o meu substituto, Antonio Sergio de Sousa, herdeiro de um nome respeitado e de tradições de valentia, official de marinha brioso, poeta e escriptor de comprovado merecimento.*

Eduardo de Noronha.

Muita atenção :

BRINDE

Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe)

OU O SEU EQUIVALENTE EM RÉIS

Com o n.º 64, referente ao mez de outubro do nosso magazine **Serões**, enviámos aos estimaveis assignantes, **sómente assignantes**, a senha numerada para o sorteio do BRINDE que promettemos no primeiro numero do corrente anno, uma vez que os seus recibos se achem liquidados com a administração dos **Serões**.

Aos senhores assignantes por periodo de um semestre, foi enviada uma senha numerada, e dois numeros indicados na mesma senha áquelles que tinham assignado por todo o anno de 1910.

O sorteio realizar-se-ha com a grande loteria do Natal, que se effectua no dia 23 do corrente na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

As senhas numeradas foram unicamente enviadas aos assignantes que teem adquirido este magazine por meio de assignatura semestral ou annual, dentro do corrente anno, assignaturas cobradas em troca do respectivo recibo, passado pela administração dos **Serões**.

Esta explicação torna-se necessaria, visto alguns dos nossos correspondentes das provincias, que recebem os **Serões** em condições mui diversas, se julgarem com direito ao BRINDE, quando este só visa assignantes semestraes ou annuaes, e não compradores com commissão ou avulsos.

Toda a pessoa previdente e cauta
que a vida apanha com toda atenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** e sempre o tem à mão.

Blenol - Lindacutis - DERMOL

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL**, e os seus tormentos
De antigas dôres logo se curaram.

(Marca
registada)

DERMOL

O remedio
das
familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: herpes, dartsros, empigens, frietas, pellada, tinha, uçagre, lupus, crostias, etc., faz o **DERMOL** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira, a acção curativa do **DERMOL** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancras, pequenas queimaduras*, etc., a acção do **DERMOL** é benifica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **DERMOL** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de **DERMOL** sempre à mão em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, enfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o **DERMOL** quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycorboratado, antiseptico, de effectos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, foguegem, coceiras, e até evita o contaggio de

muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartsros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** e evitareis o contaggio de muitas doenças

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradável para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarros da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas somente com **Blenol**.

Unico remedio n'este genero que não faz

mal e pôde ser usado, tanto ás colheres como em injeções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effectos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrhéas e prostatites*, recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrhéa* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO



Ver instruções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instruções e attestados.

Doenças da pelle, empigens, dartsros, herpes, Virus de serpens, te qualquer pancada. Excoriação, ou golpe, ou callo molle: Põe-se **DERMOL** e ficam logo em nada.

Foguegem, caspa, eczemas, brotoeja; Qualquer que seja a inflammação da cutis: Usagres, Pridas, crostias, assentamentos. Tães soffrimentos cura a **LINDACUTIS**.

Soffres dos rins, do utero, das urinas, Doenças mofnas, mal de tanta gente? — «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll, «Usae **BLENOL**, interna e externamente».